

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE – UNIVILLE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PRPPG  
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE – MPCS

GILMAR DA SILVA FERREIRA

**AS SIMBOLOGIAS TEOLÓGICAS DA CATEDRAL DE JOINVILLE**

JOINVILLE

2017

GILMAR DA SILVA FERREIRA

**AS SIMBOLOGIAS TEOLÓGICAS DA CATEDRAL DE JOINVILLE**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville, na linha de pesquisa em Patrimônio e Memória Social. Orientador: Dr. Euler Renato Westphal.

JOINVILLE

2017

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

F383s Ferreira, Gilmar da Silva  
As simbologias teológicas da catedral de Joinville / Gilmar da Silva Ferreira ; orientador Dr. Euler Renato Westphal. – Joinville: UNIVILLE, 2017.

131 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade  
– Universidade da Região de Joinville)

1. Catedral de Joinville (SC). 2. Patrimônio cultural. 3. Arquitetura de igrejas. 4. Simbolismo na arquitetura. I. Westphal, Euler Renato (orient.). II. Título.

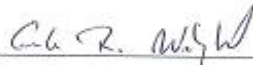
**Termo de Aprovação**

"As Simbologias Teológicas da Catedral de Joinville"

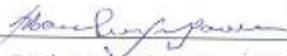
por

Gilmar da Silva Ferreira

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovada em sua forma final pelo Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Prof. Dr. Euler Renato Westphal  
Orientador (UNIVILLE)



Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli  
Coordenadora do Programa de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade

**Banca Examinadora:**



Prof. Dr. Euler Renato Westphal  
Orientador (UNIVILLE)



Prof. Dr. Itamar Luís Gelain  
(Centro Universitário Católica de Santa Catarina)



Profa. Dra. Luana de Carvalho Silva Gusso  
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Taiza Mara Rauen Moraes  
(UNIVILLE)

Joinville, 25 de julho de 2017. -

**DEDICATÓRIA;**

*À toda minha grande família, em especial à minha pequena família constituída pelos três amores de minha vida: minha querida e dedicada esposa Keli, minha filha Jaqueline, que soube conquistar seu espaço em minha vida e também à pequena Maria Rita por sua personalidade e presença marcantes ao meu lado.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me dar saúde e muita força para superar todas as dificuldades.

A UNIVILLE e todo seu corpo docente, além da direção e administração que me proporcionaram as condições necessárias para que eu alcançasse meus objetivos.

Ao meu orientador Professor Dr. Euler Renato Westphal por todo o tempo que dedicou a me ajudar durante o processo de realização deste trabalho. De modo particular quando passei por sérios problemas de saúde.

A toda minha família, de modo particular aos amores de minha vida, Keli minha amada esposa, além da Jaqueline e Maria Rita minhas filhas adoráveis.

Por enfim, a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, seja de forma direta ou indireta, fica registrado aqui, o meu muito obrigado!

*“Diga aos padres, aos religiosos e aos leigos que vale a pena servir ao Cristo! ... Mas que o façam inteiramente, na transparência de Deus”.*

(Dom Gregório Warmeling, duas horas antes de seu falecimento).

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar a análise de um monumento em Joinville: A Catedral. Esta análise tomou como base as simbologias contidas na arquitetura. O monumento em questão traz algumas simbologias concebidas a partir de uma representação teológica. Nesse caso, a análise da Catedral de Joinville teve como referencial a dimensão material e imaterial no contexto da representação teológica. A Catedral de Joinville foi projetada no final da década de 50, nesse período se falava em arquitetura moderna, mas as referências para catedrais que se tinham na época eram em estilo europeu, projetada de forma retangular. Esta é uma das grandes diferenças entre a Catedral de Joinville e as demais. O projeto da Catedral de Joinville traz traços da teologia de Teilhard de Chardin, percebida com mais ênfase nos vitrais. A Catedral é símbolo, é referência em espaço aberto para o culto. O monumento é visto como patrimônio cultural por representar a Igreja local e permitir que uma identidade local fosse construída. Preservar esse patrimônio significa preservar a cultura, crença, tradição, ritos e acima de tudo a imaterialidade contida em cada símbolo que a Catedral representa. A Catedral está cheia de significados para uma comunidade católica, mas a espiritualidade da mesma leva qualquer indivíduo a uma comunicação com o transcendente, pois o espaço evoca a espiritualidade, nesse caso o humano busca o divino e a Catedral é este espaço para se fazer memória.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural, Catedral, Materialidade, Simbologias Teológicas, Imaterialidade, sacralidade e secularização.



## ABSTRACT

This work aims to analyze a monument in Joinville – The Cathedral. This analysis is based on the symbology contained in the architecture. The monument researched brings some symbology designed from a theological representation. This way, the analysis of Joinville's Cathedral had as reference the dimension of the material and immaterial in the context of a theological representation. Joinville's Cathedral was designed in the late 1950s. In this period, modern architecture was popular, but the references to the cathedrals from that time were in European style, designed in a rectangular shape. In fact, this is one of the major differences between the Cathedral of Joinville and the others. The design of Joinville's Cathedral brings elements from the theology of Teilhard de Chardin, perceived with more emphasis in stained glass. The Cathedral is a symbol, it is a reference as open space for worship. The monument is seen as cultural heritage, because it represents the local Church and allows a local identity to be built. To preserve this heritage means to preserve the culture, beliefs, traditions, rituals, and the most important, to preserve all the immateriality contained in each symbol that the cathedral represents. The cathedral is full of meanings for a Catholic community, but the spirituality of it leads any individual to a communication with the transcendent, because the space evokes spirituality, that is, the human search for the divine, and the Cathedral is a place to create memories.

Keywords: Cultural Heritage, Cathedral, materiality, Immateriality, Theological Symbolizes Sacred and Secularization.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da primeira Igreja de Joinville .....	19
Figura 2 – Antiga catedral de Joinville .....	19
Figura 3 – Presença da comunidade na antiga Catedral .....	20
Figura 4 – Projeto do arquiteto Lucio Costa para a Igreja de Copacabana, 1953 .....	23
Figura 5 – Maquete da nova Catedral de Joinville .....	24
Figura 6 – Projeto escolhido por Dom Pio para a nova Catedral.....	29
Figura 7 – Etapa final da construção da Catedral de Joinville.....	30
Figura 8 – A Catedral de Joinville e seu entorno.....	36
Figura 9 – Espaço interno da Catedral com ênfase nos vitrais .....	78
Figura 10 – Escadarias externa a Catedral de Joinville .....	91
Figura 11 – Espaço interno com ênfase no altar da Catedral de Joinville.....	110
Figura 12 – Capela do batistério da Catedral de Joinville .....	114

## LISTA DE SIGLAS

AG – Decreto *Ad Gentes*

CD – Decreto *Christus Dominus*

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

MS – Constituição *Misterium Salutis*

NT – Novo Testamento

SC – Constituição *Sacrosanctum Concilium*

## SUMARIO

**RESUMO**

**ABSTRACT**

**LISTA DE FIGURAS**

**LISTA DE SIGLAS**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 A CATEDRAL DE JOINVILLE</b> .....	18
2.1 A CATEDRAL E SUAS CARACTERÍSTICAS MODERNAS.....	21
2.2 A CATEDRAL DE JOINVILLE E O CONCÍLIO VATICANO II .....	25
<b>3 O PATRIMÔNIO</b> .....	38
3.1 A ESPIRITUALIDADE DO PATRIMÔNIO .....	42
3.2 PATRIMÔNIO E MEMÓRIA .....	45
3.3 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE CULTURA .....	49
3.4 PATRIMÔNIO CULTURAL.....	57
3.5 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL.....	65
<b>4 A CATEDRAL E SUA SIMBOLOGIAS TEOLÓGICAS</b> .....	70
4.1 A TEOLOGIA CHARDIANA NAS SIMBOLOGIAS DA CATEDRAL .....	74
4.2 A REPRESENTAÇÃO CATEQUÉTICA CONTIDA NA CATEDRAL .....	81
4.3 O CONCÍLIO VATICANO II .....	86
4.4 DOM GREGÓRIO E SUA ATUAÇÃO PASTORAL .....	93
4.5 UMA REPRESENTAÇÃO ESCATOLÓGICA .....	96
4.6 OS LEIGOS NA COMPETÊNCIA EVANGELIZADORA .....	104
4.7 A ARQUITETURA DA CATEDRAL DE JOINVILLE .....	108
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	122
<b>ANEXO</b> .....	126

## 1 INTRODUÇÃO

O Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade traz como perspectiva uma estreita relação entre o pesquisador e o objeto pesquisado. Ainda na elaboração do projeto de pesquisa levantou-se a possibilidade de pesquisar um templo religioso como patrimônio. Dentre várias possibilidades a Catedral de Joinville apresentou maior potencial para a pesquisa e análise que se buscava. É uma arquitetura moderna, foi pensada num contexto de mudanças estruturais na engenharia civil. A técnica do cimento armado ganhava notoriedade e se consolidava como uma tendência moderna.

O cimento armado atende a demanda que havia por busca da ampliação de espaço livre para o culto em se tratando de templos religiosos. Outro fator que é preponderante na escolha desse projeto de pesquisa foi o fato de este projeto ter sido idealizado num momento em que a Igreja Católica pensava na possibilidade e até mesmo necessidade de um novo Concílio, o Vaticano II. As discussões que pautaram os bastidores pré-conciliares, foram discussões que estiveram presentes nos debates em torno do projeto para a construção da nova Catedral de Joinville.

O Concílio Vaticano II propõe uma horizontalização da estrutura “espiritual” da Igreja. Nesse contexto, abre espaço, por exemplo para a participação ativa dos leigos. Ao fazer uma analogia percebe-se que ouve uma forma de horizontalização da estrutura física também. A Catedral já manifesta essa dinamicidade na perspectiva de uma maior aproximação da assembleia ao altar por conta da amplitude do espaço criado.

Como veremos foi a partir do Concílio Vaticano II que a expressão “Povo de Deus” vai permear a ação pastoral e evangelizadora da Igreja Católica. Essa ideia de Igreja Povo de Deus confirma a ideia de Horizontalização na Igreja Católica.

Este trabalho de dissertação tem como objetivo geral, fazendo uso da metodologia qualitativa, analisar teologicamente o monumento em questão, a Catedral de Joinville. Importante perceber as razões da construção desse monumento. É de suma importância também levantar um questionamento: como perceber a representatividade teológica contida na Catedral? A partir desse objetivo

geral, avançar para os objetivos específicos. Perceber qual a contribuição desta arquitetura ou construção para a cidade naquilo que se refere a patrimônio cultural. Tem-se como proposta entender as razões por essa construção, uma vez que ao olhar para a catedral o indivíduo é convidado a romper com alguns paradigmas. Ou seja, a ideia de Igreja católica retangular precisa ser colocada de lado para então conhecer esse monumento que faz parte dos pontos turísticos da cidade.

É também objetivo específico desta pesquisa apresentar as duas possibilidades de apropriação do monumento. De um lado, se visto por um turista há uma percepção, mas se vista e contemplada por um cristão católico a percepção é diferente. A arquitetura evoca uma compreensão religiosa que na perspectiva do idealizador é uma verdadeira catequese conforme apresentado nesta pesquisa.

Joinville está localizada na região nordeste do Estado de Santa Catarina, foi fundada em 9 de março de 1851, com a chegada dos primeiros imigrantes da Alemanha, Suíça e Noruega, vieram a bordo da barca Colon. Os primeiros colonizadores chegaram dois anos depois, esses colonizadores juntaram-se com indígenas e portugueses já estabelecidos na região. Em 1852, a colônia passou a ser chamada de Joinville.

Além de abrigar indústrias líderes nos seus segmentos de atuação, Joinville destaca-se também pelo forte setor de serviços e pelo turismo. A cidade de Joinville é conhecida como Cidade das Flores, das Bicicletas, dos Príncipes e mais recentemente da Dança. Todo o trabalho realizado na cidade desde a sua fundação faz com que Joinville seja hoje o município mais populoso e industrializado do Estado de Santa Catarina.

Num primeiro momento os imigrantes eram todos protestantes, como o passar do tempo os católicos também aqui chegaram e deram início à comunidade presente e simbolizada pela Catedral. Em 1927 Joinville é elevada à diocese sob o comando de Dom Pio, seu primeiro bispo. A comunidade cresce e a velha Matriz não comportava mais os fiéis. Dom Pio procura então construir uma nova catedral. Não foi possível, sendo assim fez-se necessário a ampliação da velha Matriz. O sonho de Dom Pio não morre e propõe novamente a construção, uma vez que gastar mais dinheiro na antiga construção seria imprudência administrativa. Dom Pio escolhe um projeto, estilo barroco, para a nova Catedral. Não conseguiu dar

continuidade. Ficou enfermo, tendo que afastar-se do comando da Diocese. Em 1949 Dom Pio recebe ajuda para os trabalhos pastorais e em 1955 afasta-se definitivamente. Ficando em seu lugar o ajudante Dom Inácio Krause. Dois anos depois, 1957 chega à Diocese de Joinville Dom Gregório, o segundo Bispo da Diocese de Joinville.

Depois de um ano analisando a diocese e ouvindo as opiniões Dom Gregório decide que Joinville precisava de uma nova Catedral. Já conhecia o projeto escolhido por Dom Pio. Dom Gregório não se encanta com o projeto apresentado e então busca um novo projeto e apresenta os dois para serem analisados, e posteriormente votados em assembleia. Ganha o projeto do novo bispo.

Uma vez escolhido o projeto, faz-se necessário formar uma comissão de construção pró-catedral. Dom Gregório convida o senhor Dr. Sadalla Amim Ghanem para ser o presidente da comissão. O Dr. Sadalla já era conhecido porque foi quem esteve a frente da comissão para a construção do primeiro estádio de Joinville, o América Futebol Clube.

A partir do projeto escolhido é possível perceber que a Catedral de Joinville traz algumas particularidades que a difere dos estilos de catedrais conhecidos. Essas diferenças específicas estão relacionadas de modo particular com a dimensão teológica que esse patrimônio representa.

Didaticamente o trabalho está dividido em três partes. Essas conduzirão os leitores a uma melhor compreensão da proposta de pesquisa.

Num primeiro momento há uma apresentação da Catedral. Como ela foi pensada, suas principais características, os principais agentes envolvidos, os recursos utilizados, entre outros. Dentre os estágios de planejamento e construção, há uma perspectiva religiosa, essa apresentada por Dom Gregório. O então Bispo “não queria apenas parede ou uma grande construção vazia”, afirma Weber (2001, p. 63). Ele queria que a catedral fosse por si uma catequese. E assim foi construída a Catedral trazendo as seguintes representações.

A porta principal representa Cristo; as 12 colunas lembram os 12 apóstolos. As duas colunas mestras, ao lado do altar, significam a Bíblia e a tradição. Todas as colunas juntas representam o magistério permanente da igreja. Um cinto de concreto que reúne e dá consistência as colunas. Este cinto lembra a tríplice unidade de fé, de sacramento e de autoridade. A nave

central é grande para que o homem se sinta pequeno e sinta vontade de rezar. As cúpulas são como as mãos de Deus que dão cobertura à Igreja. Os 20 vitrais trazem luz e vida para dentro da Catedral. No sentido espiritual lembram a presença de Deus na Igreja. Os atributos de Deus pai, os sacramentos de Deus filho e os dons do Espírito Santo. (EGGERT, Jornal A Notícia, sexta-feira, 20/02/1981)

Cada espaço dentro e fora da Catedral tem suas representações. Mas essa análise será feita mais ao final do trabalho. Para entender as características teológicas desse patrimônio faz-se necessário entender algumas terminologias que fazem parte do contexto de estudo e análises de patrimônios, ou seja, na segunda parte do trabalho discute-se alguns conceitos formando assim uma consistente fundamentação teórica.

Ao adentrar na segunda parte da pesquisa o leitor se depara com uma fundamentação teórica onde discute-se os conceitos de patrimônio. Pelegrini e Funari (2006) tratam desse conceito definindo-o como uma ideia de herança, fazendo referência aos bens materiais. Ou seja, num primeiro momento o patrimônio é compreendido como tudo o que pertence ao homem, e nesse contexto, se fala daqueles bens que poderão ser deixados de herança para futuras gerações. Os mesmos autores ainda tratam dessa definição sob um outro ponto de vista. Eles falam da espiritualidade do patrimônio.

Na tentativa de se entender ou de definir patrimônio os debates continuaram. Fonseca (2009) traz uma abordagem diferente, a autora traz a definição do patrimônio numa perspectiva da comunicação social. Ela ainda fala da importância de se compreender a comunicação enquanto signos num sistema de linguagem que é própria desse processo. Esta linguagem poderá ser uma linguagem religiosa também? Pergunta esta que permite abrir as leituras e reflexões sobre o patrimônio em pesquisa.

Nesse contexto da comunicação, é de suma importância perceber onde o patrimônio está inserido. E a partir daí entender que o local de fala também é fundamental para a análise e compreensão do termo. Neste caso, se o ponto de vista for o arquitetônico, então deve-se falar do patrimônio edificado, ou seja, edificações que servem para usos diversos e que vão sem dúvida ser apropriados por aqueles que fazem uso desse patrimônio. Este trabalho traz o patrimônio a partir de um vies teológico, enquanto teia de significados culturais.



Martins (2001) fala que do ponto de vista religioso o patrimônio não deve ser percebido apenas a partir das edificações ou objetos usados para as mais diversas celebrações. Martins fala que os próprios rituais fazem parte do patrimônio daquela determinada religião. Isso porque a manifestação religiosa está diretamente imbricada com cultura de um povo ou de uma região.

Já o conceito de cultura é dinâmico a partir daquilo que é apresentado por Martins e Leite (2006), e esse conceito traz como objeto fundamental de estudo as questões antropológicas. Os autores ainda falam que o conceito de cultura não é, e nem pode ser algo fechado, ou limitado a essa ou aquela tendência, daí a sua dinamicidade.

Eagleton (2005) fala que cultura é tanto pessoal quanto social. Daí entendemos que o processo cultural perpassa a dimensão individual e abrange o social. Ele fala do deslocamento que acontece na compreensão quando sai do individual para o social. “A cultura vai de mãos dadas com o intercurso social”. (EAGLETON, 2005, p. 21)

O patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus e escolas, igrejas e praças. [...] O patrimônio cultural de cada comunidade é importante na formação da identidade de todos nós, brasileiros. (IPHAN, 2012)

No último capítulo encontra-se a reflexão acerca dos aspectos teológicos contidos na Catedral de Joinville. Esse capítulo encerrará a análise do objeto em questão. A Catedral de Joinville traz sua significância do ponto de vista arquitetônico, ou seja, há uma estrutura modernista que chama a atenção dos transeuntes que passam por ela, sendo eles católicos ou turistas não católicos.

Do ponto de vista da religiosidade, a Catedral de Joinville é rica em simbologias. Cada ponto do monumento tem sua representatividade, seu significado teológico, sua tradição, sua imaterialidade cultural. Isso será apresentado. O desejo de Dom Gregório expresso na estrutura era que não pedia ser apenas tijolo e concreto, precisava ser uma catequese.

Buscou-se então verificar qual era do desejo de Dom Gregório para tal monumento. Padre Bertino foi quem melhor descreveu o que o Bispo esperava que

a construção representasse. Com base nessas ideias é que se buscou nos Documentos da Igreja, e em cientistas religiosos ou leigos a fundamentação para toda a simbologia apresentada na Catedral de Joinville. E assim o leitor terá uma ideia completa de todo o processo de idealização e execução desse projeto monumental que é também um ponto turístico na cidade de Joinville.

Pontos cruciais para entender a representação teológica estão apresentados na última parte da pesquisa, pois é de suma importância entender as discussões pré-conciliares. Saber quais autores estavam pensando o Concílio Vaticano II, ajuda na compreensão do projeto. Conhecer a teologia de pensadores como Oscar Cullmann e Teilhard de Chardin torna-se fundamental para compreender o projeto e as representações da Catedral de Joinville que foi pensada num momento de abertura pastoral e teológica da Igreja católica iluminada pelo Vaticano II conforme poderá ser visto no trabalho.

Como membro dessa Diocese e tendo um interesse particular pelo tema foi que então pensei nessa pesquisa. Há um valor contido nesse monumento que se faz necessário ser explorado. Se Dom Gregório queria uma catedral que fosse por si uma catequese, faz-se necessário se perguntar se este monumento é visitado pelos catequizandos e seus catequistas da Diocese na contemporaneidade. O monumento enquanto pedra e cal pode não ter significado teológico, mas a partir da possibilidade do encontro com o Sagrado então a estrutura servirá também como possibilidade de apropriação e ao mesmo tempo de pertencimento à esta comunidade. Por fim, esta pesquisa deve abrir caminhos para retomar os estudos sobre a espiritualidade contida na Catedral de Joinville como ferramenta voltada para a catequese querigmática.

## 2 A CATEDRAL DE JOINVILLE

Para falar da Catedral de Joinville faz-se necessário abrir um espaço para apresentar o seu contexto. A Catedral foi idealizada numa cidade de migrantes.

De acordo com Filho (2001), no dia 9 de março de 1851, um grupo de 192 imigrantes, os chamados, pioneiros. Esses chegaram na barca Colon e desembarcaram às margens do rio Cachoeira, em meio à mata virgem, para construir a Colônia Dona Francisca, nas terras que integravam o dote da princesa Francisca Carolina ao casar com o príncipe de Joinville, François Ferdinand Phillippe Louis Marie – e dar início à história de Joinville.

Nos passos dos pioneiros, novas levas se seguiram e, me ritmo forte, os acontecimentos sucederam-se na incipiente colônia. O próprio perfil dos imigrantes começou a alterar-se quando da chegada da “Gloriosa”, trazendo capitalistas e empregadores, inicia-se a construção da estrada da serra, que levaria 30 anos para estar construída. [...] terá início o ciclo da erva-mate e a cidade permanecerá em contínuo crescimento populacional e econômico, até alcançar a posição de hoje: maior cidade e polo industrial do Estado de Santa Catarina (FILHO, 2001, p. 155).

O livro tombo da Matriz, 12º/1, p. 26 fl 61, registra no dia 17 de julho de 1867, uma declaração do Dr. Diringshofer, então diretor da Colônia Dona Francisca, na qual a Sociedade Colonizadora, entregava ao Governo Imperial, o lote 11º/36-D, sito na cidade de Joinville, rua Olaria, destinado à Igreja Matriz e a residência do Pároco Católico. Embora oficialmente esse título só tenha sido passado em 1867, já muito antes a Igreja havia sido construída para atender os ofícios religiosos.

A cidade progredia e aos poucos os católicos também foram aumentando e houve a necessidade de renovar o templo. E assim em 8 de dezembro de 1867, em meio a uma grande festa acontece a benção solene de inauguração da nova matriz, localizada no alto da Rua do Príncipe, onde encontra-se a atual Catedral.

Foi nesse contexto que a primeira Igreja Católica foi construída na Colônia. Tudo estava se desenvolvendo. Da mesma forma desenvolvia a comunidade Católica em Joinville. A imagem que segue mostra a região onde a primeira Igreja foi construída, datada em 1856.

Figura 1



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville/Divulgação. Disponível em <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/04/an-memoria-sabado-antiga-catedral-de-joinville-3293098.html>. Acesso em 12/08/2013

Figura 2



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville/Divulgação. Disponível em <http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia/2011/04/an-memoria-sabado-antiga-catedral-de-joinville-3293098.html>. Acesso em 12/08/2013.

Desde o início a participação do povo, comunidade local, foi muito intensa. A comunidade católica estava satisfeita com a construção da nova Igreja para as celebrações e também a realização dos ofícios católicos. Assim a cidade vai sendo povoada e da mesma forma aumenta a participação das pessoas na comunidade católica conforme pode ser observado na figura abaixo.

Figura 3



Fonte: Arquivo Histórico de Joinville / Divulgação. Disponível em [http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia\\_/2011/04/an-memoria-sabado-antiga-catedral-de-joinville-3293098.html](http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/noticia_/2011/04/an-memoria-sabado-antiga-catedral-de-joinville-3293098.html). Acesso em 12/08/2013

De acordo com Filho (2001) a primeira Igreja Católica foi sagrada pelo primeiro vigário, o padre Carlos Boergshausen, em cerimônia no dia 8 de dezembro de 1867. O templo, era majestoso e de grande porte para aquele momento da história. Era grande também para o número reduzido de católicos que estavam na colônia. Na verdade, mais de 90% da população professou o protestantismo em mais de 75 anos de existência da cidade.

Este dado é relevante, pois a pesquisa mostra as particularidades por onde passou o projeto da atual Catedral de Joinville. O diálogo religioso esteve presente. O ecumenismo fez parte da dimensão pastoral de Dom Gregório. Mais ainda falaremos dessa dimensão ecumênica, abertura pastoral e a presença de Dom Gregório no Vaticano II.

## 2.1 A CATEDRAL DE JOINVILLE E SUAS CARACTERÍSTICAS MODERNAS

A Catedral de Joinville tem várias características que a torna muito próxima, ou ainda, a coloca em comum com a história da cidade Joinville. Ela vem com os imigrantes.

Os primeiros anos do século 20 assistiram ao coroamento do projeto colonizador do Estado. Tanto Santa Catarina, quanto o governo da União havia investido vultosos recursos na vinda de imigrantes em sua fixação em Santa Catarina. Via-se agora, que este belo projeto alterara significativamente a realidade catarinense (FILHO, 2001, p. 214).

Segundo Coelho (2011) Joinville manteve uma aura comunitária na primeira metade do século 20. A partir dos anos 50 “Joinville rompe com as amarras e caminha numa nova direção. Aparentemente com um cotidiano típico de interior, mudanças emblemáticas anunciariam profundas transformações” (COELHO, 2011, p. 137).

Ternes (1986) fala, por sua vez, que a fase de industrialização mais recente está inserida em um cenário de pós-guerra. Na verdade, o autor faz referência ao ano de 1955. É nesse contexto que a industrialização pesada se fortalece e se expande. “Se a tendência até o momento prosseguir, Joinville se tornará, com o tempo, o centro da indústria pesada de Santa Catarina” (TERNES, 1986, p. 145).

Cabe aqui uma reflexão sobre as representações de migração e de migrantes que permearam as três obras de Ternes. Elas estão entrelaçadas, em certa medida, com as explicações propostas pelos estudos sobre o tema empreendidos desde fins do século XIX e que emergiram (e permearam) dos debates políticos sobre as transformações de cidades e países com forte presença de imigrantes (COELHO, 2011, p. 138).

As imigrações tendem para regiões onde a industrialização e urbanização estão em ascensão. Ternes (1986) fala que a vocação joinvilense é para acolher indústrias, e com isso vai se tornar rapidamente em líder na produção econômica interna.

[...] aliado a aspectos como energia elétrica melhor distribuída, facilidade de comunicação com os centros consumidores como Rio e São Paulo, proximidade do porto de São Francisco do Sul, e estoque humano em abundância, pela migração interna que se processa em Santa Catarina em

direção a Joinville a partir do início da década de 50, explicam a evolução populacional e econômica do município (TERNES, 1986, p. 145).

Assim, percebe-se que as transformações estão acontecendo na sociedade do ponto de vista político e econômico. É justamente nesse cenário que a atual catedral de Joinville é idealizada. E a religião católica neste contexto, como está? É possível perceber que algo começa a mudar. No contexto do pós-guerra a Igreja Católica organiza e prepara um Concílio que vai ao encontro do ser humano. O Concílio que vai olhar para o ser humano como povo sofrido de Deus. É na década de 50 do século 20 que a Igreja Católica se prepara para um novo Concílio, o chamado Vaticano II. Libânio (2002) fala que a maravilha do Concílio está na atitude de tirar o espírito livre e aberto de João XXIII em relação ao mundo externo. Fazendo isso, sem é claro, ficar preso às suas posições teológicas tradicionais. “E, por sua vez, foram assinaladas pelo Concílio, nos seus três anos de duração, as novidades teológicas por força do diálogo tão incentivado por João XXIII com esse mundo e com as outras religiões” (LIBÂNIO, 2002, p. 69).

Foi nesse contexto de estudos pré-conciliares que a Catedral de Joinville ganha forma. Libânio (2002), faz referência ao discurso de João XXIII como maravilhoso e programático e nele foi possível perceber o eco de duas palavras de ordem: “abrir a doutrina tradicional ao pensamento moderno e promover a unidade da família cristã e humana” (LIBÂNIO, 2002, p. 70).

O caminho de abertura percorrido pela Igreja Católica no antes e depois do Vaticano II, possibilita perceber que os envolvidos nesse processo eram homens de coração pastoral e aberto diz Libânio (2002). Esse caminho de abertura foi também um caminho percorrido na Diocese de Joinville. Um dos sinais dessa abertura pode ser percebido na forma como a Catedral diocesana foi concebida.

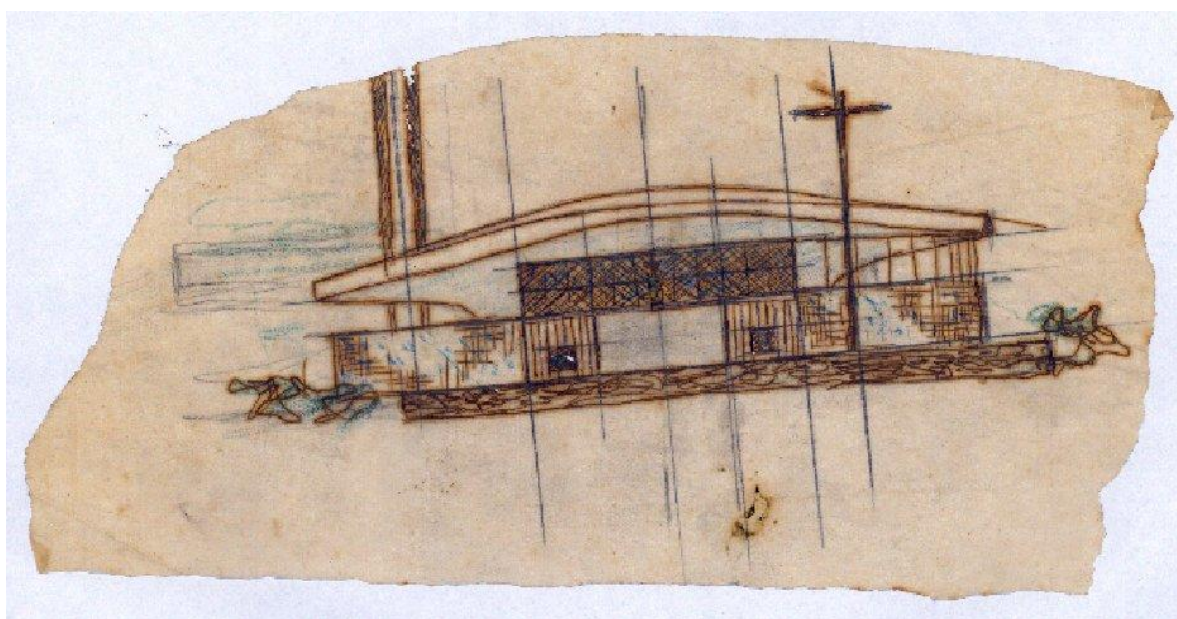
As catedrais eram pensadas de forma retangular, num estilo gótico na sua grande maioria. Já a catedral de Joinville tem características diferentes. Foi projetada para ampliar o espaço interno. Nesse caso fez uso do concreto armado. Essa forma de arquitetura ganhava notoriedade na década de 50.

De acordo com Bruand (2008) o Arquiteto Lúcio Costa desenvolveu um projeto para a construção da Igreja do Forte de Copacabana em 1953. Uma

estrutura onde o arquiteto procurou valorizar a flexibilidade do concreto armado. Com isso liberando espaço interno para o culto. É visto que liberar um espaço como esse numa estrutura de cimento armado era um feito audacioso.

Ainda de acordo com o mesmo autor esse projeto não deixava de lado as simbologias, pois o espaço era liberado a partir da cobertura em forma de concha conforme a figura abaixo.

Figura 4



Lúcio Costa. Igreja do Forte de Copacabana. Rio de Janeiro, 1953. Projeto não executado. Fonte: Bruand (2008, p. 138)

A grande abóboda em balanço, imaginada para liberar totalmente o espaço destinado ao culto, apoiava-se somente na cabeceira do edifício, deixando toda a liberdade para que o arquiteto escolhesse o fecho para os outros lados; [...] mas era fechada com painéis envidraçados para proteger dos ventos violentos vindos do Atlântico; [...] (BRUAND, 2008, p. 138).

Esse projeto chama a atenção por conta da sua grande similaridade com o projeto escolhido para a catedral de Joinville.

O projeto acima foi citado apenas para perceber uma possibilidade de compreensão da tendência arquitetônica contemporânea no Brasil na década de 50 e 60. Isso porque o projeto para a construção da Catedral de Joinville foi desenvolvido no final da década de 50.



Bruand (2008) apresenta e confirma a tendência da arquitetura da década quando fala do projeto de Niemeyer para a construção da Catedral de Brasília, sendo este projeto o ponto mais alto em matéria de programa religioso, a Catedral.

Niemeyer decidiu fazer dela uma obra revolucionária, digna da capital da qual deveria ser um dos monumentos marcantes. Ele não ocultou a atração especial que sentia por esse tipo de projeto, que exigia a criação de grandes espaços livres e o emprego de imensas estruturas onde intervinha o aproveitamento da técnica mais avançada. [...] Assim, foi de maneira natural que chegou à planta circular e teve a ideia de lançar para o céu uma armação constituída por uma série de elementos parabólicos cuja junção provisória, perto do topo, e posterior separação resultaria numa composição ascendente e simbólica que chamaria a atenção pela expressão religiosa que dela emanaria (BRUAND, 2008, p. 214).

O autor apresenta a perspectiva de Niemeyer como representante da arquitetura moderna no Brasil. Nota-se que a tendência estava também em Joinville quando se pensa num projeto moderno. A imagem abaixo mostra o projeto da Catedral de Joinville em forma de maquete. Nesta imagem percebe-se a presença do cimento armado onde abre espaço para culto e outras atividades.

Figura 5



Projeto da Construtora Marna Ltda., 1959. Disponível em: <http://www.catedraljoinville.com.br/historia/>. Acesso em 22/10 de 2015.

## 2.2 O CONCÍLIO VATICANO II E A CATEDRAL DE JOINVILLE

Dom Gregório<sup>1</sup>, o então Bispo da Diocese de Joinville, procura trabalhar com as duas possibilidades de abertura. Por um lado, as novas tendências nos projetos arquitetônicos dão à Catedral uma forma diferente daqueles em estilos góticos. Por outro lado, há uma nova tendência pastoral sendo pensada a partir dos estudos para o Vaticano II. Esses dois pontos tornam-se relevantes para a decisão do projeto arquitetônico da Catedral de Joinville. Essas novas perspectivas serão apresentadas mais adiante no contexto dos documentos advindos do próprio Vaticano II.

A presença de Dom Gregório a frente da Diocese faz com que a construção da Catedral ganhe força. Novos estudos, novas ideias, e novos debates foram retomados. Após um período de estudos e debates, em 26 de outubro de 1959, foi assinado o contrato para construção e começaram as obras.

Dom Gregório não queria uma estrutura que fosse apenas uma junção de tijolos, ferro e cimento, mas ele queria uma estrutura que fosse uma mensagem teológica. Padre Bertino Weber<sup>2</sup> escreve o seguinte:

---

<sup>1</sup> Nasceu em São Ludgero, SC em 17 de abril de 1918. Ingressou no Seminário de Azambuja em 1929 e foi ordenado presbítero em 5 de setembro de 1943. De setembro de 1943 a 12 de fevereiro de 1944 foi vigário paroquial do Santíssimo Sacramento, Itajaí. Nos três anos seguintes, dedicou-se à formação no Seminário de Azambuja: de 1944 a 1946 como professor, em 1944 prefeito de disciplina, nos anos de 1945 e 1946 foi diretor espiritual. Ao mesmo tempo, Pe. Gregório foi mestre de canto na *Scholla* musical do Seminário: era regente e tinha habilidade para arranjos e composições musicais. Criou a Banda de Música em Azambuja.

O início de 1947 foi tumultuado naquela instituição. Em 18 de janeiro de 1947 foi nomeado vigário paroquial de São José, em Criciúma, acompanhando o pároco, Pe. Wilson Laus Schmidt. No dia 3 de abril de 1957 foi eleito segundo bispo diocesano de Joinville. Como lema episcopal escolheu "*Mihi vivere Christus*" (Fl 1,21): *Para mim o viver é Cristo*. Seu longo episcopado foi uma busca séria, pessoal e eclesial, da centralidade de Jesus Cristo. Se pudesse, colocaria em cada igreja somente uma Cruz e a imagem do Ressuscitado. O lema também realizou sua serena busca da santidade pessoal que não o fez perder a esperança mesmo nas horas mais difíceis dos fracassos e incompreensões. Teve sempre clara a serenidade que brota de quem cumpre o dever com justiça, segundo as limitações pessoais, e sabia que os críticos cumprem sua missão. Pe. José Artulino Besen. Artigo completo em anexo. Disponível em <https://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/dom-gregorio-warmeling-%E2%80%93-padre-da-igreja/>. Acesso em 23.10.2015.

<sup>2</sup>Nascido em Anitápolis, na Grande Florianópolis, em 1938, Bertino foi criado em Rio do Campo, perto de Taió, Alto Vale do Itajaí em Santa Catarina. Filho de um catequista, aos 8 anos Bertino foi ser coroinha. Foi quando passou a admirar o pároco de Rio do Campo, cidade próxima a Taió. Aos 21 anos, Bertino iniciou a faculdade de filosofia, em Curitiba. Ganhou então uma bolsa de estudos para

Quando o Rei Salomão começou a governar seu povo de Deus, pediu a Deus que lhe desse o dom da sabedoria: 'dá-me um coração sábio capaz de orientar e dirigir teu povo, capaz de discernir entre o bem e o mal'.

Quando chegou a Joinville, Dom Gregório sentiu logo que o esperava uma grande tarefa: construir uma Catedral digna da cidade e, em seu coração, formulou logo um propósito lançar-se a vencer o desafio que a cidade lhe apresentava e dedicar suas forças a esse projeto. No entanto mais importante que construir uma Catedral de tijolos e pedra, era a construção espiritual da diocese. Para ele era um absurdo dedicar-se a primeira e descuidar da segunda. E, como Rei Salomão, deve ter feito o mesmo pedido a Deus: a capacidade de construir a diocese povo de Deus. Não temos dúvidas de que ele não tenha feito disto seu primeiro e melhor projeto. Aliás, Dom Gregório admirava Salomão que, para ele, era um profeta, disposto a cumprir, acima de tudo, a vontade de Deus. (WEBER, 2001, p.63)

E foi encontrado a “História da Salvação”.

A porta principal representa Cristo; as 12 colunas lembram os 12 apóstolos. As duas colunas mestras, ao lado do altar, significam a Bíblia e a tradição. Todas as colunas juntas representam o magistério permanente da igreja. Um cinto de concreto que reúne e dá consistência as colunas. Este cinto lembra a tríplice unidade de fé, de sacramento e de autoridade. A nave central é grande para que o homem se sinta pequeno e sinta vontade de rezar. As cúpulas são como as mãos de Deus que dão cobertura à Igreja. Os 20 vitrais trazem luz e vida para dentro da Catedral. No sentido espiritual lembram a presença de Deus na Igreja. Os atributos de Deus pai, os sacramentos de Deus filho e os dons do Espírito Santo. (EGGERT, Jornal A Notícia, sexta-feira, 20/02/1981)

A representatividade da arquitetura da catedral está intimamente relacionada com o Vaticano II. Na verdade, a proposta redentora do Jesus Cristo é atualizada e apresentada na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (32).

Do mesmo modo que Deus não criou os homens para viverem isolados, mas para se unirem em sociedade, assim também Lhe «aprouve... santificar e salvar os homens não individualmente e com exclusão de qualquer ligação mútua, mas fazendo deles um povo que O reconhecesse em verdade e O servisse santamente». Desde o começo da história da salvação, Ele escolheu os homens não só como indivíduos, mas ainda como membros duma comunidade. Com efeito, manifestando o seu desígnio, chamou a esses escolhidos o «seu povo» (Ex. 3, 7-12), com o qual estabeleceu aliança no Sinai (VATICANO II, 1968, p. 174).

---

continuar a educação na Suíça, onde ficou por quatro anos, até concluir os cursos de filosofia e teologia. Um ano antes de receber o diploma em teologia, em 1964, Bertino e dois amigos pediram autorização ao Papa João 23 para celebrar missas e dar sermões. Foram autorizados e começaram a rezar missas em alemão e em francês. Recém-formado, o padre Bertino Weber chegou em Joinville em 1965, após cumprir o primeiro ano de sacerdócio na Suíça. Desde que chegou, Bertino sempre trabalhou na Paróquia São Francisco Xavier, na catedral, onde já foi pároco. Ele se recorda da construção do novo templo: “O trabalho era muito exaustivo. Cerca de 40 homens se revezavam 24 horas por dia, em três turnos, para dar forma às cúpulas. [...]”. Disponível em <http://ndonline.com.br/joinville/noticias/sem-amor-a-vida-desafina-diz-monsenhor-bertino-que-comemora-50-anos-de-sacerdocio-em-joinville>. Acesso em 23/07/2016.

Com isso, percebe-se que o Vaticano II, traz para reflexão um outro termo que será importante nesse contexto pastoral. A ideia de comunidade como povo de Deus. Boff (2014) apresenta uma possível definição para a expressão “povo de Deus” e a partir dessa definição adentramos ao projeto histórico de justiça e libertação para todos. Para ele é uma estratégia libertária.

[...] Este povo se torna povo de Deus na medida em que, formando comunidades de batizados, de fé, esperança e amor, animados pela mensagem de absoluta fraternidade de Jesus Cristo propõe-se historicamente, concretizar um povo de livres, fraternos e participantes. Essa realidade histórica não constitui apenas um produto de um processo social simétrico, mas, teologicamente, significa a antecipação e preparação do Reino de Deus e do povo de Deus escatológico (BOFF, 2014, p. 240).

Sendo assim, então pode-se perceber a expressão “história da salvação” é uma definição cristã e está intrinsecamente relacionada à história como um todo, aquela que abarca a todos os seres humanos. Boff (2014) diz que é a este povo que Deus se revela como Deus da Salvação. Neste ponto vale refletir que a própria Criação já é um sinal de salvação. Para os cristãos, o elo de ligação entre todos os momentos da revelação progressiva de Deus ao longo de toda a história da humanidade é Jesus Cristo. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (45) afirma que:

A Igreja, enquanto ela mesma ajuda o mundo e dele recebe muitas coisas, tende a um só fim: que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade. Todo o bem que o Povo de Deus, no tempo de sua peregrinação terrestre, pode prestar a família dos homens, deriva de fato de ser a Igreja “o sacramento universal da salvação”, manifestando e ao mesmo tempo operando o mistério de amor de Deus para com o homem.

Pois o Verbo de Deus, pelo qual todas as coisas foram feitas, Ele próprio Se encarnou, de tal modo que, como Homem perfeito, salvasse todos os homens e recapitulasse todas as coisas. O Senhor é o fim da história humana, ponto ao qual convergem as aspirações da história e da civilização, centro da humanidade, alegria de todos os corações e plenitude de todos os seus desejos. A Ele é que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita constituindo-O juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana, que concorda plenamente com o seu desígnio de amor: “Reunir todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra”.

O próprio Senhor diz: “Eis que venho em breve, e a minha recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim” (VATICANO II, 1968, p. 193).

Vale perceber que o Vaticano II faz abordagens pertinentes à presença da Igreja e sua atividade pastoral. Foi um caminhar para a possibilidade de uma nova atuação. Estavam presentes e representadas no Concílio as duas correntes pastorais. De um lado havia um grupo mais tradicionalista e de outro um grupo que já ansiavam por uma abertura pastoral e religiosa. Esta corrente era vista e entendida como uma corrente progressista.

“[...] no entanto, eram homens de coração pastoral aberto. Assim que tiveram contato com o novo clima de renovação do Concílio, afastaram-se das hostes conservadoras e pouco a pouco cerraram fileira com a tendência progressista. [...] Alimentava o desejo de contato direto com a fonte sempre viva da Palavra de Deus, proclamada e comentada na Igreja, não se atendo unicamente às doutrinas dos manuais” (LIBÂNIO, 2002, p. 72).

Neste ponto pode-se fazer referência a Dom Gregório que já buscava dialogar com as comunidades cristãs da Diocese vendo Vaticano II a possibilidade de uma possibilidade de renovação.

De acordo com Libânio (2002) houve embates dramáticos entre essas duas tendências. Os confrontos foram aos poucos sendo silenciados através das votações. Apesar de algumas concessões à posição tradicionalista, essa foi tornando-se minoria e cada vez mais silenciada em torno das propostas progressistas.

O Vaticano II significou transformações profundas não apenas naquilo que se refere a vida pastoral, mas transformou a essência da própria Igreja. “As transformações atingiram também a própria auto compreensão da Igreja e das suas fontes de vida. A Igreja apoia-se na revelação de Deus expressa na Sagrada Escritura e na Tradição” (LIBÂNIO, 2002, p. 72).

Foi com este fervor que Dom Gregório fortalece em mente as possibilidades abertura pastoral inclusive para a construção da nova Catedral. Neste ponto vale lembrar que, Dom Pio<sup>3</sup>, Bispo anterior, tinha em mente e já havia escolhido um

---

<sup>3</sup>De acordo com Francisco (2002) Dom Pio de Freias Silveira, primeiro bispo de Joinville, nasceu aos 29 de abril de 1885, em Campo Bello, hoje Campina verde, no Estado de Minas Gerais. Foi ordenado sacerdote aos 13 de junho de 1908. Em 25 de janeiro de 1929 foi eleito como primeiro bispo de Joinville.

projeto muito diferente desse que depois foi colocado em prática por Dom Gregório. O projeto escolhido por Dom Pio confirmava uma tendência tradicionalista conforme projeto abaixo. Este, porém não foi executado.

Figura 6



Catedral de Joinville. Projeto escolhido por Dom Pio, substituído depois por Dom Gregório Warmeling. Fonte: Francisco (2002, p.53)

Os projetos apresentam características distintas, um apresenta tendência romana em estilo barroco conforme visto no projeto apresentado pela construtora Muller Caron, escolhido por Dom Pio. “O plano da Catedral, estilo romano, é muito grandioso, carregado de enfeites, de obras sumptuárias” (FRANCISCO, 2002, p. 51). Essa diferença entre os dois projetos fica claro no terceiro capítulo quando feita uma abordagem a respeito da diferença entre Igrejas em formatos verticais, como

esse escolhido por Dom Pio e uma proposta de horizontalização das igrejas presente no Concílio Vaticano II como pode-se perceber no projeto escolhido por Dom Gregório.

Assim, este projeto apresenta traços modernistas, foi o projeto apresentado pela construtora Marna Ltda. Tendo como autor do projeto o Arquiteto René Marie Felix Mathieu<sup>4</sup>, este projeto foi então escolhido por Dom Gregório. Após um período de estudos e debates, decide-se por esse projeto.

Figura 7



Etapa da construção da catedral de Joinville. Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=fotos+constru%C3%A7%C3%A3o+da+catedral+de+joinville>. Acesso em 04/10/2013.

Esse projeto foi escolhido pela comissão de arte sacra de Curitiba. Sendo o conhecido arquiteto curitibano Mathieu o responsável pelo projeto. Em 26 de Outubro de 1959, foi assinado o contrato de construção e começaram as obras.

---

<sup>4</sup> Arquiteto de profissão, nascido em 1927 em Fontenay-sur-Bois, formado em Paris pela Ecole Nationale Superieure des Beaux-Arts, René Marie Felix Mathieu dedicou-se desde cedo a execução de estruturas de concreto armado. Com grande intuição estática e uma objetividade sem igual, dedicou enveredar pelo campo da pré-fabricação. Associando-se ao engenheiro Felipe Arns, fundou a construtora Marna, dedicando-se logo a construção de igrejas, escolas, pontes e torres D'água. [...] Em resumo, não obstante ter formação de arquiteto, Mathieu, é um engenheiro nato. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=NpKOO5KtgC&pg=PA95&dq=quem+foi+o+arquiteto+Ren%C3%A9+Marie+Felix+Mathieu&f>. Acesso em 24 de Julho de 2016.

A construção da nova catedral teve ajuda dos fiéis, e também da prefeitura do Município de Joinville.

Na última sessão da Câmara Municipal, o Sr. Prefeito Municipal encaminhou a mensagem acompanhando o projeto de lei que concede o auxílio de 20.375,60 cruzeiros à Catedral da Diocese de Joinville, objetivando esse auxílio uma valiosa doação da Municipalidade para a continuação dos trabalhos de conclusão do maior templo religioso da cidade, cuja obra de arte não deixou de merecer toda atenção por parte do poder público municipal, que assim demonstrou interesse e preocupação pela causa religiosa da comunidade joinvilense. (Jornal de Joinville, sábado, p.8, datado em 05/06/1971).

Além do apoio financeiro da prefeitura de Joinville, a construção da Catedral contou com a ajuda do governo do Estado.

O governo de Estado vem contemplar a Catedral de Joinville com o auxílio de 15 mil cruzeiros, num testemunho de solidariedade e de alto apreço para com a comunidade católica, que vê no gesto do Governador Colombo Machado Salles não apenas um sentimento de religiosidade, mas antes de tudo a valorização daquela obra arquitetônica como monumento histórico que simboliza toda a grandeza e a pujança de um povo voltado para o progresso espiritual. (Diários Associados, p.15, datado em 14/11/1972).

Não há como deixar de fazer referência à cultura como fator primordial nesse processo. Há uma participação ativa da comunidade para com a construção da Catedral. Essa participação desenvolve uma identificação religiosa também. A cultura, religiosa nesse contexto, determinará a identificação da comunidade. Huysen (2000) fala da necessidade e da emergência da memória. É evidente que estamos aqui falando da memória numa dimensão religiosa/espiritual.

Neste contexto que as simbologias da catedral ganham sentido. Segundo Weber (2001) todas as partes que compõem este monumento fazem referência à liturgia católica. Quando um visitante católico entra em contato com este patrimônio, a representação religiosa é percebida. Candau (2012) fala que o ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias.

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo nível de evocabilidade ou de memorabilidade. [...] A lembrança da experiência resulta, assim, de um processo de seleção mnemônica e simbólica de certos fatos reais ou imagináveis – qualificados de acontecimentos – que presidem a organização cognitiva da experiência temporal. (CANDAU, 2012, p. 98).



O autor ainda fala dos acontecimentos. Para Candau (2012) esses acontecimentos são tempos fortes que por sua vez produzem memórias fortes também. A dissolução desses acontecimentos é que vão produzir memórias fracas.

Ao fazer referência a Catedral de Joinville como instrumento de memória e representação litúrgica católica, faz-se necessário observar cada representação simbólica nesse patrimônio. Isso significa que a representatividade está diretamente relacionada com a memória do grupo e ao mesmo tempo desenvolvendo uma identidade.

É válido pensar no significado e nas funções da teologia, isso porque essa pesquisa está identificando e refletindo sobre as simbologias teológicas contidas no projeto arquitetônico da Catedral de Joinville. Os autores Paulo Agostinho N. Baptista e Wagner Lopes Sanchez desenvolvem um trabalho intitulado Teologia e Sociedade. Me parece ser relevante a abordagem apresentada pelos autores nesse contexto da dissertação. Para os autores Baptista e Sanchez (2011) no mundo moderno marcado por um ambiente pluralista a tarefa e os desafios da teologia aumentam. “Ela deve estar preparada para o diálogo com os diversos campos do saber e se fazer presente, conhecer e refletir com e a partir da realidade, fazer conexão com o pensamento vido de seu tempo” (BAPTISTA E SANCHEZ, 2011, p. 222).

Para os autores, a teologia deve dialogar, ser discente, aprendiz, para que possa ser docente e educadora. Com isso, a proposta contida na arquitetura da catedral vem dialogar com essa perspectiva. Uma proposta que “ensina” depois de ter aprendido e experimentado. “Deve ser uma teologia pública que comunica, ouvindo e dizendo, aprendendo e ensinando” (BAPTISTA E SANCHEZ, 2011, p. 222).

No âmbito da Igreja Católica, o Concílio Vaticano II foi um marco nessa caminhada: recolhe a tradição, volta às fontes, traduzindo e interpretando a experiência teológica em espiritual para a sociedade contemporânea. É o exercício do diálogo com a mulher o como o homem de nossa época (BAPTISTA E SANCHEZ, 2011, p. 223).

Segue então a apresentação de algumas simbologias presentes no monumento. Neste relato de Padre Weber (2001) é possível compreender a

memória resgatada e atualizada materialmente nessas representações. A teologia está presente.

As escadarias externas e internas representariam a longa caminhada da humanidade até Jesus Cristo, com os representantes desta caminhada: Abraão, Moisés, Davi, Salomão, os profetas. A porta principal representa Jesus Cristo "Eu sou a porta" (Jo, 10). Por esta porta se entra para a VIDA. Está aberta a todos. Logo à entrada, à direita da porta principal está o presépio que nos diz: "Aqui Deus entrou na história dos homens. Em Belém Deus entrou vida humana adentro" (WEBER, 2001, p 64).

Vale uma breve intervenção nessa citação. Será apresentado no terceiro capítulo a Teologia de Teilhard de Chardin. Para este Jesus faz parte do processo evolutivo da humanidade. Jesus é o Verbo Encarnado na humanidade. Essa representação está expressa de forma mais clara nos vitrais da Catedral conforme citação abaixo.

O batistério à esquerda da porta principal significa que, por esse lugar, o homem (e a mulher) entra na história de Deus, porque pelo batismo, todos participam da vida divina, são enxertados em Cristo e incorporados na comunidade eclesial. As colunas representam os doze Apóstolos e o magistério permanente da Igreja. A nave central - é grande para que eu sinta a minha pequenez e sinta a necessidade de rezar. As duas cúpulas, uma superposta à outra, simboliza a mão de Deus protegendo e fecundando a ação da Igreja por seu Espírito. O altar - A finalidade de todo o trabalho apostólico da Igreja é levar os homens à união com Deus, à união entre si e reconduzir todos, como filhos que são, a casa e a mesa do Pai (WEBER, 2001, p 64-65).

A partir desse ponto torna-se de fundamental importância a visita in loco. Olhar para os vitrais na perspectiva da representação teológica é o primeiro passo para a experiência memorialística na Catedral. Independentemente da crença, o indivíduo pode perceber a beleza contida nos vitrais e acima de tudo as representatividades dos mesmos.

Os vitrais - Sem eles a Catedral não passaria de um bloco de concreto armado amorfo, sem sentido. São eles que dão vida ao templo. Em seu conjunto, representam a luz e a graça divinas que iluminam nossa vida. Em sua linguagem nos dizem que Deus nos assiste continuamente com sua graça. A ideia de fundo dos vitrais é a da Dinâmica Evolutiva do moderno teólogo Teilhard de Chardin, de quem Dom Gregório era adepto. Os vitrais estão dispostos em três etapas. Voltando-se as costas ao altar e olhando-se a partir do lado direito da porta central tem início a primeira etapa que descreve a criação do mundo e do ser humano, segundo o relato bíblico de Gênesis 1 - 2. A Segunda etapa mostra a obra de Jesus Cristo, operando a redenção, representada pelos sete sacramentos. A terceira etapa mostra a pessoa humana que, sob a ação do Espírito Santo, por assim dizer, completa e aperfeiçoa a obra criadora de Deus, com seu esforço e criatividade. Aqui o homem e a mulher são feitos sócios de Deus. Em sua vocação e profissão eles continuam a obra que o Criador lhes confiou. O

mundo será o que nós, os humanos, quisermos fazer dele. O último quadro representa um homem JESUS CRISTO - apresentando ao Pai o mundo transformado, completado. (WEBER, 2001, p 65).

A Catedral de Joinville é pensada de forma diferenciada no que se refere à simbologia e dimensão teológica. É projetada para representar em forma de catequese e em forma de símbolos. Candau (2012, p. 95) diz que “o momento original, a causa primeira é sempre um desafio para a memória e identidade, razão pela qual a referência à origem é uma invariante cultural”. É por conta desse processo de memória, crença e espiritualidade que a Catedral de Joinville foi pensada e projetada.

Candau (2012) ainda diz que todo ato de memória ao fazer referência às origens passa pelo processo de seleção e escolha.

Entre os dogons Karambés, observa Jacky Bouju o presente de cada geração ‘consiste, em algumas circunstâncias, em vincular-se não ao passado em geral, mas em certos acontecimentos que se relacionam com a origem do grupo e que como tal, constituem os fundamentos históricos locais de sua identidade política atual (CANDAU, 2012, p. 97).

Percebe-se que todo o processo da história da Catedral de Joinville traz significados que devem ser analisados a partir da realidade do momento. É por esse motivo que fazer memória é tão importante na Diocese.

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade no séc XX (HUYSSSEN, 2000, p. 09)

Na percepção de Dom Gregório havia também uma emergência, levar a comunidade a encontrar-se com o divino na Igreja, casa da comunidade. E assim a Catedral foi construída. Ela passou a ser não apenas um local de oração, mas também um espaço que encanta os turistas que passam por este local. Sua arquitetura moderna e com detalhes peculiares chama atenção dos que passam pela cidade. Um dos grandes destaques na arquitetura é a cobertura em forma de concha. Esse monumento se destaca em meio a tantos prédios que hoje formam o entorno da Catedral.

Le Goff (1990) fala que tanto os católicos como a Igreja Católica estão encarregados pela pregação do Evangelho. O autor ainda fala da prática das virtudes e de continuar o drama escatológico. Para Le Goff, os homens são convidados a unir-se pelo sofrimento, pela participação na cruz. É nesse contexto que a análise sobre memória faz sentido. Todas as simbologias e representatividade contida na Catedral de Joinville leva o indivíduo a entrar em diálogo com essa história. “A ressurreição de Cristo é o sinal do domínio de Jesus sobre o tempo do fim, a antecipação da ressurreição futura dos homens e a instauração definitiva do reino de Deus. Este reino está aberto a todos” (LE GOFF, 1990, p. 344).

A escatologia cristã tem uma perspectiva diferente daquela vivenciada pelos judeus. Enquanto a escatologia judaica continua esperando o Messias, a escatologia cristã acredita que a promessa já se realizou.

O cristianismo defende que com Jesus a escatologia entrou na história e começou a realizar-se. A história, veículo de eternidade, mantém-se história, pois que o reino se desenvolve neste mundo e no tempo; mantendo-se fundamentado no acontecimento essencial do passado, volta-se para o futuro, para o cumprimento ou consumação final realizada pela vinda gloriosa do Filho do Homem. O cristianismo pode ser definido como a escatologia tornada história (LE GOFF, 1990, p. 345).

E assim a Catedral foi construída. O fim último é o encontro com o Divino. A estrutura apresentada na Catedral deve levar o visitante a entrar em clima de oração e diálogo com o Divino. Na história terrena percebe-se a presença da história eterna, a escatologia como disse Le Goff.

Assim, a Catedral passou a ser não apenas um local de oração, mas também um espaço que encanta os turistas que passam por este local.

Sua arquitetura moderna e com detalhes peculiares chama atenção dos que passam pela cidade. Um dos grandes destaques na arquitetura é a cobertura em forma de concha.

A igreja de Dom Gregório foi ao encontro do povo. Não tangenciou os sofrimentos e angústias do povo. E indo ao encontro do povo foi ao encontro de Cristo, em sua mais autêntica forma de cultivar o amor, a solidariedade, a justiça. [...] Sua obra espiritual fica consagrada em tudo o que ele fez, principalmente nas abóbodas de fino concreto da Catedral que, como duas mãos vão entrelaçar, erguem, de Joinville, permanentemente, uma prece a Deus (SILVEIRA, 2001, p. 24).

Esse monumento se destaca em meio a tantos prédios que hoje formam o entorno da Catedral. A foto que segue é apenas para ilustrar o entorno da mesma e também seus detalhes modernistas. Em outro momento será apresentado a dimensão teológica desse monumento.

Figura 8



Fonte: acervo mitra diocesana. Cedida em 23/08 de 2015.

Chama a atenção não apenas os detalhes da arquitetura externa, mas também a ousadia apresentada no espaço livre interno para o culto e as orações em geral. Houve também na elaboração do projeto esta preocupação. Liberar um espaço livre para a reunião da comunidade em oração. Isso porque no contexto da construção foi possível fazer uso de uma técnica do momento, o uso do cimento armado.

Assim concluímos que a história da Catedral está diretamente relacionada com o desenvolvimento da história de Joinville na virada da metade do século XX. As particularidades que fazem referência ao processo migratório, ao desenvolvimento econômico e industrial, as novas tendências na arquitetura em

cimento armado, a preparação e o evento ocorrido em Roma, o conhecido Vaticano II nos remetem à um conjunto de representações que faz entender as razões pelas quais passou a Igreja local. A Diocese tinha a frente Dom Gregório Warmeling com uma postura de abertura pastoral e com isso sua idealização de uma Catedral que pudesse representar estas diversas tendências.

No terceiro capítulo voltaremos a refletir sobre os anseios de Dom Gregório voltados para a sua atuação pastoral. Atuação essa que vinha ao encontro com o refletido e rezado nos textos pré-conciliares.

Como entender a dimensão teológica contida no patrimônio? Ou ainda, como compreender a representação teológica em um monumento? A História da Salvação está de fato contida no monumento? Seria a História da Salvação um patrimônio Religioso?

No terceiro capítulo vamos então trabalhar as simbologias teológicas presentes no monumento. E acima de tudo entender essas simbologias e representações como patrimônio cultural religioso.

### 3 O PATRIMÔNIO

Ao falarmos de patrimônio, o termo nos remete a uma concepção tradicionalmente entendida como herança. Na verdade, “patrimônio, em nosso cotidiano, surge como os bens de valor, aquilo que declaramos no imposto de renda” (FUNARI E PELEGRINI, 2008, p. 27). Candau (2012) fala da memória no contexto do patrimônio como herança. Ele traz a ideia de uma memória compartilhada. Assim sendo, patrimônio é percebido como um conjunto hereditário que é transmitido de um indivíduo ou grupo a outro, ou a sua descendência. “Uma memória verdadeiramente compartilhada se constrói e reforça deliberadamente por triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças” (CANDAU, 2012, p. 47). Então a memória está presente nos discursos sobre patrimônio.

Funari e Pelegrini (2006) definem patrimônio como sendo de origem latina que se referia entre os romanos a tudo que pertencia ao pai de família. Sendo que a família compreendia tudo o que estava sob o poder do senhor. Nesse contexto está incluído também a mulher e os filhos. Os autores ainda falam que estavam também sob o domínio do senhor os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo constituía o *patrimonium*, ou seja, a herança que poderia ser legada a outras gerações.

Essa herança é apresentada como terra, animais, imóveis, objetos de uso comum ou restrito, mas que é passado de pai para filho, de uma geração à outra ao longo do tempo. Sendo assim, patrimônio fica tradicionalmente entendido como uma apropriação desses objetos de herança.

Sob um outro ponto de vista os autores Funari e Pelegrini (2006) falam do patrimônio em dois aspectos distintos. Um percebido como bens que são transmitidos de geração para geração. Os herdeiros são os responsáveis por dar continuidade à herança recebida. Sendo que essa herança pode ser material, ou seja, com valor monetário agregado. Segundo os autores esses bens também podem apresentar valores de ordem emocional, sem valor monetário agregado. Os

autores ainda falam de um outro patrimônio e não menos importante. O patrimônio espiritual.

Quando pensamos no que recebemos de nossos antepassados, lembramos não apenas dos bens materiais, mas também da infinidade de ensinamentos e lições de vida que eles nos deixaram. A maneira de fazer nhoque – que não se resume à receita, guardada com cuidado no caderno com a letra da nossa querida mãe ou avó –, o modo como sambamos (algo que nunca estará em um caderninho!), os ditados e provérbios que sabemos de cor e nos guiam por toda a vida são exemplos de um patrimônio imaterial inestimável. (FUNARI; PELEGRINI, 2006, p. 8).

Sendo assim vamos aos poucos percebendo que o patrimônio tem significado para aquele que está de alguma forma apropriando-se de sua imaterialidade como representação. É por isso que a espiritualidade religiosa, por exemplo, é sinal experiencial do indivíduo com o patrimônio. Meneses (2007) fala da experiência de uma velhinha na Catedral em oração e da presença de um turista no mesmo espaço. Qual o sentido do patrimônio para um e para outro? Qual o sentido de pertencimento que existe na relação com o espaço sagrado? Só quem está em contato com a cultura desse espaço é que pode sentir o pertencimento a ele.

Para o autor a relação da velhinha com a catedral não pode ser algo pontual. Algo que está presente em um determinado momento e noutro não. Esta relação não faz referência a um determinado sentido ou momento restrito. “A relação da velhinha é existencial, pressupondo tempos dilatados” (MENESES, 2007, p. 27). Na reflexão do autor a relação de um turista com o espaço sagrado – uma catedral – se dá de forma diversa, isso porque não há a territorialização e pertencimento. A visita está desprendida do seu cotidiano. Sendo assim, interessa ao turista as particularidades do espaço como manifestação e representação artística por exemplo. Tanto a velhinha quanto o turista buscam relacionar-se com o espaço e dele apropria-se a partir da sua vivência e daquilo que busca com aquela ação específica.

A fruição da velhinha é profunda, vivenciada, e sua oração na catedral deve envolver não só uma apropriação afetiva, como também, sem dúvida, estética, isto é, perspectiva, já que o ambiente emite estímulos de toda a ordem para aprofundar o tipo de ação que ela está praticando (MENESES, 2007, p. 27).

Será que poderia então indagar se o patrimônio traz imbricado em si algum tipo de espiritualidade? Eagleton (2011) traz uma relevante abordagem sobre a ideia



da espiritualidade do patrimônio, ou mesmo do patrimônio espiritual. O autor procura apresentar a cultura em três vieses distintos. Para ele, o consumismo fabrica uma cultura como mercadoria e esta faz com que a cultura enquanto espiritualidade seja corroída, e nesse processo todo, acaba por dar origem à uma nova percepção, aquela que apresenta a cultura como identidade. “Se existe uma história e uma política ocultas na palavra ‘cultura’, há também uma teologia” (EAGLETON, 2011, p. 16).

O autor segue sua reflexão e fala da cultura numa perspectiva de valores particulares. Ele fala que “ser civilizado é se abençoado com sentimentos refinados, paixões temperadas, maneiras agradáveis e de uma mentalidade aberta” (EAGLETON, 2011, p. 32). É por isso que Eagleton apresenta a cultura ao lado do sentimento. Segundo o autor, o sentimento pode evocar a espiritualidade quando o indivíduo está em contato com o “bem cultural”.

Vale lembrar que o conceito de patrimônio não fica restrito a esse ou aquele parâmetro. A ideia de patrimônio vai assumir contornos diversos como esses apresentados até então e outros apresentados sob outros pontos de vista assumindo abordagens diferentes.

Por exemplo, uma abordagem que se faz necessário nesse contexto é a que apresenta Fonseca (2009). Ela fala do Patrimônio como forma de comunicação social. Essa comunicação é percebida, enquanto signos, num sistema de linguagens. Sendo que cada um desses sistemas tem as suas especificidades, ou seja, sua forma própria de funcionar enquanto código.

O universo dos patrimônios históricos e artísticos nacionais se caracteriza pela heterogeneidade dos bens que o integram, maior ou menor conforme a concepção de patrimônio e cultura que se adote: igrejas, palácios, fortes, chafarizes, pontes, esculturas, pinturas, vestígios arqueológicos, paisagens, produções do chamado artesanato, coleções etnográficas, equipamentos industriais, para não falar do que a UNESCO denomina patrimônio não-físico ou imaterial – lendas, cantos, festas populares, e, mais recentemente, fazeres e saberes os mais diversos. (FONSECA, 2009, p. 41)

Nessa dinâmica, então se percebe que os sistemas de linguagens assumem seus códigos tendo como base um discurso repleto de funções e significados que são determinados por sistemas de valores. É por isso que a autora fala que o processo de seleção desses bens é conduzido por agentes autorizados, sendo é

claro, representantes do Estado. Faz-se então necessário entender que o sistema de linguagem utilizado para a comunicação vai também utilizar um sistema de valores *a priori* definido.

Quando o patrimônio é um templo religioso, a comunicação torna-se estritamente relevante para aquela comunidade que está diretamente relacionada ao templo. Uma catedral, por exemplo, representa o coletivo de um grupo. A representação e a comunicação passarão sempre pelo sistema simbólico cultural. As categorias que são utilizadas representam aquilo que se quer conhecer no objeto ou na cultura de um grupo.

A cultura é o sistema integrado de padrões de comportamento apreendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade, e não resultado de uma herança biológica. É resultado de uma intervenção social e é transmitida e aprendida somente por meio da comunicação e da aprendizagem (MARTINS, 2001, p.106).

“No caso brasileiro, essas categorias são os valores especificados no decreto-lei número 25, de 30.11.37. A essas categorias se superpõem uma categoria unificadora, a do valor nacional” (FONSECA, 2009, p. 41).

Partindo dessa reflexão, o patrimônio sai de um espaço limitado e assume uma característica mais ampla, agora fazendo parte de um sistema de comunicação nacional. Isso porque o patrimônio recebe atribuições de valores e são justamente esses valores que justificam a sua proteção como disse Fonseca (2009, p. 35).

Nesse sentido, é a noção de valor que servirá de base a toda a reflexão aqui desenvolvida, pois considero que são esses processos de atribuição de valor que possibilitam uma melhor compreensão do modo como são progressivamente construídos os patrimônios.

Se patrimônio assume formas de comunicação através de seus signos, então não podemos falar sob apenas um ponto de vista. Nesse caso, há a necessidade de definir o local de fala daquele que discute o significado do patrimônio. É claro que ao definir ou perceber o local de fala daquele que comunica significa também perceber a cultura e também a sua representatividade. É a partir dessa compreensão, ou ainda, faz-se necessário essa análise para assim entender a comunicação do patrimônio a partir de sua realidade, do seu contexto social também. Assim, a comunidade vai perceber o patrimônio em consonância com a realidade onde a mesma está inserida.

Por exemplo, se o ponto de vista for o arquitetônico, então devemos falar do patrimônio edificado, ou seja, edificações que servem para usos diversos e que vão sem dúvida ser apropriados por aqueles que fazem uso desse patrimônio.

Se o ponto de vista for o religioso, entretanto, vamos ter o patrimônio religioso, que abrangerá não só as igrejas, conventos, escolas religiosas, terreiros de umbanda e candomblé, mesquitas, templos, como também imagens de santos, todos os objetos usados nas cerimônias religiosas, livros sagrados e os próprios rituais que fazem parte de determinada religião. (MARTINS, 2001, p. 10)

Para entender o que significa esse patrimônio dinâmico em diversos pontos de vista e de conhecimento, vamos então trabalhar a questão do patrimônio cultural. Sabendo que o patrimônio assume uma dinamicidade muito acentuada, então vamos também falar do patrimônio cultural material e imaterial.

Para darmos continuidade aos estudos sobre patrimônio, queremos também aprofundar o patrimônio religioso como patrimônio cultural. Martins (2001) fala que cada ser humano tem seu patrimônio de lembranças, sejam elas boas ou ruins. “E os objetos nos ajudam nessa tarefa de manter nossas lembranças, memória do tempo passado” (MARTINS, 2001, p. 12). O autor ainda fala que é comum encontrar pessoas que guardam objetos, dos mais variados, pois esses trazem lembranças do passado e está diretamente relacionada à pessoa que guarda. Por outro lado, diz Martins (2001) das pessoas queridas também são guardadas as lembranças e essas estão na memória do indivíduo e também, muitas vezes, no coletivo. Isso porque o coletivo traz e faz memória do passado.

### 3.1 A ESPIRITUALIDADE DO PATRIMÔNIO

Sendo que a proposta é a religião como patrimônio, vamos voltar a Funari e Pelegrini para entender o processo porque passou essa análise. É claro que é uma perspectiva a partir de um prisma que tem aspectos da tradição católica como objeto de estudos do patrimônio.

Com a difusão do cristianismo e o predomínio da Igreja a partir da Antiguidade tardia (séculos IV-V) e, em especial na Idade Média (séculos VI-XV), ao caráter aristocrático do patrimônio acrescentou-se outro, simbólico e coletivo: o religioso. Ainda que o caráter aristocrático tenha se mantido, elevaram-se à categoria de valores sociais compartilhados os sentimentos religiosos, em uma pletera de formas materiais e espirituais. O culto aos santos e a valorização das relíquias deram às pessoas comuns um sentido de patrimônio muito próprio [...]. A reação das elites não tardaria, e veio com a monumentalização das igrejas e a criação das catedrais que passaram a dominar as paisagens do mundo físico e espiritual. No topo de uma elevação, passava a erguer-se a sede da cátedra do bispo, autoridade máxima: a catedral era um patrimônio coletivo, mas aristocrático (FUNARI E PELEGRINI, 2006, p. 11-12).

Uma vez percebido que a coletividade está presente e a memória faz parte também do processo coletivo ou da coletividade é que se pode entender a religião como patrimônio, pois no caso da religião expressada e vivenciada em uma Catedral torna-se o patrimônio daquela comunidade.

Le Goff (2013) corrobora com esta análise ao pensar a memória num contexto judaico cristão. Na verdade, ele fala que judaico-cristianismo acrescenta algo de novo na ideia antiga de memória imbricada na religião. “Pode-se descrever o judaísmo e o cristianismo, religiões radicadas histórica e teologicamente há história como ‘religiões da recordação’” (LE GOFF, 2013, p. 405).

Vale fazer uma referência ao que foi dito por Meneses sobre a velhinha e sua relação com a catedral. E ainda mais, fazer referência à Catedral de Joinville e suas simbologias teológicas que representam e evocam a memória como patrimônio religioso. É neste ponto que Le Goff contribui de forma acentuada com esta reflexão, pois afirma que isto se apresenta a partir de diferentes aspectos:

Porque os atos divinos de salvação situados no passado formam o conteúdo da fé e o objeto do culto, mas também porque o livro sagrado, por um lado, a tradição histórica por outro, insistem, em alguns aspectos essenciais, na necessidade da lembrança como tarefa religiosa fundamental (LE GOFF, 2013, p. 405).

Em consonância com esse ponto de vista, Martins (2001) fala que cada bairro ou cidade tem sua história e esta é diferente uma da outra justamente pelo coletivo que compõe esse bairro ou cidade. Ou seja, fala-se aqui dos fiéis que formam esses lugares.

Com isso, igrejas foram construídas para abrigar os cultos a santos protetores da terra natal desses imigrantes; construções foram adaptadas ao modo de vida do local de origem e conservam até hoje, detalhes

arquitetônicos e decorativos diferentes dos que aparecem em construções de outros bairros (MARTINS, 2001, p. 14).

Mais uma vez nos remetemos ao objeto de estudo, o monumento presente na cidade de Joinville, a Catedral. Esse patrimônio tem sua origem muito antes da sua construção. Antes das paredes serem levantadas a comunidade já se reunia ali. Com isso percebe-se que a comunidade reunida tinha um propósito, manter viva a sua origem católica e suas devoções. “A memorização coletiva é possível, pois o contexto é aquele de uma memória forte enraizada em uma tradição cultural” (CANDAU, 2012, p.46). Candau é de origem judaica e é no cristianismo que a celebração eucarística é uma celebração memorialística, inclusive se repete em cada celebração eucarística “faça isso em memória de mim”. Le Goff mais uma vez pode contribuir com essa análise.

Se a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus – anualmente na liturgia que o comemora do Advento ao Pentecostes, através dos essenciais do Natal, da Quaresma, da Páscoa e da Ascensão; cotidianamente na celebração eucarística –, em um nível mais popular cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos (LE GOFF, 2013, p. 408).

Sendo assim a religião pode ser entendida como patrimônio cultural, pois através da religião o grupo pode fazer memória dos fatos. Ao mesmo tempo que faz memória atualiza esses fatos num contexto que é própria da tradição a que pertence esse grupo. Segundo Bloch,

Pois o cristianismo [já mencionei isso] é, por essência, uma religião histórica: vejam bem, cujos dogmas primordiais se baseiam em acontecimentos[...] Releiam seu Credo: ‘Creio em Jesus Cristo [...] que foi crucificado sob Pôncio Pilatos [...] e ressuscitou dentre os mortos no 3º Dia.’ Também nesse caso os primórdios da fé são seus fundamentos (BLOCH, 2001, p. 58).

Le Goff diz assim:

A ressurreição de Cristo é o sinal do domínio de Jesus sobre o tempo do fim, a antecipação da ressurreição futura dos homens e a instauração definitiva do reino de Deus. Este reino está aberto a todos. Deixa de existir privilégio para Israel que, no fim, será recebido no Reino: os últimos serão os primeiros (Lucas 13.28-30) (LE GOFF, 2003, p. 341-342).

A religião é também percebida no espaço, é uma manifestação memorialística e ao mesmo tempo atualizada pela comunidade presente. A religião traz em si

características que revelam a relação do grupo com seu passado transcendente. Essa memória é que constitui a relação do indivíduo com o divino na religião. Nesse caso tomemos o batismo como referência dessa memória. O batismo será analisado a partir da sala de batismo presente na Catedral, o batistério. Cullmann (2000) fala do batismo em relação a fé. O autor faz uma abordagem que reforça a necessidade da memória no contexto da fé e experiência da mesma. Ele diz que “para todo batizado, o batismo está na origem de outros acontecimentos. É verdade que somos eleitos em Cristo desde antes do nosso nascimento (CULLMANN, 2000, p. 151).

Martins (2001) reflete sobre o espaço como aspecto constituinte de uma cultura religiosa. Isso acontece quando se permite que os fiéis reconheçam esses espaços como significativos.

Ao se estabelecer demarcação de tempos e lugares sagrados ou diferenciados, é que se exerce a capacidade de simbolização e se recria o mundo, ultrapassando a fronteira da natureza, para penetrar no espaço da cultura, em que o homem é enredado numa teia de significados que ele mesmo tece (MARTINS, 2001, p. 111).

A religião é então o elo de ligação entre os indivíduos de um grupo ou de grupos em locais diferentes. A religião pode ainda criar espaço para a manifestação da fé e essa por sua vez resgata e atualiza o passado numa perspectiva coletiva.

### 3.2 PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

A religião é vista também pelo viés patrimonialístico e neste contexto é manifesta a partir da memória. Sendo assim o patrimônio está estritamente relacionado com a dimensão da memória.

Em Le Goff (2014) a definição de memória traz aquilo que buscamos para fundamentar a memória elemento necessário para a religião enquanto patrimônio. Nesse caso diz o autor “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas,

graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, p. 387).

O próprio autor fala que o conceito de memória é crucial. Le Goff (2014) fala que a memória coletiva sofreu grandes transformações. Isso a partir do surgimento das ciências sociais. “A sociologia representou um estímulo para explorar este novo conceito, assim como para o conceito de tempo” (LE GOFF, 2014, p. 432). O autor ainda fala da contribuição da Antropologia, da Psicologia Social e da própria História no estudo e na compreensão do termo memória e seus desdobramentos. Do ponto de vista da memória histórica, é necessário segundo Le Goff, dar uma especial atenção às diferenças entre as sociedades de memória. Para ele as transformações são percebidas como a memória nas sociedades sem escrita, a partir daí para as sociedades que usam a escrita e registram suas memórias. A memória medieval que busca um equilíbrio entre a oralidade e a escrita. E por fim o desenvolvimento da memória com os avanços da escrita até os dias atuais. “[...] exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos mais nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico” (LE GOFF, 2014, p. 432).

Le Goff (2014) reflete que não se pode perder aquilo que é essencial nesse contexto memorialístico. O autor discorre sobre os verdadeiros lugares da história, lugares esses onde não se deve buscar sua elaboração ou produção, mas sim, os criadores e os denominadores da memória coletiva. “Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, também ela, fruto de um período de recolha e de mutação da memória coletiva” (LE GOFF, 2014, p.433).

Mas o que de verdade dá sentido a um lugar o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o local o qual se visita. Esse conjunto de valores representado pelos significados e símbolos projeta-se no espaço geográfico e, ao mesmo tempo em que dele vai apropriando-se, imprime marcas como que dizendo isto sou eu e, em comunhão com o grupo social, isto somos nós (MARTINS, 2001, p.39).

Segundo Martins (2001) todo espaço é a casa do indivíduo, é o lar, é o seu lugar e o lugar de sua significação de existência. “Na realidade, o que torna o lugar atraente é a cultura de sua gente, o jeito que esse povo encontrou de estar e ser em

sua existência, em seu espaço, vivendo sua realidade” (MARTINS, 2001, p. 40). Esta realidade está marcada com os acontecimentos. No caso da religião acontecimentos daqueles que fizeram a experiência da fé. A comunidade cristã vive sua realidade ao fazer memória de seus antepassados e da forma com esses se relacionavam com o transcendente.

Faz-se necessário buscar mais uma vez em Le Goff a compreensão para a essa dimensão que faz referência a experiência vivida e celebrada tendo como ponto de partida a Última Ceia numa perspectiva escatológica. O próprio Le Goff fala que “o povo Hebreu é o povo da memória por excelência” (LE GOFF, 2013, p. 406)

No Novo Testamento, a Última Ceia funda a redenção na lembrança de Jesus: ‘Depois, pegando no pão, ele prestou graças, partiu-o e deu-o, dizendo: ‘este é meu corpo que vos é dado; fazei isso em minha memória’. João coloca a recordação de Jesus numa perspectiva escatológica: mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele nos ensinará tudo e nos lembrará o que vos disse. E Paulo prolonga esta perspectiva escatológica: Com efeito, cada vez que comeres este pão e beberes este vinho, anunciareis a morte do Senhor até que ele venha (LE GOFF, 2013, p. 406).

E assim se forma a memória de um coletivo numa dada comunidade. Vive-se e também experimenta o que foi vivido e experimentado pelos antepassados. “Na escolha dos acontecimentos destacados, esse ordenamento das referências memoriais, é preciso observar o trabalho de construção da identidade que vai se fundar sobre a *memoranda*, quer dizer, as coisas dignas de entrar na memória” (CANDAU, 2012, p.94).

Isso porque o autor está falando sobre o campo do memorável onde o mais significativo é de um lado o momento qualificado como o de origem e de outro, a experiência fenomenológica do acontecimento. Será que na religião poderia se pensar a partir dessa reflexão também?

Para responder essa pergunta e delinear a perspectiva da Catedral de Joinville como Patrimônio cultural a partir de suas simbologias teológicas, faz-se necessário perceber o que Candau fala sobre a memória das origens. “O momento original, a causa primeira é sempre um desafio para a memória e identidade, razão pela qual a referência à origem é uma invariante cultural” (CANDAU, 2012, p. 95). Assim torna-se ainda mais evidente a necessidade da relação entre o passado, o



presente e a memória de um indivíduo ou de um grupo que forma uma comunidade e sua identidade. Ao falar de uma comunidade religiosa que procura resgatar suas origens e expressá-las em forma de ritos, faz sentido então fazer referência à esta reflexão apresentada pelo autor.

Quando a determinação desse momento de origem puder prescindir de uma historicização dos acontecimentos fundadores, os mesmos serão enraizados em uma antiguidade indeterminada, com o objetivo de naturalizar a comunidade, que não terá necessidade de outra definição que a autopromoção de si (CANDAU, 2012, p. 95).

Os autores falam da memória que constitui um grupo. Nesse caso voltamos ao objeto de pesquisa, a Catedral. A Catedral de Joinville foi projetada e construída a partir da segunda metade do século XX. Nesse contexto Le Goff (2014) fala da evolução das sociedades, e nessa evolução está a importância que o papel da memória coletiva desempenha. Esta memória coletiva tem uma função extremamente relevante à proposta de análise que estamos fazendo. A religião manifestada pela comunidade que deseja a construção da Catedral faz este resgate do passado através da memória coletiva. “[...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e as em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas, pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (LE GOFF, 2014, p.435).

É, portanto, necessário trazer Leonardo Boff nesta reflexão da construção de uma Catedral como referência para uma comunidade. Momento este em que a comunidade local busca uma referência religiosa, mas também uma afirmação de sua presença. Boff (2014) fala da catolicidade como uma mesma identidade na pluralidade. Para ele, este termo não é e nem deve ser um conceito geográfico ou estatístico, não é sociológico tampouco histórico, para ele

A catolicidade reside na mesma identidade da igreja conservada, confirmada e manifestada por todos, sempre e em toda parte. A identidade da Igreja reside na unicidade de sua fé em Deus Pai que enviou o seu filho para, na força do Espírito Santo, salvar todos os homens, fé esta mediatizada pela Igreja, sacramento universal de salvação. Uma mesma fé, um mesmo Deus, um mesmo Senhor, um mesmo Espírito, um mesmo Evangelho, um mesmo Batismo, uma mesma Eucaristia: nisso residem a catolicidade, a unidade e a universalidade a Igreja (BOFF, 2014, p. 206)

Boff (2014) reforça que essa ideia conservadora, fazendo referência a Igreja e sua teologia tradicional, não está relacionada à ideia marxista ortodoxa, ele está

falando que a igreja é antes revolucionária pois faz memória de Jesus de Nazaré crucificado sob Pôncio Pilatos. É evidente que Boff está fazendo referência a uma percepção de religião voltada a uma estratégia de libertação. Assim diz Boff, “é aqui que ganha relevância o campo religioso-eclesiástico. Se ele ajudar na elaboração de uma visão religiosa de mundo que se ajuste aos interesses libertários [...] irá cumprir uma função revolucionária” (BOFF, 2014, p. 238).

É contexto de uma religião voltada para a ação social que a Catedral é pensada. “Estamos ligados à fé apostólica e à sua doutrina conservadora nos textos fundadores e na memória das comunidades” (BOFF, 2014, p. 248). O autor está fazendo referência à uma igreja católica que deve ser toda ela apostólica.

A catedral de Joinville traz como tema fundante a História da Salvação. O Concílio Vaticano II serviu como referência para a abertura que se teve na arquitetura deste monumento que pode representar tal espiritualidade. Boff (2014) traz o tema História da Salvação a partir da reflexão em *Mysterium Salutis* (MS) para ele uma tendência teológica. “Esta tendência se apropria de tal visão pelo entendimento das fontes da fé – Escritura e Tradição – sempre dentro de um contexto maior – a História da Salvação” (BOFF, 2014, p. 48).

No terceiro capítulo ao analisar os aspectos teológicos na arquitetura da Catedral será então aprofundado a teologia da História da Salvação.

### 3.3 ALGUMAS CONCEPÇÕES SOBRE CULTURA

Martins e Leite (2006) falam que o conceito de cultura é um conceito dinâmico e este tem como objeto fundamental de estudo as questões antropológicas. Nesse contexto, o conceito de cultura não é, e nem pode ser algo fechado, ou limitado a essa ou aquela tendência.

Percebe-se então a grande complexidade do termo. Eagleton (2011) fala que Cultura é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa

língua. Ao pesquisar sobre definições de cultura, muito se encontra sobre pelo menos duas possibilidades de compreensão para o termo. Uma diz que cultura é a ação ou maneira de cultivar a terra ou algumas plantações. O autor diz que “um dos seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo que cresce naturalmente” (EAGLETON, 2011, p. 9). A outra definição está relacionada com civilização e progresso e que é uma atividade e desenvolvimento intelectual. Nesse caso pode também estar relacionada com a erudição ou não de uma sociedade.

Chauí (2000) traz dois significados para a noção de cultura.

1- Vinda do verbo latino colere, que significa cultivar, criar, tomar conta e cuidar. Cultura significava o cuidado do homem com a natureza. Onde: agricultura. Significava, também cuidado dos homens com os deuses. Onde: culto. Significava ainda, o cuidado com a alma e o corpo das crianças, com sua formação e sua educação. [...]

2- A partir do século XVIII, Cultura passa a significar os resultados daquela formação e educação dos seres humanos, resultados expressos em obras, feitos, ações e instituições: as artes, as ciências, a filosofia, os ofícios, a religião e o Estado. [...] agora Cultura torna-se sinônimo de História. A natureza é o reino da repetição: a cultura o da transformação racional; portanto, é a relação dos humanos com o tempo e no tempo (CHAUÍ, 2000, p. 292).

Partindo dessa segunda definição, pode-se entender que a cultura é resultado da transformação humana. É nessa transformação que acontece a construção da cultura. A cultura então está diretamente ligada a ação dos indivíduos. Nesse contexto, Chauí (2000, p. 347) fala que “as relações pessoais entre os indivíduos são determinadas e mediadas por suas relações sociais”. Sendo assim, a cultura acontece nesse meio e a ética e a moral estão também nesse contexto. Chauí (2000) ainda cita Hegel onde afirma que os seres são históricos e culturais. Isso para dizer que além da vontade individual subjetiva, existe ainda uma outra muito mais forte que é a vontade objetiva, inscrita nas instituições ou na cultura.

A vida ética é o acordo e a harmonia entre a vontade subjetiva individual e a vontade objetiva cultural. Realiza-se plenamente quando interiorizamos nossa cultura, de tal maneira que praticamos espontânea e livremente seus costumes e valores, sem neles pensarmos, sem os discutirmos, sem deles duvidarmos, porque são como nossa própria vontade os deseja (CHAUÍ, 2000, p. 347).

Sendo assim, cultura pode ser entendida como um processo diverso e por sua vez com seus valores.

A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado (EAGLETON, 2011, p. 16).

Como visto, ela se forma a partir do desenvolvimento de grupo de indivíduos, esses oriundos de uma comunidade ou de uma nação. Esse grupo se forma a partir do aprimoramento e compartilhamento de seus valores. Sendo que esse aprimoramento se dá a partir do esforço coletivo dessa comunidade. Por se tratar de um grupo de pessoas então essa cultura vai estar em constantes mudanças. Daí a ideia de ser um processo em permanente mudança e evolução. Eagleton (2005) fala que cultura é tanto pessoal quanto social. Daí entendemos que o processo cultural perpassa a dimensão individual e abrange o social. Ele fala do deslocamento que acontece na compreensão quando sai do individual para o social. “A cultura vai de mãos dadas com o intercurso social” (EAGLETON, 2005, p. 21).

A cultura sob esta ótica, consistia numa forma de “intercâmbio de ideias e experiências, inclusive, de apreciação de outros valores e tradições diversos da civilização ocidental. Na sua acepção mais abrangente, a cultura era considerada um conjunto dos traços distintos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que distinguem uma sociedade e um grupo social, abarcando, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (FUNARI E PELEGRINI, 2008, p. 38).

Na perspectiva de que cultura não é algo fechado e finito. Eagleton (2005) aborda a cultura como forma de vida. Nessa reflexão, então a definição de cultura vai designar alguns padrões determinantes para uma sociedade. Nesse sentido o autor afirma que:

Cultura como modo de vida é uma versão estatizada da sociedade, encontrando nela a unidade, imediação sensível e independência de conflito que associamos ao artefato estético. A palavra ‘cultura’, que se supõe designar um tipo de sociedade, é de fato uma normativa de imaginar essa sociedade. Ela também pode ser uma forma de alguém imaginar suas próprias condições sociais usando como modelo as de outras pessoas, quer no passado, na selva, ou no futuro político (EAGLETON, 2005 p. 41).

Se cultura não é algo fechado, limitado, e sim muito mais social, então o que é exatamente cultura? “A cultura, então, herda o manto imponente da autoridade religiosa, mas também tem afinidades desconfortáveis com ocupação e invasão; e é entre esses dois polos, positivo e negativo, que o conceito, nos dias de hoje, está localizado” (EAGLETON, 2011, p. 10).

Eagleton (2011) fala que a cultura só é Cultura porque vai em direção ao universal. “A cultura é uma forma de sujeito universal agindo dentro de cada um de nós [...]” (EAGLETON, 2011, p. 18). É nessa perspectiva que se desenvolve o conceito de cultura “é ela própria uma espécie de símbolo romântico” (EAGLETON, 2011, p. 82). Ao buscar entender ou compreender as manifestações culturais de um grupo, deve-se considerar as especificidades desse grupo. Com isso deve-se considerar a cultura pelo viés social, mas também espiritual. Sendo que este último traz imbricado um caráter universal. O próprio autor afirma que:

Ao interpretar a Cultura, então, como interpretar o símbolo, devemos operar com uma espécie de codificação dupla e apreendê-la ao mesmo tempo como ela mesma e alguma outra coisa, o produto de uma civilização específica embora também de um espírito universal (EAGLETON, 2011, p. 82).

Libânio (2002) pode contribuir com este estudo no quesito religiosidade pois no contexto da religiosidade esta ideia da espiritualidade da cultura é relevante também. A religião local manifestada na comunidade em torno da Catedral traz também esta dimensão universal. A comunidade reunida faz memória daquilo que é universal. “Cada Igreja no seu país, na sua região, realiza o grande projeto salvador de Deus e não carece de nenhum elemento necessário para tal missão” (LIBÂNIO, 2002, p. 94). “A Igreja assume nova imagem pelas cores, raças, culturas, tradições, diferentes da centro-europeia e sobretudo romana” (LIBÂNIO, 2002, p. 95).

Faz-se necessário perceber o quanto esse termo nos leva a pensar na dimensão da cultura social. “O cultural e o social tornam-se então efetivamente idênticos. A cultura é então simplesmente tudo que não é geneticamente transmissível” (EAGLETON, 2011, p. 55). É na relação que se forma a sociedade e a interação na mesma forma-se então a cultura. Nesse sentido Eagleton (2005, p. 43) diz: “Cultura, em resumo, são os outros”. E o autor continua refletindo que para uma pessoa, seu modo de vida é simplesmente humano e o humano está relacionado com a sua realidade em diferentes culturas. Reforça aqui a ideia de que a cultura são os outros, a individualidade se confunde no todo, porque o todo é que constitui a cultura. Essa é uma maneira de pensar de forma paradoxal, pois o indivíduo forma a sociedade no encontro com o outro. Uma vez constituída a sociedade essa passa a formar e influenciar o comportamento o indivíduo.

Eagleton (2005) cita Eliot em sua reflexão sobre o que é cultura. Isso nos leva a perceber o quanto esse termo pode transitar em nossos estudos. Além de tudo o que já estudamos sobre cultura agora Eagleton afirma que a cultura de uma sociedade, em certo ponto, é “aquilo que faz dela uma sociedade” (EAGLETON, 2005, p. 160).

Na perspectiva de Eagleton (2005) a cultura não é apenas um modo de vida, mas o modo total de vida de uma nação. E isso continua sendo um processo, pois vai do nascimento até a morte do indivíduo, com isso quer dizer que está presente em todos os momentos da vida da pessoa. A cultura está presente e se faz presente nas ações de cada indivíduo. Sabendo que os indivíduos juntos formam a sociedade e essa por sua vez determina o processo cultural. É por isso que a cultura torna um modo total de vida para todos os indivíduos de uma sociedade.

Segundo Eagleton (2005), a perda do religioso na sociedade e da escatologia e da memória e do sentido faz com que a cultura assuma o lugar da dimensão religiosa, assim, a cultura se transforma em uma religião secularizada que quer mudar o ser humano do estado de pecado em estado de um ser humano remido e um homem novo.

Seria possível então falar de cultura num sentido antropológico? Se Antropologia é o estudo do ser humano e por sua vez da sua cultura, então não deveria usar o conceito de cultura, mas de culturas. Isso por conta da diversidade existente conforme falamos antes. Essa ideia faz sentido uma vez pensado no patamar em que a cultura não é estática, mas sim dinâmica, então vai variar de grupo social para grupo social. Esses grupos sociais passam por transformações culturais que são distintos entre eles.

Martins e Leite (2006) falam que as manifestações da cultura devem ser explicadas em função da satisfação das necessidades básicas do homem e seu bem-estar. Uma vez entendido que cultura não é algo estático, vale aprofundar as ideias dos autores quando falam da cultura entendida a partir da satisfação das necessidades básicas do homem.

Na visão de Martins e Leite (2006) a cultura passa a ser um referencial para o estudo do comportamento dos seres humanos, isso como componente de grupos. “Os estudos das formas simbólicas, que são a expressão dos significados em um contexto social representados por gestos, ritos, arte, linguagem e escritos reflete a dinâmica que é a construção da cultura” (MARTINS e LEITE, 2006, p. 106).

É nesse contexto que surgem as necessidades básicas do ser humano para Martins e Leite (2006). O ser humano precisa do sentimento de pertencimento a um grupo, pois há a necessidade da identidade. As manifestações culturais estão relacionadas também com o comportamento do grupo. Se a tecnologia for uma necessidade básica para um determinado grupo, isso significa que a cultura daquele grupo poderá ser analisada sob um prisma completamente diferente daquele grupo onde a necessidade básica seja ainda o saneamento básico.

Observa-se, portanto, que a cultura se constitui dos mecanismos pelos quais o indivíduo adquire características mentais, como valores, crenças ou hábitos, que lhes possibilitam participar da vida social. É, portanto, um componente do sistema social, que também inclui estruturas sociais e mecanismos de adaptação, para conservar o equilíbrio com o contexto ambiental e social (MARTINS e LEITE, 2006, p. 112).

Para Geertz (2008) a cultura tem um papel constitutivo. Sem esse papel da cultura o homem seria um animal incompleto ou mal-acabado. Para ele o ser humano se completa graças à cultura. Com isso pode-se então perceber que sem cultura não haveria homens e, todavia, sem homens também não haveria cultura. Sendo assim, cultura seria um conjunto de padrões de significados historicamente transmitidos e envolvidos em símbolos. Esse conjunto de símbolos forma por sua vez as concepções herdadas, essas trazidas de forma simbólica e por qual os seres humanos se comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e atitudes. “Cultura representaria, nesse caso, o estudo da interpretação dos símbolos e das ações simbólicas. Desse modo, o ser humano é um animal inserido em tramas de significação que ele mesmo teceu” (MARTINS e LEITE, 2006, p. 116).

Se cultura é uma transformação humana. E ela deve ser explicada em função da satisfação das necessidades humanas. Então quais seriam essas necessidades? Dentre as mais diversas necessidades que o ser humano pode possuir está a necessidade da perpetuação da espécie. Com isso faz-se necessário que o grupo ou a comunidade desenvolva as estratégias necessárias para a perpetuação da

espécie. Sendo assim, as necessidades humanas estão relacionadas com a cultura e a forma de fazer cultura de um grupo.

Seria possível então pensar na cultura a partir das transformações sociais em vista da satisfação do ser humano e por sua vez da sua preservação?

Se a definição de cultura está relacionada com o ato de cultivar plantações e também relacionada com a ação ou atividade intelectual, então o ser humano produz cultura em vista da sua perpetuação. As transformações que ocorrem com o passar do tempo estão diretamente ligadas à preservação desse grupo social. “A cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos” (EAGLETON, 2011, p. 55).

Se a cultura existe porque existem os seres humanos e vice-versa. O que dizer então da crença desses seres humanos? Um grupo religioso seria então uma forma de perpetuação? Chauí (2000) fala que a religião organiza o espaço e ao mesmo tempo lhe confere atributos relacionados às qualidades culturais. A autora ainda diz que essas qualidades culturais diferem daquelas que são simples qualidades naturais. A religião como patrimônio cultural será entendida como uma forma de perpetuação da identidade daquele grupo. “A religião não sacraliza apenas o espaço e o tempo, mas também seres e objetos do mundo, que se tornam símbolos de algum fato religioso” (CHAUÍ, 2000, p. 300). Há uma herança religiosa e que será passada para outras gerações através de símbolos, ritos, linguagens entre outros.

Nesse contexto Chauí (2000) reflete sobre os ritos enquanto cerimônia, uma cerimônia onde há uma forma de determinação de gestos, palavras, objetos, entre outros. É através dos ritos e de suas determinações que se adquire o poder misterioso de tornar presente o laço entre os humanos e o divino. “Uma vez fixada a simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita do rito, tal como foi praticado pela primeira vez, porque nela os próprios deuses orientaram gestos e palavras dos humanos” (CHAUÍ, 2000, p. 299).

Fica esse desafio, como atualizar e compreender um termo tão complexo? O termo precisa ser entendido a partir de sua realidade e por isso cada grupo, ou cada



sociedade vai estabelecer padrões estáticos ou menos estáticos para os seus membros. É por isso que o termo cultura, deve ser estudado dentro das instituições que tem como objetivo a formação dos membros da sociedade. O termo é complexo por tentar atender à toda a gama de exigências e necessidades desses mesmos membros. A cultura é que dá respaldo às ansiedades de seus membros também quando se refere à manutenção e preservação da espécie. O grupo tem necessidades individuais, isso a partir das suas características, sejam elas eruditas ou populares.

Para isso, era necessário difundir, por meio da escola, valores como a língua nacional e as supostas origens comuns. Aí, reaparece a cultura. Por um lado, o termo era reservado ao sentido nobre, para se referir ao mundo das letras. Por outro lado, havia que se forjar o que seriam os costumes ancestrais de um povo, dos analfabetos camponeses. [...] Os alemães preferiram manter a palavra cultura e diferenciar a “alta” e “baixa” cultura, aquela erudita é resultado de estudo, esta analfabeta e cotidiana. Essa dicotomia entre alta e baixa cultura, iniciada nesse momento, está na raiz das disputas ainda em pleno século XXI. [...] (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 15).

Tendo esse contexto como base, e também discutido e entendido patrimônio e cultura, é possível então discutir e entender o que exatamente os indivíduos procuram preservar. Pode-se pensar nas possibilidades de preservação no sentido de manutenção da sua espécie como grupo. O grupo social preserva aquilo que está diretamente relacionado à sua identidade, seja ela presente ou passada. Pensar no sagrado como patrimônio é pensar na possibilidade da sua preservação enquanto identidade religiosa. Chauí (2000) reflete sobre as finalidades da religião e nesse contexto a autora fala do sagrado como uma possibilidade significação ao espaço. Na verdade, “o sagrado dá significação ao espaço, ao tempo, e aos seres que neles nascem, vivem e morrem” (CHAUÍ, 2000, p. 308).

O espaço sagrado pode ser um lugar de memória e por ser assim deve então ser preservado como patrimônio cultural?

Apenas o que o espaço físico proporciona não é suficiente para a condição de lugar especial. A própria percepção de especial é dada por quem percebe o lugar. Quem vê, avalia, partindo desde seus sentidos e experiências. Mas o que de verdade dá sentido a um lugar é o conjunto de significados, os símbolos que a cultura local imprimiu nele, e é isso que leva o outro a sentir, partindo de seus valores, o lugar o qual se visita (MARTINS, 2006, p. 39).

A Catedral é então percebida como um lugar especial a partir de suas simbologias. Mais especificamente a partir de sua significância para quem a visita ou tem uma estreita relação com ela, nesse caso, um católico. A Catedral como lugar especial é percebida então como patrimônio, e por isso deve ser preservada? O patrimônio cultural não está contido na arquitetura, mas sim em suas simbologias.

Uma pergunta poderia ainda ser feita, tudo o que é patrimônio deve ser então preservado? Se concluirmos que sim, vale pensar então para quem preservar. Essa discussão será abordada mais adiante. Vamos então entender o que é patrimônio cultural. Por fim, o fundamento da cultura está na sua metafísica, na sua espiritualidade, que tem caráter universal. Segundo Geertz,

A necessidade de tal fundamento metafísico para os valores parece variar bastante em intensidade de cultura para a cultura e de indivíduo para indivíduo, mas a tendência de desejar alguma espécie de base fatural para o compromisso de cada um parece praticamente universal – o mero convencionalismo satisfaz a muitas poucas pessoas, em qualquer cultura (GEERTZ, 2011, p. 96).

### 3.4 PATRIMÔNIO CULTURAL

Fonseca (1997) discute que a definição e compreensão de patrimônio cultural nos leva a entender que há a existência de um valor agregado ao termo. Este valor foi agregado a ele como justificativa da sua relevância. A autora diz que entorno desse universo existe uma simbologia que é característica aos patrimônios culturais. Ela ainda diz que o valor nacional é o seu centro.

Então deve-se entender o patrimônio cultural como sendo a possibilidade de apropriação dos bens materiais por exemplo. “Esses bens viriam objetivar, conferir realidade e também legitimar essa comunidade imaginada” (FONSECA, 1997, p. 31).

A proposta é entender patrimônio cultural relacionando-o com a materialidade e também com a imaterialidade existente. Materialidade enquanto a parte física dos objetos e a imaterialidade como o espírito dos mesmos, assim como visto

anteriormente. Palegrini e Funari (2008) falam da religiosidade enquanto patrimônio cultural. Para os autores a religiosidade é parte essencial da experiência da vida em sociedade. Isso porque esse termo é amplo e também busca ultrapassar as definições relacionadas à religião, crença, magia, culto ou ritos. Essas manifestações não podem ser enquadradas como sentimento religioso associado as práticas religiosas. “A imaterialidade dos sentimentos religiosos associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial ou intangível” (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 84). A catedral de Joinville embora seja percebida a partir, primeiramente, do cal e do cimento, traz em si uma série de simbologias teológicas e daí a sua imaterialidade. Falar da amplitude da porta de entrada, por exemplo, sob uma perspectiva material apenas pode-se dizer que porta mais larga facilita o tráfego de pessoas. Já do ponto de vista religioso e teológico pode significar a grandeza do Criador que recebe à todas as suas criaturas. A simbologia expressa na amplitude da porta da Catedral é de Jesus como a porta por onde os cristãos passam para chegar ao Pai. É ampla porque está aberta a todos. A imaterialidade dessa simbologia pode ser encontrada no Evangelho de São João capítulo 10 versículo 9<sup>5</sup>.

Lemos (2010) é quem afirma a necessidade de se encarar a problemática do Patrimônio Cultural. Para o autor deve haver uma definição bastante abrangente com a perspectiva de encarar e entender tais conflitos.

De acordo com Lemos (2010) o patrimônio cultural deve ser dividido em três grandes categorias de elementos. Primeiro faz referência aos elementos contidos na natureza. Para ele são aqueles recursos que estão postos e tornam aquele espaço habitável. “O meio ambiente fornece-nos as árvores, suas frutas e sua madeira para a construção, os barcos, para as carroças e para os dormentes das estradas de ferro. Fornece-nos a terra que recebe úmida a semente do pão de cada dia, [...]” (LEMOS, 2010, p. 09). O autor ainda fala que o clima envolve e condiciona o comportamento dos seres humanos. É por isso que há uma inter-relação constante.

---

<sup>5</sup>Jesus disse-lhes esta parábola; mas eles não entenderam o que era que lhes dizia. Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, e entrará, e sairá, e achará pastagens. O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância. João 10:6-10

O segundo grupo desses elementos do patrimônio cultural está relacionado com o conhecimento e com as técnicas existentes. Ou seja, diz o autor, está relacionado ao saber e por sua vez ao saber fazer. Neste caso são os elementos intangíveis do patrimônio cultural. Com isso, entende-se como toda a capacidade de sobrevivência do ser humano em relação ao seu meio. Esse meio de sobrevivência vai desde a forma de rastrear por uma caça até as formas complexas utilizadas nas fórmulas matemáticas ou nos sistemas de informação.

Dessa forma, o patrimônio é reflexo da sociedade que o produz, sendo necessário esclarecer que ele nem sempre é fruto da coletividade, pois existem processos nos quais o patrimônio é produto de contextos econômicos, políticos ou culturais, que por sua vez, possuem origens em decisões de grupos concretos, ou classes, mas apenas representam patrimônio, quando tais construções são assumidas pela coletividade de forma autônoma (MARTINS, 2006, p. 43).

Por fim o autor nos apresenta o terceiro e último grupo de elementos. Para ele esse é o mais importante de todos, pois engloba todos os chamados bens culturais tais como: objetos, artefatos e construções em geral. “Artefato talvez devesse ser a única a ser empregada no caso, tanto designando uma pedra polida como um foguete interplanetário ou uma igreja ou a própria cidade em volta dessa igreja” (LEMOS, 2010, p. 10).

É visto que o patrimônio cultural não é estático, pois na interação com o meio o ser humano produz ou modifica a cultura e essa por sua vez pode transformar-se em patrimônio. É no ambiente particular que o ser humano produz cultura por estar envolvido com esses processos de forma dinâmica. Poderia ser por conta dessa particularidade na interação que o meio é transformado e fundado na diversidade? Nesse sentido então não há patrimônio uno, eterno ou formado por requisitos previamente determinados. É por esse motivo que se fala em patrimônio ainda em construção, criação, relação e etc. sendo que esses conceitos são extremamente conflituosos. Então ele é realmente diverso. E por ser diverso fica difícil encontrar uma definição que possa atender e amparar toda a sua abrangência de significados complexos ou não, objetivos ou subjetivos.

De acordo com Funari e Pelegrini (2006, p. 28) foi aprovada pela Unesco, em 2005, uma nova convenção sobre a diversidade cultural. “O principal argumento

usado nessa convenção foi a questão do caráter não comercial dos bens culturais e ambientais da humanidade”.

Embora tenhamos visto que não há patrimônio uno, vamos agora perceber que algumas características são atribuídas para que esse patrimônio possa receber tal titulação. Fica ainda entendido que a construção é constante, mas essa vai seguir algumas características que possa permear cada um dos objetos quando dito como patrimônio cultural.

Silva (2012) fala dos elementos característicos do patrimônio cultural. O autor apresenta a classificação destacada na Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972. Essa Convenção, segundo o autor, procura atender às possíveis manifestações humanas por meio dos bens culturais imóveis. “Os monumentos e os conjuntos compreendem realizações exclusivas da ação humana; os lugares notáveis, as realizações conjuntas do homem e da natureza” (SILVA, 2012, p. 90).

Sendo a Catedral de Joinville o objeto de estudo no contexto do Patrimônio Cultural, seria então possível pensar a religião ou religiosidade como um bem? Uma comunidade poderia preservar sua religiosidade como sendo seu patrimônio? É uma nova forma de pensar o patrimônio, agora sob um prisma religioso. Ou seja, compreender o patrimônio cultural como sendo também religioso e com ele todas as suas características e simbologias.

Neste ponto faz-se necessário então buscar uma razão para tal compreensão. A Catedral de Joinville foi pensada na virada para a segunda metade do século XX, nesse mesmo contexto está o Concílio Vaticano II. “Assim, no dia 11 de outubro de 1962, o sumo pontífice João XXIII pronuncia o programático discurso de abertura do XXI Concílio Ecumênico da história da Igreja sob o nome de Vaticano II” (LIBÂNIO, 2002, p. 70).

Assim há mudanças acontecendo na vida da Igreja. As simbologias passam a adquirir e representar manifestações culturais. Frei Betto (1986) faz referência ao conteúdo da fé. Para ele a vida cristã não se sustenta fora da experiência desse

conteúdo religioso. Para ele o cristão não pode buscar um status farisaico em detrimento do discipulado evangélico.

Ora, o pudor em relação à vida de oração, à atividade litúrgica, à explicitação da fé, tem, por vezes, impedido os militantes cristãos não só de aprofundarem sua experiência do Deus vivo, na linha da prática de Jesus, mas também de se reapropriarem do capital simbólico da fé, [...]” (FREI BETTO, 1986, p. 99).

A principal referência contida da estrutura arquitetônica da Catedral de Joinville é a História da Salvação. Este projeto traz em si as mudanças pastorais apresentadas também no Vaticano II, de modo particular a maior abertura para o encontro com o povo de Deus. Libânio (2002) fala de um confronto entre as duas tendências pastorais do Vaticano II. Sendo que uma delas é aquela adotada pelo Bispo da Diocese de Joinville, Dom Gregório Warmeling.

O confronto entre essas duas tendências, teve momentos dramáticos. Predominou a posição pastoral e de abertura, com algumas concessões à posição tradicionalista. A minoria foi sendo lentamente silenciada por votações maciças em torno das propostas progressivas (LIBÂNIO, 2002, p. 73).

Ao pensar na religiosidade como bem cultural, pode-se então fazer referência às comunidades eclesiais de base como um bem cultural. “O povo não se rege tanto pela lógica do conceito e da razão analítica, mas principalmente pela lógica do inconsciente e do simbólico” (BOFF, 2014, p. 264).

A concepção de Igreja, que se desenvolve depois do Concílio, valoriza a sua face espiritual e misteriosa. Deixa-se de lado a insistência unilateral sobre o aspecto visível, jurídico, organizativo. Ela é percebida mais como sinal, um anúncio do projeto de salvação para toda a humanidade do que como aquele lugar necessário, fora do qual as pessoas se condenam (LIBÂNIO, 2002, p. 73).

Então a Igreja local entendida como uma diocese e tendo a catedral como referência imbrica a religiosidade com a cultura e transforma-se em patrimônio cultural. Sendo assim, a reflexão sobre esse tema continua e neste ponto Pelegrini (2009) traz alguns conceitos essenciais sobre a discussão do patrimônio cultural.

Para Pelegrini (2009) o patrimônio está dividido em três tipos de sítios. E ela os intitula como sítios patrimoniais. Esses são os naturais, os culturais e os mistos. Pelegrini (2009) ainda apresenta uma subdivisão para os bens culturais. Esses estão divididos em bens materiais ou tangíveis, e os que são imateriais ou

intangíveis. Há ainda mais uma subdivisão, pois, os bens materiais ou tangíveis podem ser móveis ou imóveis.

### 3.5 PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Conforme visto neste trabalho o patrimônio cultural vem sendo valorizado de forma cada vez mais acentuada. Vale dizer que este patrimônio cultural é o material entendido como igrejas, centros históricos, obras das mais diversas, em suma, são os bens tangíveis, e esses por sua vez apresentam características que de alguma forma são próprias e estamos falando de características históricas, arqueológicas, artísticas entre outras. Estas representações formam juntamente com as manifestações o patrimônio cultural. E a imaterialidade? Onde ficam as ideias de tudo o que é representado?

Nesse contexto é que estamos analisando da Catedral de Joinville que traz como tema gerador “A História da Salvação”. Com isso percebe-se no monumento a presença de símbolos que colocam o espectador em contato com o passado. A arquitetura está repleta de simbologias teológicas e essas representam e manifestam significados específicos e intimamente relacionados com a história. A religião é percebida também como a possibilidade de construção de identidade social.

Macedo (1986) fala da importância da religião e do esforço em explicar as razões dessa importância. Na verdade, a autora trabalha com a ideia da necessidade que o ser humano tem de pertencer à uma religião. Este sentido de pertencimento sai de uma afirmação puramente positiva, ou seja, a religião como um valor em si mesma e passa para a ideia de que ela, a religião, funda a sociedade. Nesse caso, confere ao ser humano o sentido próprio da humanidade e por conseguinte o separa dos animais. “A religião aparece como um freio às vontades individuais e um modo possível de ordenar o social” (MACEDO, 1986, p.113).

Mas o que é a religião? Não vejo como pertinente buscar uma definição para religião, vale sim buscar o contexto onde as religiões estão inseridas. Há uma estreita relação entre religião e teologia. Ferraro (2011, p. 44) diz que a “Teologia não é uma linguagem universal”. O autor trabalha a ideia de uma teologia interessada sempre em uma reflexão das metas e das aspirações de um povo particular num contexto social definido. “Toda e qualquer teologia fala sempre de Deus a partir de uma realidade histórica [...]” (FERRARO, 2011, p. 44). É por isso que as simbologias teológicas contidas na arquitetura da catedral de Joinville retratam a História da Salvação. É de suma importância neste ponto perceber da definição de teologia a partir daquela apresentada por Weber: “A teologia é uma *racionalização* intelectual da inspiração religiosa” (MAX WEBER, 2014. p. 49).

A religião é valorizada como crença e fé em algo sobrenatural que serve para ajudar os homens a enfrentar o sofrimento para viver. A religião envolve, assim, a crença em algo superior aos homens, uma outra dimensão. Essa crença permite pensar em outro tipo de vida, e a religião se configura como uma ponte entre a vida e a morte (MACEDO, 1986, p. 117).

Será que a dimensão escatológica<sup>6</sup> da religião pode ser entendida também como a sua imaterialidade? Sendo assim, a religião ou a religiosidade será percebida na sua imaterialidade. E a religião também será analisada a partir de sua compreensão enquanto patrimônio cultural.

Le Goff (2014) fala da escatologia a partir de dois prismas, um o da individualidade e outro o da coletividade. Com isso o autor apresenta a dimensão escatológica relacionada com os fins dos tempos. Nesse contexto não está apenas o indivíduo, mas o coletivo enquanto humanidade, universo. “[...] o destino final individual depende em grande parte do destino universal [...]” (LE GOFF, 2014, p. 301). É por esta razão que autor trata essencialmente da escatologia coletiva.

Então a religião poderá ser entendida como o patrimônio da esperança. No contexto da escatologia Le Goff (2014 p. 338) diz que “A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes da história geral, para os historiadores

---

<sup>6</sup>A Escatologia pode ser definida como um termo moderno que indica a parte da teologia que considera as fases 'finais' ou 'extremas' da vida humana ou do mundo: morte, juízo universal, pena ou castigo extraterrenos e fim do mundo. Os filósofos usam às vezes esse termo para indicar a consideração dos estágios finais do mundo ou do gênero humano (ABBAGNANO, Nicola, Dicionário de Filosofia, 1999).



contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia na História, a espera a sua variante religiosa, a esperança”.

O patrimônio cultural entendido na sua imaterialidade foi por muito tempo deixado de lado, ou seja, as manifestações culturais não eram incluídas por exemplo na lista dos bens patrimoniais que deveriam ser protegidos pelo Estado. Entende-se a imaterialidade como manifestações culturais, pelos usos e costumes de grupos de indivíduos, bem como a comida e seu preparo.

Por conta disso faz-se necessário dedicar uma parte do trabalho à compreensão do termo, ou da possibilidade de entendimento acerca da imaterialidade cultural.

Pelegri e Funari (2008) trabalham com a dimensão do patrimônio imaterial. Os autores trazem esse estudo a partir da convenção de 2003. Sendo que essa convenção está tratando da salvaguarda do patrimônio imaterial, isso porque há uma problemática em torno daquilo que deve ser registrado e preservado como patrimônio cultural imaterial.

É nesse contexto que aparece toda a problemática sobre o que preservar? O critério de seleção dos bens imateriais que deverão ser preservados passa pelo crivo de um seleto grupo que vai determinar. O mesmo acontece com os bens materiais também. Quais políticas serão utilizadas? Como não entrar no caminho da exclusão? A única forma de entender esse processo é mesmo recorrer ao que a própria convenção diz sobre isso e partir daí identificar políticas públicas que vão dar suporte à preservação dessa imaterialidade cultural como patrimônio.

[...] práticas, representações, expressões e técnicas – junto com os instrumentos, objetos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (PELEGRINI; FUNARI, 2008, p. 46).

Os autores falam que partindo desse ponto de vista, o patrimônio imaterial então é transmitido de geração em geração. É nesse contexto que a religião está inserida, pois é um bem transmitido e em certo ponto é também recriada e atualizada. Isso porque a religião traz o sagrado como essência. “A sacralidade introduz uma ruptura entre natural e sobrenatural” (CHAUÍ, 2000, p. 297). O espaço sagrado –

uma catedral – representa a religião e a manifestação religiosa de uma comunidade e daí a necessidade de sua compreensão como patrimônio. “O sagrado é a experiência simbólica da diferença entre os seres” (CHAUÍ, 2000, p. 297).

Através da sacralização e consagração, a religião cria a ideia de espaço sagrado. Os céus, o monte Olimpo (na Grécia), as montanhas do deserto (em Israel), templos e igrejas são santuários e morada dos deuses. [...] A religião organiza o espaço e lhe dá qualidades culturais, diversas das simples qualidades naturais (CHAUÍ, 2000, p. 298).

Sendo assim, de acordo com Pelegrini e Funari (2008), o patrimônio cultural é alvo de constantes recriações, isso por que ele é o resultado das transformações existentes entre as comunidades e os grupos que de alguma forma compartilham do mesmo espaço social, bem como a interação que acontece em relação ao meio ambiente. Sob esse ponto de vista, percebe-se então a interação que acontece entre a natureza e a história dessas populações. Esses por sua vez são fundamentais no processo onde acontece o sentido de pertencimento. É importante ressaltar que esse aspecto leva o indivíduo ou a comunidade a desenvolver o respeito à diversidade cultural. Assim, pode-se perceber que a alteridade vai favorecer essa percepção e por sua vez o respeito à diversidade cultural e de modo particular a diversidade cultural imaterial.

É sobre isso que no momento pautam-se as discussões. Como preservar a imaterialidade cultural rompendo com as indiferenças e intolerâncias?

De acordo com Pelegrini e Funari (2008) falam que as convenções de 1989 (Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular), e a de 2001 (Declaração Universal da Unesco sobre a Diversidade Cultural) trouxeram grandes contribuições para essa discussão. Na verdade, o mérito dessas convenções é apresentar os instrumentos normativos voltados para a defesa do patrimônio cultural e esse deve ser reconhecido.

Pelegrini e Funari (2008, p. 47) afirmam que:

A Unesco reconhece que os processos de globalização e de transformação social, presentes na contemporaneidade, oferecem condições propícias para um diálogo renovado entre as comunidades, mas geram também, da mesma forma, o fenômeno da intolerância, assim como graves riscos de deterioração, desaparecimento e destruição do patrimônio cultural imaterial, em função da carência de instrumentos e meios para salvaguarda. Nessa direção, salienta ainda que as iniciativas de indivíduos ou comunidades, em

particular dos indígenas, tendem a desempenhar uma função prioritária na esfera da produção, recriação e manutenção de tais bens, corroborando para o fomento da diversidade cultural.

Nesse contexto, Lemos (2010) fala dos elementos intangíveis do Patrimônio Cultural. Isso está relacionado com as técnicas, ao saber e ao saber fazer. O autor salienta que esse processo faz parte de toda a capacidade que o ser humano tem ou desenvolve para sobreviver. Sendo que essa relação e produção ou recriação se dá na relação com a natureza, ou seja, o meio ambiente.

Para o autor esses elementos intangíveis têm duas extremidades.

Vai desde a perícia no rastreamento de uma caça esquivada na floresta escura até as mais altas elucubrações matemáticas apoiadas nos computadores de última geração, que dirigem no espaço cósmico as naves interplanetárias que estão a ampliar o espaço vital do homem (LEMOS, 2010, p. 9).

Para cada um desses fazeres há um saber que é intangível e por isso não menos importante. Este saber fazer por exemplo deve ser preservado.

A Constituição de 1988 em seu capítulo III aborda a questão dos direitos culturais. É nesse ponto que falamos sobre a inovação apresentada.

O artigo 215 afirma que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (CONSTITUIÇÃO DE 1988, 2006). Essas palavras ainda são vistas como utópicas. Fonseca (1997, p.77) afirma que “Os direitos culturais, no Brasil, não passam de ‘direitos fracos’, meras declarações de boas intenções”.

Em se tratando do patrimônio cultural, a Constituição de 1988 afirma que:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (ARTIGO 216).

É perceptível a intenção de abranger o patrimônio cultural brasileiro de forma mais totalizante possível. Isso porque a Constituição deve assegurar o mesmo direito à todos os membros da sociedade. A Constituição é o documento que dá respaldo às ações relacionadas com a preservação.

Quando se pensa numa definição para o termo preservação ou preservar, pode-se recorrer ao senso comum. Esse por sua vez diz que preservar significa guardar ou por ao abrigo, proteger, manter livre de perigo ou dano. Em se tratando de patrimônio cultural tudo deve ser guardado e protegido, do contrário haverá um desequilíbrio, e esse não seria o objetivo a ser alcançado com a proposta da preservação.

Lemos (2010) fala que se devemos preservar as características de uma comunidade ou sociedade, então deve-se ter o cuidado para manter protegidas as condições mínimas de sobrevivência. O autor ainda justifica que não há duas realidades iguais, daí a necessidade da preservação.

É fácil entender que de uma determinada condição ambiental, e não existem duas iguais no mundo, e de um determinado povo, seja misturado da maneira como for como o nosso, só pode resultar um processo cultural cuja evolução sempre percorre diretrizes identificadas por uma linha mestra do saber predominante. Do saber as coisas, do saber fazer e do modo de pensar prevalente (LEMOS, 2010, p. 26).

O ponto crucial dessa reflexão está no apresentado pelo próprio autor.

Assim, será mais fácil a manutenção da nossa identidade cultural se soubermos controlar os processos de evolução que fatalmente se desenvolvem mercê de alterações inevitáveis no campo do saber, especialmente do saber fazer. Nesse controle está implícito o registro dos vários estágios por que passamos. Aqui, registrar é sinônimo de preservar, de guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não tem garantias de permanência (LEMOS, 2006, p. 29).

Não é apenas uma proteção local ou regional, há também razões internacionais que asseguram a necessidade da preservação.

Pensar na preservação, ou na política usada para preservar não pode prender-se a uma visão de restauração apenas material de um determinado bem ou lugar. Faz-se necessário levar em consideração a interação. Se essa não existir, então deve-se criar uma política de interação, ou seja, a política de preservação

deve ter uma visão também voltada para a interação com a vida da comunidade humana.

É um risco pensar que a preservação ou conservação dos bens materiais como prédios, casas, praças e Igrejas seja capaz de conservar para perpetuar os valores culturais que fazem parte de processos que são também culturais. Existem valores culturais que são inerentes aos processos culturais e não estão expressos nos bens materiais. Nesse contexto da preservação Silva (2012) fala que nesse ponto entende-se a relação existente entre os seres humanos da atual e da futura geração.

É por isso que o espaço sagrado está diretamente relacionado com os ritos. Em se tratando da religião católica os ritos são significativos, pois é capaz de atualizar o passado ao mesmo tempo que faz memória.

No entanto, uma vez fixada a simbologia de um ritual, sua eficácia dependerá da repetição minuciosa e perfeita do rito, tal como foi praticado na primeira vez, porque nela os próprios deuses orientam gestos e palavras dos humanos. Um rito religioso é repetitivo em dois sentidos principais: a cerimonia deve repetir um acontecimento essencial da história sagrada (por exemplo no cristianismo, a eucaristia ou a comunhão, que repete a Santa Ceia); e, em segundo lugar, atos, gestos, palavras, objetos devem ser sempre os mesmos, porque foram consagrados pelo próprio deus. O rito é a rememoração perene do que aconteceu numa primeira vez e que volta a acontecer, graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente (CHAUI, 2000, p. 300).

O estudo do patrimônio tem sua amplitude em análise e até mesmo conceitos divergentes. Uma coisa é certa, o patrimônio enquanto perspectiva de monumento traz possibilidades de pesquisa. Neste estudo o patrimônio foi analisado enquanto cultura. Esta por sua vez percebida como representação e manifestação dos seres humanos. A cultura é percebida a partir de uma realidade social. Por conta da realidade social fica clara a materialidade da mesma. E como analisar a imaterialidade numa perspectiva teológica?

A teologia procura estudar os grupos sociais e sua relação com o transcendente, bem como as suas manifestações religiosas. Nesse contexto surge então a necessidade analisar a representação teológica contida em um monumento, a catedral de Joinville. Esse por sua vez traz como simbologia maior a História da Salvação. Chauí (2000) fala que a narrativa sagrada é a história sagrada. Essa era

entendida pelos gregos como mito. Com isso entende-se que o tempo sagrado é também uma narrativa.

Um monumento religioso é um patrimônio cultural, pois pode ser registrado no livro tomo de uma cidade, por exemplo. E como ficam as representações contidas na memória da comunidade onde tal monumento está inserido? Se as representações forem teológicas, haverá a possibilidade de enquadramento como patrimônio cultural imaterial? E se esta referência teológica for a representação da história da salvação?

Le Goff (2014) faz uma abordagem nesse contexto fazendo referência à escatologia. Segundo o autor o cristianismo defende que, com Jesus, a escatologia entrou na história e começou a realizar-se.

A história, veículo de eternidade, mantém-se história, pois que os Reino se desenvolve nesse mundo e no tempo; mantendo-se fundamentado no acontecimento essencial do passado, volta-se para o futuro, para o cumprimento ou consumação final realizada pela vinda gloriosa do Filho do Homem. O cristianismo pode ser definido como a escatologia tornada história (LE GOFF, 2014, p. 317).

A catedral de Joinville está repleta de simbologias teológicas e essas serão apresentadas no próximo capítulo. Como visto antes a religião está intimamente ligada com a realidade de um grupo específico. O grupo faz memória de realidades passadas e essas são atualizadas ou representadas. Daí a necessidade por sua preservação.

As representações poderão ser materiais ou imateriais. No objeto de pesquisa em questão a materialidade é percebida na forma de concreto armado. Já a imaterialidade é percebida através das simbologias teológicas como veremos a seguir.

#### 4 A CATEDRAL E SUAS SIMBOLOGIAS TEOLÓGICAS

A Catedral enquanto concreto armado apresenta sua elegância do ponto de vista arquitetônico moderno. Nesse monumento foi possível perceber a materialidade cultural de sua representatividade. O concreto armado está em evidência nessa virada da metade do século XX. Estava nesse momento consolidando-se uma corrente ou mesmo escola que se afirmaria nas décadas seguintes. “O concreto armado transformou-se na expressão contemporânea da técnica construtiva brasileira” (SEGAWA, 2010, p. 149). Esta técnica veio favorecer o que se buscava para a nova Catedral de Joinville. A possibilidade de ampliação do espaço interno combinado com algo moderno. O autor fala em como a construção civil estava em desenvolvimento nesse cenário. Haveria então um marco onde o tradicional cederia lugar o moderno. O concreto armado vem colaborar com esta tendência. “O concreto armado e sua potencialidade plástica e estética, nesse sentido era o front tecnológico mais avançado à disposição dos arquitetos brasileiros” (SEGAWA, 2010, p. 150).

O concreto armado exigiu grandes tomadas de decisões para então escolher o projeto que hoje é a Catedral de Joinville. Como visto no segundo capítulo, foram necessários significativos investimentos e é por isso que se faz necessário perceber e entender o quanto trabalhoso foi o processo de construção desse patrimônio, o quanto árduo foi o desenvolvimento desse projeto. Isso também significa entender a cultura dessa comunidade local a partir da construção da catedral como representação de sua manifestação de fé.

Se a catedral pode ser percebida como sinal físico da presença do divino enquanto espaço sagrado, é porque há uma identidade se consolidando em torno desse monumento. Boff (2014) fala da identidade do catolicismo. O autor reflete que ao buscar essa compreensão o indivíduo mergulha dentro dessa perspectiva de compreensão da própria identidade enquanto católico. “[...] o catolicismo é um princípio de encarnação do cristianismo” (BOFF, 2014, p. 167). O próprio autor fala dessa dimensão na perspectiva da concretização histórica do Evangelho. É, em última instância, a objetivação da fé cristã.

Para Boff (2014), ninguém é cristão fora do mundo, sem a palavra e sem a comunidade. Faz-se necessário a consciência e a coragem para a história, o mistério e o dogma. É por esse dinamismo entre o sagrado e o natural que se mostra o que é o cristianismo. A clareza total daquilo que é o cristianismo não é possível alcançar, mas é sim possível entender aquilo que nos é dado a ver através do processo histórico. “Em outras palavras, somente mediante as encarnações, mediante o catolicismo, se nos é revelada e ocultada a identidade do cristianismo” (BOFF, 2014, p. 169).

A catedral enquanto espaço sagrado propicia o encontro do indivíduo com sua identidade católica. O Concílio Vaticano II tratou dessa identidade na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). Nesta Constituição fala-se dos fiéis católicos e qual a possibilidade para sua salvação.

São incorporados plenamente à sociedade da Igreja, o que tendo o Espírito de Cristo, aceitam a totalidade de sua organização e todos os meios salvação nela instituídos e na sua estrutura visível – regida pelo Sumo Pontífice e dos Bispos [...]. Os catecúmenos que, movidos pelo Espírito Santo, querem por vontade explícita incorporar-se à Igreja, por este mesmo desejo a ela se ligam. Com amor e desvelo a Mãe Igreja já os abraça como seus (LG, 14).

É por esta razão que falamos da Catedral numa diocese como sinal visível da estrutura apresentada no Vaticano II, além de esta ser a presença da Igreja Católica Apostólica Romana em uma determinada região. Assim se percebe que há uma hierarquia posta entre a Igreja local e a Igreja Universal.

A identidade do catolicismo reside pois na sacramentalidade dialeticamente assumida, superada e reassumida. Poderíamos ilustrar com os grandes temas da teologia como esta sacramentalidade se articula caracterizando o catolicismo. Assim, por exemplo, a Igreja, como comunidade organizada dos fiéis, é apresentada como o sacramento de Cristo na terra e o Corpo do Senhor (BOFF, 2014, p. 169).

O autor ainda fala que há uma outra dimensão, aquela onde vigora uma identidade agora entre o próprio Cristo e a Igreja, pois por ela Ele atinge os seres humanos e continua a sua ação no mundo. No sinal concreto realizado em comunidade, viabiliza-se a graça. Com isso há a construção da identidade entre o signifiante e o significado. O signifiante é Cristo que se manifesta através do mistério da encarnação e se atualiza na Igreja como sacramento. Então a Igreja é sacramento de Cristo enquanto significado de sua manifestação física no mundo.



Assumir essas duas dimensões, como expressão de um mesmo mistério, construindo a unidade da Igreja e na Igreja, é acolher a sacramentalidade. Assim a graça, o Evangelho, e a salvação jamais permanecem num “em si”, mas constituem uma parte do mundo e de sua história. E isso por causa da sacramentalidade de Deus e de Jesus Cristo (BOFF, 2014, p. 170).

Ao pensar sobre essas dimensões, faz-se necessário ainda buscar na *Lumen Gentium* a possibilidade de um entendimento que faça referência ao único caminho para a salvação. A Igreja como sacramento de Cristo é então o caminho para a salvação. “[...] O único Mediador e o caminho da salvação é Cristo que se nos torna presente no seu corpo, que é a Igreja [...]” (LG, 14).

Neste ponto Boff (2014) reflete sobre a questão estrutural da Igreja Católica. Para ele a Igreja Católica não seria o único modelo estrutural possível. Por elementos estruturantes o autor define aquilo que uma Igreja tem de diferente das demais. Ou seja, são elementos estruturantes que dão um perfil próprio distinto dos demais a partir da forma histórica onde ela está inserida. “Os elementos estruturantes são: a doutrina, o culto, a ação no mundo, a missão universal e o governo que confere organicidade, unidade e animação a todos os elementos” (BOFF, 2014, p. 378). Sendo que estes elementos estruturantes são manifestos de diferentes formas na Igreja. O autor fala que estes elementos são organizados de uma forma na Igreja Latina e de uma outra forma na Igreja Católica Ortodoxa<sup>7</sup> por exemplo.

É justamente nessas diferenças estruturais que é possível encontrar os aspectos que tornam a Catedral de Joinville teologicamente diferente das demais. Um projeto que possa ser ao mesmo tempo um templo sustentado por uma tendência modernista advinda do cimento armado e uma tendência de abertura para novas possibilidades de compreensão e atualização das Escrituras. É nesse contexto que se pensa no patrimônio como sendo uma proposta teológica.

A proposta que vai nortear o projeto é a História da Salvação. Uma Igreja local com elementos estruturantes advindos de uma nova reflexão teológica, que inclusive permeia os debates pré-conciliares, dá aos dirigentes da Diocese de

---

<sup>7</sup> A Igreja Ortodoxa ou Igreja Cristã Ortodoxa é uma comunhão de igrejas cristãs autocéfalas, herdeiras da cristandade do Império Bizantino, que reconhece o primado do Patriarcado Ecumênico de Constantinopla desde que a sede de Roma deixou de comungar com a ortodoxia. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/bra/cartas/apologetica/20040729215311/>. Acesso em 08/01/2017.

Joinville a possibilidade de apresentar uma Catedral que pudesse simbolizar visivelmente a teologia da História da Salvação.

O conceito de salvação precisa ficar claro para então discutir a expressão História da Salvação e sua teologia. Para Leonardo Boff (1983, p. 95) “Teologicamente salvação é um conceito escatológico, isto é, só no tempo da história humana, pessoal e cósmica triunfa totalmente a salvação. Implica, com isso a totalidade do mundo em Deus”.

Outra forma de entendimento para o conceito História da Salvação é buscar o que o próprio Concílio Vaticano II refletiu sobre este tema. Na Constituição Dogmática *Ad Gentes* (AG), há uma referência à necessidade da atividade missionária como vontade de Deus onde quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade. A Constituição ainda fala que há Deus de um lado e de outro o mediador entre Deus e os homens. Esse mediador é o homem Jesus Cristo que se entregou para a redenção de todos. “É necessário que pela pregação da Igreja todos O reconheçam e a Ele se convertam e pelo batismo sejam incorporados Nele e na Igreja, seu corpo” (AG, 07).

A atividade missionária é na verdade a manifestação do plano divino e o seu cumprimento no mundo e sua história. “É nela que Deus realiza publicamente a história da salvação pela missão. Mediante a palavra da pregação e a celebração dos sacramentos, cujo centro e cimo é a Santíssima Eucaristia, torna presente a Cristo, autor da salvação” (AG, 10).

Dom Gregório a frente da Diocese sofre influência dos principais teólogos que discutem e preparam o Concilio Vaticano II. Não foi um debate amistoso entre esses pensadores, pois o clima era de expectativa sobre o que haveria de acontecer no concílio a partir da realidade que se desenhava naquele momento. Nesse contexto Libânio (2002) fala dos movimentos que prepararam o Concílio Vaticano II. Para ele a modernidade estava levantando sua voz fora dos muros da Igreja católica. Era preciso parar e refletir sobre tal realidade. É por isso que se levanta grandes expectativas sobre o que aconteceria no Concílio Vaticano II e qual o futuro da Igreja Católica a partir daí. Isso porque a Igreja Católica defronta-se cada dia com o mundo moderno nas suas mais diversas formas. Sendo assim, faz-se necessário

desenvolver possibilidades de diálogo com o mundo contemporâneo. A teologia busca então entrar em diálogo e atualizar sua perspectiva na modernidade.

A Igreja e sua teologia precisa então dialogar com o mundo. Se há esta necessidade, então mesmo as estruturas físicas das igrejas precisam estar em diálogo com essas transformações oferecidas pela modernidade.

Os debates estavam acontecendo de diversas formas. Libânio (2002) traz o que na França se apresentava como a bandeira da “Nova Teologia”. Ele retoma a discussão e apresenta três pontos fundantes quando fala que a teologia tem diante de si uma tríplice exigência:

a) Ela deve tratar Deus como Deus, não como objeto, mas como sujeito por excelência, que se manifesta como e quando quer e de consequência, ser primeiramente penetrada do espírito religioso.

B) Ela deve responder às experiências da alma moderna e levar em conta as dimensões novas que a ciência e a história deram ao espaço e ao tempo.

C) Ela deve, enfim, ser uma atitude concreta diante da existência, uma resposta que engaja o homem inteiro, à luz interior de uma ação onde a vida se joga totalmente.

A teologia não será viva a menos que responda a essas aspirações (LIBÂNIO, 2002, p. 39).

O próprio Libânio fala que no ambiente francês circulavam escritos do pensador e teólogo Teilhard de Chardin. “Seus escritos esbarram com a censura romana e não podem ser publicados até depois de sua morte em 1955” (LIBÂNIO, 2002, p. 39). Nesse contexto Libânio ainda fala da monumental obra de Chardin “Fenômeno Humano”. Chardin torna-se referência nos aspectos simbólicos da Catedral particularmente nos vitrais de onde sai a inspiração da evolução humana e está representada nos mesmos.

#### 4.1 A TEOLOGIA CHARDIANA NAS SIMBOLOGIAS DA CATEDRAL

No “fenômeno humano” de Chardin (2006) é possível entender o universo a partir daquilo que ele chama de cosmogênese e então compreender a realidade onde ele, o universo é constituído também de uma história e esta é evolutiva. Se é

história evolutiva, então há início e fim escatológico. Para ele o universo é constituído de uma história em evolução. Chardin, como cientista e teólogo, levanta uma questão muito relevante para esse estudo, o processo de criação. Para ele deve haver uma análise e estudos focados em explicar o que ele mesmo chama de uma coisa só, a responsável pelo surgimento, evolução e também o término, a criação. Para ele o físico e o espiritual não podem ser separados. Sempre que buscar compreensão ou explicação para este fenômeno deve considerar o físico e o espiritual sempre juntos, apenas por esse viés é que se poderá explicar aquilo que se pretende entender.

O autor levanta o ponto crucial nessa reflexão, ele diz que se faz necessário olhar para o dentro das coisas. “Assim fala a Ciência. E eu acredito na ciência. Mas até aqui, terá a Ciência jamais se dado ao trabalho de olhar o mundo de outro modo que não seja pelo fora das coisas?” (CHARDIN, 2014, p. 49). Essa percepção faz sentido ao olhar para o universo em movimento. A criação é algo que o faz seguir em frente. O dentro para o autor está relacionado com as primeiras fases da evolução. Sendo assim, a vida continua avançando em seu rumo evolutivo pois para Chardin há um alvo a ser alcançado. Sobre este “alvo” a ser atingido nem todos os cientistas estão de acordo com sua teoria. Para esses cientistas a evolução da vida se dá apenas ao acaso e nada mais que isso.

Porém a evolução em Chardin assume contornos específicos voltados à sua análise e possibilidade de sustentação. Deve-se então trazer os próprios questionamentos do autor. A evolução seria uma teoria, um sistema ou uma hipótese? Sobre isso o autor responde:

Absolutamente não: mas, muito mais que isso, uma condição geral à qual devem obedecer e satisfazer doravante, para serem concebíveis e verdadeiras, todas as teorias, todas as hipóteses, todos os sistemas. Uma luz que ilumina todos os fatos, uma curvatura que todos os traços devem assumir: eis o que é evolução (CHARDIN, 2006. p. 243).

Ainda se pode então perguntar a partir das reflexões de Chardin, criação ou evolução? Apenas para pensar numa possível distinção. Criação remete ao nada, ao absoluto. Já a evolução evoca progresso, dinamismo conforme apresentado pelo autor.

Segundo Chardin (2006) o fenômeno humano é histórico e temporal. O homem mantém em sua existência um agir que está situado no tempo e no espaço, imbricado com o universo todo. O autor diz que apesar de homem pertencer e estar situado em um microcosmo ele está em consonância com o macrocosmo. Esse dado é revelado e entendido a partir da compreensão do processo evolutivo.

Chardin (2006, p. 197) explica que:

O que pode haver de mais revelador para a nossa Ciência Moderna é perceber que todo o precioso, todo o ativo, todo o progressivo originariamente contidos no retalho cósmico donde saiu o nosso mundo, se acha agora concentrado na 'coroa' de uma Noosfera.

No contexto da evolução o autor apresenta a posição do homem em relação aos outros seres. Determinar que há uma desproporção ou mesmo um abismo entre esses seres seria dizer que o homem toma seu lugar e daí faz sentido a sua existência. Esta interpretação é errônea e ingênua quando classificado como um gênero novo ou uma nova família.

Para dar ao Homem o seu verdadeiro lugar na Natureza, não basta abrir nos quadros da Sistemática uma secção suplementar, mesmo uma Ordem, mesmo um Ramo mais. Pela hominização, apesar das insignificâncias do salto anatômico, uma nova Idade começa. A Terra 'muda de pele'. Melhor ainda, encontra sua alma (CHARDIN, 2014, p. 197).

Diante de tudo isso, como entender a presença do homem nesse contexto? O homem evoluiu? Como entender essa complexidade ao observar os vitrais da Catedral de Joinville que é nosso objeto de pesquisa?

É por isso que o homem precisa ser compreendido a partir dos resultados apresentados anteriormente sobre o processo evolutivo numa perspectiva cristológica. Para Chardin (2014), se o Cristo ocupa o seu centro, então a cristogênese de São Paulo e São João é exatamente o prolongamento da Noogênese que vai culminar com a Cosmogênese que estamos apresentando, diz o autor. Sendo assim, o universo está em busca de Deus:

Cristo, reveste-se organicamente da própria majestade de sua criação. E por isso mesmo é, sem metáfora, através de toda extensão, de toda espessura e de toda profundidade de Mundo em movimento que o homem se vê capaz de experimentar e descobrir o seu Deus (CHARDIN, 2014, p. 341).

Julgo que a melhor síntese da teologia de Chardin nos fragmentos apresentados foi o apresentado por Libânio fazendo referência ao autor como teólogo que também deu base às discussões preliminares do Vaticano II.

Em sua monumental obra sobre o “fenômeno Humano” e em outros escritos, concebe o processo evolutivo da matéria à vida, da vida ao pensamento, do pensamento até o Ponto Ômega, Cristo Ressuscitado, Deus, por virtude de duplo movimento de contração e complexificação. As realidades vão se tornando cada vez mais complexas até chegar a gigantesca complexidade do cérebro humano e, ao mesmo tempo, crescem em identidade, em consciência, em contração em si. [...] Com o surgimento do ser humano, esse processo já não prossegue de maneira determinística, mas passa pela sua liberdade e consciência até as alturas da vida em Cristo e em Deus (LIBÂNIO, 2002, p. 40).

Com esta síntese fica ainda mais evidente as razões que levam Dom Gregório buscar em Teilhard de Chardin a base teológica para os vitrais da Catedral.

Os **vitrais** - Sem eles a Catedral não passaria de um bloco de concreto armado amorfo, sem sentido. São eles que dão vida ao templo. Em seu conjunto, representam a luz e a graça divinas que iluminam nossa vida. Em sua linguagem nos dizem que Deus nos assiste continuamente com sua graça. A ideia de fundo dos vitrais é a da Dinâmica Evolutiva do moderno teólogo Teilhard de Chardin, de quem Dom Gregório era adepto. Os vitrais estão dispostos em três etapas. Voltando-se as costas ao altar e olhando-se a partir do lado direito da porta central tem início a primeira etapa que descreve a criação do mundo e do ser humano, segundo o relato bíblico de Génesis 1 - 2. A Segunda etapa mostra a obra de Jesus Cristo, operando a redenção, representada pelos sete sacramentos. A terceira etapa mostra a pessoa humana que, sob a ação do Espírito Santo, por assim dizer, completa e aperfeiçoa a obra criadora de Deus, com seu esforço e criatividade. Aqui o homem e a mulher são feitos sócios de Deus. Em sua vocação e profissão eles continuam a obra que o Criador lhes confiou. O mundo será o que nós, os humanos, quisermos fazer dele. O último quadro representa um homem JESUS CRISTO - apresentando ao Pai o mundo transformado, completado. (WEBER, 2001, p 64-65).

A teologia teilhardiana precisa ser entendida para então compreender o significado teológico dos vitrais da Catedral de Joinville. É de suma importância essa compreensão, pois a representação teológica contida e manifestada nos vitrais representam também uma abertura teológica e pastoral na Diocese de Joinville com a presença de Dom Gregório. Essa perspectiva de abertura pastoral na época ainda não era aceita em Roma. Havia, como visto antes, teólogos levantando reflexões sobre o caráter dinâmico da História da Salvação.

O caráter evolutivo da teologia escolhida por Dom Gregório está na contramão daquilo que a Igreja Católica apresentava como teologia da salvação. Ou seja, esta abertura não era aceita pela hierarquia da Igreja Católica em Roma.

Por fim, o Fenômeno Humano de Chardin (2014) se completa ou finaliza no fenômeno do cristianismo, segundo o autor esse Fenômeno Cristão traz a solução. Apresenta o Deus pessoal como solução, um Deus que se revela na encarnação de Jesus. Essa manifestação é uma mensagem que vem para purificar o mundo e por sua vez unificar também mostrando a si mesmo como Deus tudo em todos quando disse Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e do fim.

Padre Bertino reforça a ideia de que a escolha por esta possibilidade teológica acerca da evolução foi proposital. Nesta reflexão como visto na citação acima, Weber (2001) apresenta a última parte dos vitrais onde há um significado maior. O homem e a mulher tornam-se colaboradores do criador nesse processo evolutivo. E no último quadro há então o próprio Jesus Cristo que apresenta ao Pai o mundo transformado. E assim está apresentado os vitrais que encantam os visitantes que passam pela Catedral São Francisco Xavier de Joinville conforme figura 9 abaixo.



Fonte: arquivo pessoal. Ferreira, 2013.

Os vitrais serão feitos em São Paulo, na Arte Sul, Av. Brasília, Brooklin Paulista, pelo artista Lorenz Heilmair. Não interferimos em nada na concepção dos mesmos. A comissão foi convidada a opinar mas a solução definitiva foi dada por D. Gregório e artista. Os estudos a respeito dos mesmos se arrastaram por mais de três anos. Mas valeu a pena. Os sete primeiros já concluídos são maravilhosos, e certamente agradarão aos olhos de todos os joinvilenses. A luz solar, ao atravessar os vinte vitrais da Catedral, revelará aos nossos olhos um espetáculo maravilhoso, emprestando um ar de mistério ao ambiente e nos aproximando ainda mais de Deus. A impressão da beleza vem lentamente feita de longínquos abalos de lembranças (GHANEM, s.d. p.40).

É evidente que a composição projetada para os desenhos também foi pensada tendo como base a intenção primeira. A catedral tinha que ser uma catequese. Este ideal de Dom Gregório que toda a arquitetura da Catedral fosse uma verdadeira catequese será tratado mais adiante.

Neste ponto faz-se necessário levantar uma questão. Do ponto de vista artístico, os vitrais também foram projetados para chamar a atenção de todos os visitantes que por ali passassem. Se é para chamar a atenção de todos os transeuntes, então deverá chamar a atenção também de um não católico por exemplo. Porém, a explicação que se nos é apresentada faz referência a teologia da evolução de Teilhard de Chardin. Weber (2001) também disse que é de suma importância conhecer a teologia de Chardin para entender a representação teológica contida nos vitrais da Catedral em análise.

Quando o visitante entra na Catedral com a intenção de identificar a sequência dos vitrais, esse visitante deve dirigir-se até o altar principal no centro. A partir daí deve-se olhar para a esquerda e buscar identificar um vitral com a letra A no canto esquerdo. A partir dele será possível perceber e identificar os demais.

Foi necessário apresentar a teologia da evolução de Chardin para então observar a sequência dos vitrais da Catedral. O ponto onde torna-se crucial para a compreensão da teologia Chardiana é a entrada do homem na história como disse Libânio (2002). Com o surgimento do homem percebe-se um processo não determinista, mas um processo em progresso onde há a consciência e participação a partir da liberdade que se tem para caminhar até as alturas em Jesus Cristo e Deus.

Há uma questão que ainda não ficou clara. Para um visitante não católico ou mesmo não cristão, qual o sentido contido nos vitrais da Catedral de Joinville? O sentido deverá ser a partir da imaterialidade do Patrimônio conforme será apresentado mais adiante.

A seguir encontra-se a lista dos vitrais com suas explicações sem análise teológica de cada uma das partes. Serve apenas para o leitor se familiarize com a sequência desenvolvida. Esta listagem é um recorte de uma matéria publicada no Jornal A Notícia de 31/01/1980, em edição Histórica:



1º- vitral – mostra a atuação de Deus Pai na criação do mundo: luz, água, terra, firmamento, nuvens, flores, fauna e por fim o homem. Esse primeiro vitral é completamente indefinido, e deve-se prestar atenção na sequência, pois ela volta, é isso que dá sentido ao movimento;

2º- vitral – destaca muito bem os vários tipos de pedras do Reino Mineral, deixando vestígios do seguinte que é o reino vegetal;

3º- vitral – apresenta todo o Reino Vegetal, nitidamente aparece os pés de café, cana, bananeira, flores e folhagens, trigo e uva, deixando margens ao reino animal;

4º- vitral – põem em movimento todos os animais terrestres, aquáticos e voadores;

5º- Vitral – retrata o homem deitado no berço da história, estendendo a mão à alguém... Olha a natureza e sente que precisa mudá-la;

6º- vitral – reluz a estrela da humanidade – Jesus Cristo. E nesse vitral aparece um acúmulo da cor amarela, que na natureza representa o ouro e nos sacramentos significa a nobreza e a riqueza que Cristo representa em nossa vida.

A partir desses vitrais inicia-se a representação dos sacramentos da igreja:

7º- vitral – O BATISMO, é simbolizado pela água que salta da rocha;

8º- vitral – O CRISMA, é lembrado pelas línguas de fogo e os sete dons do Espírito Santo (sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus);

9º- vitral – A PENITÊNCIA, simbolizada através de um galo cantando;

10º- vitral – EUCARISTIA, apresentada pelas espigas de trigo e cachos de uva;

11º- vitral – MATRIMÔNIO, traz duas alianças vermelhas entrelaçadas, simbolizando o amor;

12º- vitral – UNÇÃO DOS ENFERMOS, é representada por uma cruz colocada em campo verde, revigorando suas forças;

13º- vitral – ORDEM, simbolizado por um cajado e duas mãos oferecendo em sacrifício, o pão e o vinho.

Os sete últimos vitrais representam o grande passo da humanidade na evolução da cultura até os dias atuais, predominando a cor vermelha, que é a tentativa do Espírito Santo em penetrar nos valores que o homem cultivou ao longo da história, para que ele não seja vítima dele mesmo.

14º- vitral – apresenta o globo terrestre, campo de trabalho em que o homem vai demonstrar sua criação;

15º- vitral – aparecem às pirâmides, os papiros, livros abertos e fechados, a imprensa;

16º- vitral – mostra as fábricas e suas chaminés, fumaças poluidoras;

17º- vitral – mostra o símbolo da medicina e os laboratórios, o homem é a ciência;

18º- vitral – os meios de transmissão elétrica, os transformadores, as torres de transmissão e TV;

19º- vitral – o campo de telecomunicações e o homem na conquista do espaço, levando debaixo do braço o mundo que já conquistou com a ajuda daquele que estendeu a mão no berço da história e com a outra aponta para o infinito: DEUS;

20º- vitral – encerra a história: as mãos de Deus Filho oferecem ao Deus Pai o universo evoluído, redimido e transformado pelas mãos do homem. Deus iniciou a criação, mas confiou ao homem sua continuação. Com isso somos responsáveis pelo mundo em que vivemos.

Aqui finaliza a história dos vitrais, que analisando com atenção é uma verdadeira catequese para todos os católicos que visitam a Catedral de Joinville.

## 4.2 A REPRESENTAÇÃO CATEQUÉTICA CONTIDA NA CATEDRAL

Vele pensar então na dimensão catequética da Igreja Católica. Desde o início é tratado a catequese como sendo uma possibilidade que possa ser representada no projeto arquitetônico da Catedral. Será que até mesmo a catequese apresenta abertura que possa sair da doutrina dogmática como desenvolvida e aplicada até o Concílio Vaticano II para uma catequese onde a verdade da Sagrada Escritura esteja em diálogo com a existência dos fiéis católicos? O que significa catequese então? O Vaticano II fez referência à catequese renovada? Onde Dom Gregório buscou fundamentação para uma obra física que pudesse ser uma escola catequética?

O Decreto *Christus Dominus* (CD) do Concílio Vaticano II trata da dimensão catequética e diz que para anunciar a doutrina cristã faz-se necessário ficar atento às manifestações do mundo moderno e a partir daí fazer uso de meios variados que estão a mão e que possam ser empregados para a evangelização. Sendo que a pregação e a instrução sempre ocupam o primeiro lugar.

Preocupem-se que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina seja administrada com diligente cuidado [...] assim essa instrução se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja (CD, 14).

Assim se percebe que o fundamento está na Sagrada Escritura. A ideia de catequese é justamente para que a doutrina dos sacramentos seja percebida. São representações da Sagrada Escritura manifestadas através dessas simbologias teológicas.

Já a Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV) fala da Sagrada Escritura na vida da Igreja, ainda mais, diz que a Igreja venera as Sagradas Escrituras. Ligada à tradição a Igreja instrui seus fiéis como regra suprema de sua fé porque são inspiradas por Deus. É por isso que Constituição fala que toda a pregação eclesial deve ser regida pelas Escrituras. “Nos Livros Sagrados, com efeito, o Pai que está nos céus vem carinhosamente ao encontro de seus e com eles fala” (DV, 21). É nesta reflexão que se percebe a importância da Sagrada Escritura para a

Teologia. A verdade sobre a pessoa de Jesus Cristo está na Sagrada Escritura por isso é de suma importância a catequese na Igreja Católica. É por isso que o estudo das Sagradas páginas se torna a alma da Sagrada Teologia. “Da mesma Palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da Palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda instrução cristã [...]” (DV, 24).

Por fim, a centralidade de toda a instrução catequética está na Pessoa de Jesus Cristo. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) fala de Cristo como o único mediador para a salvação. Através do sacramento do batismo todos os povos unem-se a Cristo e com Ele forma-se um só corpo que é a Igreja. O próprio Cristo é a cabeça desse corpo. O ensinamento catequético tem essa metodologia, todos participam do sacerdócio comum de Cristo ao formar com Ele um só corpo, uma só Igreja (LG, 14).

Como visto antes, a ideia teológica que norteou o projeto para construção da nova catedral foi a História da Salvação. Vale reforçar que o objetivo da pesquisa não são os vitrais, esses fazem parte do todo e por isso a análise de suas características e teologia contida. O foco é para a abertura teológica e pastoral que este monumento suscita.

Voltamos então para o foco e desejo de Dom Gregório. Uma Catedral que seja em si uma catequese. Faz-se necessário visitar os documentos da Igreja Católica para entender o significado e a teologia contida nesta expressão “História da Salvação” para então darmos continuidade em análise e reflexão sobre outros símbolos contidos na estrutura desse patrimônio.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) do Vaticano II traz uma possibilidade de compreensão desse termo. O Documento fala que Deus não criou o homem para viver isoladamente, mas para formar com os demais um povo. Um povo que escolhido para ser o “povo de Deus”. O ápice dessa manifestação ou dessa escolha está presente no verbo encarnado. A História da Salvação não poderá ser compreendida, segundo a *Gaudium*, se não a partir do Verbo Encarnado, a salvação acontece a partir da coletividade. Então a História da Salvação a partir do Verbo Encarnado pode ser entendida como um ‘plano de Deus’. “Desde o início da história

da salvação, Deus escolheu os homens não como indivíduos somente, mas como membros de uma comunidade. Revelando seu plano Deus chama estes eleitos de ‘seu povo’” (GS, 32).

Na perspectiva da história humana da salvação o próprio Verbo Encarnado quis participar da vida na comunidade humana. Alguns são os exemplos dessa ação, Ele esteve presente nas bodas de Caná, entrou na casa de Zaqueu, sentou-se à mesa com os publicanos e pecadores. Com isso diz a *Gaudium*, o Verbo Encarnado santifica as relações humanas e ordenou que os filhos de Deus se tratassem como irmãos. Pediu, em oração, que seus discípulos se tratassem como um. Ainda mais, “Ele próprio, até a morte, ofereceu-se por todos como redentor de todos” (GS, 32).

A catequese da Igreja Católica é desenvolvida tendo Jesus Cristo como centro. Os sacramentos remetem à pregação e ação do Verbo Encarnado, por isso a história da salvação tem origem na criação do homem como plano de Deus, e é confirmada com o Verbo Encarnado. “Primogênito entre muitos irmãos, depois de Sua morte e Sua ressurreição, pelo dom do Espírito Santo, Ele instituiu entre todos aqueles que o recebem pela fé e pelo amor, nova comunidade fraternal, em seu Corpo, que é a Igreja” (GS, 32).

É a partir dessa reflexão que a atividade humana é vista como também redentora na medida em que realiza os planos de Deus e de forma comunitária buscam melhorar as condições de vida da comunidade.

Pois os homens e as mulheres que, quando lutam para a sustentação de sua vida e da família, exercem suas atividades de tal modo que sirvam bem à sociedade, podem legitimamente julgar que desenvolvem com seu trabalho a obra do criador, ocupam-se dos interesses de seus irmãos e contribuem com sua ação pessoal para a execução do plano divino na história (GS, 34).

Na História da Salvação está a presença do Verbo Encarnado como Alfa e Ômega. Nesse cenário a Igreja, que ao mesmo tempo que ajuda o mundo recebe do mundo as coisas que tende a um só fim. “Que venha o Reino de Deus e seja instaurada a salvação de toda a humanidade” (GS, 45). Assim se confirma que toda a Igreja é o sacramento universal da salvação. “Eis que venho em breve, e a minha

recompensa está comigo, para dar a cada um conforme as suas obras. Eu sou o alfa e o ômega, o primeiro e o último, o começo e o fim” (Apoc 22,12-13).

Em Cullmann (2008) a História da Salvação é apresentada sob um prisma que vai intensificar a ideia e a centralidade de Jesus Cristo no plano salvífico de Deus. O autor fala da plenitude da vida em Cristo Salvador. E assim o autor trabalha o Novo Testamento ou a Cristologia no mesmo.

Neste contexto Cullmann (2008) está fazendo referência aos acontecimentos da vida de Jesus, pensa-se então em um Jesus histórico. Em consonância com esta reflexão e análise Pagola (2010) também apresenta uma possibilidade para o entendimento de Jesus numa perspectiva e aproximação histórica. Segundo ele, os Evangelhos apenas as palavras de Jesus, eles recolhem na verdade os feitos e própria vida de Jesus. Fala-se a humanidade de Jesus assim como visto na *Gaudium et Spes (GS)*, Jesus entra no seio da humanidade e se faz humano. Compartilha da humanidade em todas as formas, exceto no pecado.

Segundo Pagola, o que os evangelhos querem é, na verdade, mostrar a ação salvadora de Deus nas ações de Jesus Cristo e mostrar que além de ressuscitar Jesus Ele já agia em sua vida. “Quando Jesus curava os enfermos, estava comunicando a eles a força, a saúde e a vida desse Deus que revelou todo seu poder salvador ressuscitando-o da morte” (PAGOLA, 2010, p. 530). É esta aproximação de Deus com Jesus ressuscitado que dá certeza aos seguidores da Galileia. É o próprio Deus que se manifesta e garante a salvação ao ressuscitar Jesus Cristo.

A história que narram é uma história vivida por Deus encarnado em seu Filho. Uma história cheia de conflitos e desafios, mas, sobretudo, uma história cheia de promessas e de esperanças. Os evangelistas narram as histórias de Jesus como o acontecimento central da história do mundo. Dali em diante, o passado e o futuro estão ligados a este fragmento de história no qual se nos dá a conhecer definitivamente o resto de Deus encarnado em Jesus (PAGOLA, 2010, p. 530).

Cullmann (2008), por sua vez, fala desse Jesus histórico ao fazer referência às suas ações já no primeiro século dessa era. O autor fala desses acontecimentos a partir dos que “faziam história” que não chegaram a discernir a respeito desses feitos e que, ainda hoje podem ser interpretados diversamente. Segundo o mesmo

autor nem por isso podem ser considerados menos históricos. Os acontecimentos que faz referência o autor são aqueles relacionados acima de tudo com a vida, a obra, a morte de Jesus de Nazaré. “Fundada nestes acontecimentos, a cristologia do Novo Testamento foi concebida na perspectiva da salvação. Esta cristologia não é um mito que teria sido imposto de fora a um Querigma alheio à história da salvação” (CULLMANN, 2008, p. 413).

E assim o Vaticano II foi sendo delineado em meio a esses debates e pensadores e pensamentos diversos. O que se buscava era mesmo um norte para a Igreja e sua ação evangelizadora. De um lado teólogos querendo confirmar e dar continuidade a uma teologia tradicionalista dogmática e por outro lado pensadores como Cullmann por exemplo trazendo uma perspectiva cristológica para a ação evangelizadora. Foi por isso que alguns teólogos católicos buscam em Cullmann a centralidade de toda a evangelização. No centro está Cristo. Ele, Cristo, é a salvação.

Isto é, que a cristologia já se inscrevia, então em uma reflexão sobre a história da salvação: Cristo não somente era aquele que vem mas também aquele que já veio; agora, o fato de que o mesmo que havia de vir em glória e tinha sofrido antes a morte, devia ter um sentido que era questão de se descobrir (CULLMANN, 2008, p. 417).

O próprio Cullmann fala que a ação de Jesus na história pode ser interpretada de forma diversificada. É verdade que os pensadores que desenvolveram seus estudos sobre a teologia da história da salvação buscam nas Escrituras as referências necessárias para registrar os atos significantes da presença de Deus na História.

Leonardo Boff, por exemplo interpreta a ação de Deus na história como intervenção para a libertação de Israel. Boff (1983) escreve a obra “Teologia do Cativo e da Libertação” e nesta obra o autor apresenta Israel que experimenta a salvação nas mais diversas formas. O autor faz um paralelo e apresenta como experiência de salvação a escapada de um povo na guerra e um culto como perdão dos pecados. Deus se faz na história e a partir de seus atos propõe a libertação. “Ela é sempre um processo histórico no qual a total libertação é antecipada e preparada. Dada a unidade da história da salvação, podemos então afirmar que o processo da verdadeira libertação é sinônimo de história da salvação” (BOFF, 1983, p. 96).

Está havendo um caminho para mudança, ainda não definido. Para onde direcionar as reflexões teológicas? Os pensadores daquele cenário estavam se preparando para conservar suas tradições ou abrirem-se ao novo que estava chegando?

#### 4.3 O CONCÍLIO VATICANO II

E assim o Concílio Vaticano II, coloca a Igreja Católica em posição de refletir sua ação evangelizadora. A teologia da história da salvação, então, esteve presente nesse cenário. O Concílio estava sendo preparado sob uma perspectiva de mudança. Alguns movimentos ganharam força, as posições teológicas começaram a debater sobre sua atuação. As mudanças foram provocadas também pela presença da modernidade. “[...] o Concílio Vaticano II será, por excelência, o Concílio da modernidade, pelo qual a Igreja católica se reconcilia com a cultura moderna” (LIBÂNIO, 2002, p. 60). Fala-se de moderno e modernidade nesse contexto fazendo referência às novas tendências teológicas e ainda mais, a abertura que se busca para inserir o leigo cristão na Igreja e no mundo. Essas reflexões, segundo Libânio estavam imbuídas de elementos da modernidade. Mais à frente voltaremos sobre esse aspecto da presença do leigo cristão na ação evangelizadora da Igreja Católica.

Com essas reflexões e movimentos alcança-se o início do Concílio Vaticano II. Segundo Libânio, este Concílio situa-se no corte fundamental que significou a morte de Pio XII e a eleição de João XXIII. É de fato uma transição. Morre-se com Pio XII um projeto ideal para Igreja e nasce com João XXIII a concretude da abertura para ação pastoral e evangelizadora onde o diálogo, o respeito e o ecumenismo passou a estar em pauta.

Libânio (2002) fala do Papa Pio XII como o idealizador desse Concílio. Nos seus 20 anos de papado enfrentou grandes crises, as guerras, a invasão da Itália pelo exército alemão, perseguição dos nazistas aos judeus, o bombardeio de Roma, e também diversas crises no interior da própria Igreja. Pio XII com sua consciência

forte e de soberania, sentia-se responsável por responder aos questionamentos que chegavam. Ele queria dar uma resposta e que esta fosse certa e segura. Que pudesse então atender aos apelos éticos e religiosos que surgiam. Todavia, não teve tempo para se concretizar este ideal. “O dia 3 de outubro de 1958 não foi um dia qualquer. A Igreja Católica chorou a morte de Pio XII, um dos mais gloriosos pontífices do nosso século” (LIBÂNIO, 2002, p. 61).

Foi assim, diz Libânio (2002), que o cardeal Roncalli foi escolhido papa, agora João XXIII, e este já estava com idade avançada. Na verdade, completaria 77 anos no dia de sua coroação. Um fato chama a atenção. Esse papa foi escolhido para ser um “papa de transição”. E terminou que ele acabou por ser o “papa da transição”, ou seja, de uma Igreja tradicional para a nova Igreja apresentada no Vaticano II. Desde o início de seu pontificado pode-se perceber pontos claros de sua atuação humana e espiritual. Há gestos que já indicavam o caminho para uma abertura apostólica da Igreja que se preparava para Concílio.

Pequenos gestos simbólicos marcam a novidade criadora de João XXIII. Ao nomear novos cardeais, os eleitores do papa, escolhe pela primeira vez um negro, um filipino, um japonês, internacionalizando o fechado círculo do colégio cardinalício, fortemente italiano e europeu. Inicia contatos ecumênicos com arcebispo anglicano de Cantuária, o monge protestante de Taizé, [...]. Lança uma ponte de abertura ao mundo comunista. [...] A 25 de janeiro de 1959, como a coisa mais natural do mundo, anuncia a convocação dum Concílio ao encerrar a Semana da Unidade na Basílica de São Paulo-fora-dos-muros (LIBÂNIO, 2002, p. 65).

E assim vai-se confirmando um cenário de mudança para a vida apostólica da Igreja Católica. É uma visão diferente, é de fato, uma primavera. O espírito livre e aberto do Papa João XXIII oferece uma grande possibilidade de mudança rumo a uma nova evangelização e ao diálogo ecumênico. “Foram assinadas pelo Concílio, nos três anos de sua duração, as novidades teológicas por força do diálogo tão incentivado por João XXIII com esse mundo e com as outras religiões” (LIBÂNIO, 2002, p. 69).

A respeito dessa abertura da Igreja Católica Boff (2014) fala da modernização nessa Igreja. O Vaticano II olha para o secular que começa a emergir, a ideia de igreja povo de Deus torna-se presente enquanto teologia. Assim o Vaticano II busca e implanta uma teologia que visa dialogar com o cotidiano dos seus fiéis. Desenvolve uma práxis que vai se adequando as práticas da Igreja, ao mesmo



tempo que visa também iluminar e criticar essas ações. Percebe-se nesse cenário o protagonismo dos cristãos católicos leigos.

O protagonismo é também entendido e apresentado na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG) como sendo o apostolado dos leigos. Os leigos, diz a LG, são consagrados no povo de Deus e são membros constituídos no único corpo de Cristo que é a cabeça. Esses leigos são chamados para o incremento e para a santificação perene da Igreja. Eis aí o protagonismo desses leigos católicos. O apostolado é a participação de todos na missão salvífica da Igreja. O fundamento desse apostolado está no sacramento do Batismo e da Confirmação. A fonte para a ação evangelizadora dos leigos está no sacramento da Eucaristia. Pois através dos sacramentos comunica-se e alimenta-se aquela caridade para com Deus e para com os homens.

Mas os leigos são chamados de modo especial a tornar presente e operante a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde ela só por meio deles pode vir a ser sal da terra. Assim, todo leigo, por virtude dos dons que recebeu, é testemunha e ao mesmo tempo instrumento vivo da própria missão da Igreja segundo a medida do dom de Cristo (LG, 33).

Na própria Constituição, ainda pode-se perceber um peso ainda maior sobre os leigos que esses têm o encargo glorioso de trabalhar para o plano divino da salvação alcance todos os povos, em qualquer tempo e lugar. O diálogo com o mundo leva a Igreja a se posicionar no meio do mundo e não fora dele. Inicia então um novo ciclo, uma nova teologia, e gera uma nova perspectiva. “Essa perspectiva conferia caráter teológico ao compromisso dos cristãos em luta pela construção de um mundo mais justo e fraterno” (BOFF, 2014, p. 32). A Igreja torna-se mais real e mais conectada à vida dos cristãos.

Em termos de articulação Reino-mundo-igreja, a reflexão teológica foi muito atenta: Reino constitui o grande arco-íris sob o qual estão mundo e Igreja; mundo é o lugar da ação de Deus construindo seu Reino já agora aberto para a escatologia que ainda não se realizou em plenitude. A Igreja como sacramento, vale dizer, o sinal e o instrumento oficial e público mediante os quais Cristo e seu Espírito atuam e aceleram a concretização do Reino na história do mundo e de forma explícita e densa no espaço da Igreja. Mundo aqui se entendia, preferencialmente, a modernidade, produto da grande empresa científico-técnica. Com esse “mundo”, a Igreja buscou uma aproximação, uma reconciliação, e ofereceu sua colaboração diaconal (BOFF, 2014, p. 32).

Com esta ação a Igreja procura estar mais próxima dos fiéis católicos. Vai fazer sua opção preferencial pelos pobres em Medellín e em Puebla faz sua opção preferencial pelos jovens procurando estar inserida na realidade do povo em seu tempo. Neste caso, do seu povo Latino Americano. Essa Igreja que se abre é a Igreja que está a serviço. Trazendo uma possibilidade de compreensão do sentido e da teologia da Diaconia de Cristo que veio para servir e não para ser servido. Pode perceber que neste ponto a Igreja desenvolve uma estrutura que vai de encontro com a horizontalização. Assim os movimentos ganham força. O papel evangelizador da Igreja fica sob a ótica da própria modernidade. Será que toda a Igreja passa a agir e evangelizar desta forma? Não seria ainda uma utopia daqueles teólogos ditos progressistas? Aqueles que então apregoam a chamada “teologia da libertação”? O próprio Leonardo Boff (2014) faz críticas à alguns movimentos pós conciliares como Cursilhos de Cristandade, Movimento Familiar Cristão e Movimento Carismático. Para ele grupos deste gênero atende a grupos bem situados na sociedade e não vai ao encontro com o povo proletarizado e pobre. Onde estará então o protagonismo e ação dos leigos na Igreja?

Libânio (2002) fala que essa reflexão esteve presente no Vaticano II. Na verdade, discussões que pareciam ser assuntos intocáveis voltaram para os debates, por exemplo a teologia do laicato. A partir daí os leigos ganham força e voz no processo de evangelização. A LG fala ainda sobre os leigos como testemunhas da vida e da ressurreição de Jesus Cristo perante o mundo. “Todos juntos, cada um de acordo com suas possibilidades, devem alimentar o mundo com frutos espirituais, e devem infundir-lhes o espírito que é próprio dos pobres, dos mansos e dos pacíficos, daqueles que o Senhor proclamou bem-aventurados” (LG, 38).

Essa tendência ou perspectiva teológica do laicato por muito ficou sem voz na Igreja Católica, mas no Vaticano II ganha notoriedade e fica claro as duas tendências presentes no Concílio.

O confronto entre essas duas tendências teve momentos dramáticos. Predominou a posição pastoral e de abertura, com algumas concessões à posição tradicionalista. A maioria foi sendo lentamente silenciada por votações maciças em torno das propostas progressistas. Conjunto, o Concílio Vaticano II foi uma revisão em profundidade da vida interna da Igreja e de sua relação com o mundo contemporâneo, com as igrejas orientais, com as diferentes denominações religiosas cristãs e não-cristãs (LIBÂNIO, 2002, p. 73).

Essa tendência de abertura leva então Igreja Católica abrir-se ainda mais. Sua relação interna ganha novo fervor. Há um deslocamento da pessoa do papa para a valorização do colegiado episcopal. Aumenta a corresponsabilidade dos bispos do mundo na condução da Igreja. Essa abertura vai marcar de forma significativa a ação dos bispos nas igrejas locais. A abertura que acontece no Vaticano II diz Libânio (2002) incentiva a participação do povo. O povo é Igreja. Igreja povo de Deus. Essa é a “boa nova” do Vaticano II. “As categorias Povo de Deus e Igreja-comunhão permitem redistribuir melhor a *potestas sacra* dentro da Igreja, obrigam a redefinição do papel do bispo e do padre, permitem que surjam novos ministérios” (BOFF, 2014, p. 37).

Todo esse movimento acontecendo. Um novo cenário vai se delineando em relação a atuação da Igreja no mundo. Com isso as perspectivas locais também ganham novos formatos na atuação dos bispos.

A Catedral de Joinville é exemplo dessa mudança. A Igreja que dialoga com o moderno. A igreja local representada por seu bispo diocesano visa praticar as reflexões teológicas que estão norteando a atuação pastoral. Dom Gregório, bispo da Diocese de Joinville, está nesse contexto de abertura pastoral.

Um exemplo dessa abertura está na própria arquitetura da Catedral de Joinville. As escadarias fazem referência à esta dimensão Igreja Povo de Deus que caminha para Jesus. A escatologia está representada nas escadarias. Na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), encontra-se a dimensão escatológica como vocação da Igreja. “A Igreja, para a qual somos chamados em Cristo Jesus e na qual pela graça de Deus adquirimos a santidade, só se consumará na glória celeste, quando chegar o tempo da restauração de todas as coisas” (LG, 48).

De acordo Weber (2001) as escadarias, tanto as externas como as internas foram imaginadas para representar a caminhada da humanidade até Jesus Cristo. Sendo que os representantes dessa caminhada são Abraão, Moisés, Davi, Salomão e os profetas. Esta é a referência que se tem nas escadarias apresentadas na figura 10. Sentido de subida para o encontro com o Pai.

E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela; E eis que o Senhor estava

em cima dela, e disse: Eu sou o Senhor Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra, em que estás deitado, darei a ti e à tua descendência (Gênesis 28:12-13).

Figura 10



Fonte: arquivo pessoal. Ferreira, 2013.

Ao observar essa escadaria pode-se ter ideia da pequena elevação no alto da Rua do Príncipe, e além disso confirma a intenção do idealizador em projetar uma construção que pudesse simbolizar a caminhada da humanidade para seu criador. A *Lumen Gentium* traz a relação da Igreja terrestre com a Igreja celeste. Estar nesse mundo caminhando para aquele que está por vir. Neste mundo futuro está a relação com o Corpo Místico de Jesus Cristo (LG, 50).

Como visto, o Concílio Vaticano II trouxe perspectivas diferentes para a ação da Igreja Católica. Essas perspectivas levam as “autoridades” da Igreja a pensar num novo jeito de ser Igreja. Esta abertura pastoral se concretiza por exemplo nas duas conferências citadas a de Medellín e a de Puebla. Fica claro que a missão da Igreja é colocar-se a serviço do irmão pobre nesse contexto Latino Americano.

O compromisso com os pobres e oprimidos e o surgimento das Comunidades de Base ajudaram a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto estes a interpelam constantemente, chamando-a à conversão, e porque muitos deles realizam em sua vida os valores de solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus (PUEBLA, 1147).

A base teológica para estas linhas pastorais é segundo o documento de Puebla, o anúncio de Cristo Salvador que ilumina a todos sobre as situações de pobreza. Ajuda-os a buscar a libertação de todos as carências para então buscar a comunhão com o Pai e todos seus irmãos mediante a vivencia da pobreza evangélica. Mais uma vez é a presença do Verbo Encarnado que promove o ser humano na sua dignidade.

O Vaticano II dedica na *Lumen Gentium* uma seção onde reza e reflete a abertura para o ecumenismo. A partir daí passa então, de forma consciente e consistente a considerar e reconhecer a presença dos cristãos não católicos e com eles estar unida pelo mesmo batismo e honrar o nome de cristãos. Ainda que professam integralmente a fé e que não tenham ou mantem unidade de comunhão sob o sucessor de Pedro. A Constituição apresenta aquilo que é comum entre esses cristãos, a saber, veneram a Sagrada Escritura, preserva zelo religioso, creem em Deus Pai Onipotente e em Jesus Cristo Filho de Deus e Salvador e são marcados pelo batismo que os unem a Cristo.

Esta abertura ecumênica abre para a possibilidade diálogo e da acolhida. A Igreja Católica reconhece que é a ação do Espírito Santo que suscita e opera com poder santificante por meio de dons e graças.

Assim, o Espírito suscita em todos os discípulos de Cristo o desejo e a ação, para que todos, de modo estabelecido por Cristo, unam-se pacificamente, num só rebanho, sob um único Pastor. Para conseguir, a Igreja, verdadeira mãe, não deixa de rezar, de esperar e de atuar, exortando os seus filhos a purificarem-se e a renovarem-se, para que sobre a sua face resplandeça mais brilhante o sinal de Cristo (LG, 15).

Assim a Igreja passa a entender sua missão no mundo. É o Espírito quem promove a ação evangelizadora na igreja particular. O convite feito aos bispos no Vaticano II mexe com as estruturas da própria Igreja. Faz-se necessário agora colocar em prática o refletido e rezado do Concílio. Uma exigência que se apresentou foi o diálogo religioso e abertura para o ecumenismo.

#### 4.4 DOM GREGÓRIO E SUA ATUAÇÃO PASTORAL

Sobre a abertura pastoral e ecumênica de Dom Gregório, Meinrad Piske<sup>8</sup> (2001), pastor luterano, diz que Dom Gregório assumiu a dimensão ecumênica quando se tornou bispo. “Eu imaginava que Dom Gregório tivesse sido um dos participantes do Concílio Vaticano II. Mas não compreendia o alcance desse Concílio. Ainda não imaginava que tanta coisa iria mudar no relacionamento entre as igrejas” (PISKE, 2001, p. 25). Ele cita uma frase do próprio Dom Gregório “a Diocese de Joinville é a Diocese mais luterana do Brasil”. O diálogo ecumênico esteve sempre presente na atuação do bispo. O pastor ainda lembra que as paróquias luteranas e católicas tinham mais de cem anos de convívio em Joinville e outras cidades da Diocese.

Pastor Piske (2001) ainda lembra de uma outra vertente que reforça a atuação pastoral de Dom Gregório. Para o pastor, a participação de Dom Gregório no Vaticano II dá sustentação à sua teologia e reflexões teológicas. A abertura sugerida no Vaticano II vinha ao encontro com o que Dom Gregório pensava como pastor a frente da Diocese de Joinville.

Em quase todos os encontros, tanto em reuniões de Diretoria como em Assembleias, Dom Gregório costumava repetir que todos nós indistintamente somos descritos por Jesus como sendo o sal, a luz e o fermento. Nós o entendíamos no sentido de que o que realmente importa é ser sal, luz e fermento. Só assim o mundo será modificado e só assim o movimento ecumênico transformará os cristãos e as igrejas no caminho para a unidade (PISKE, 2001, p. 28).

---

<sup>8</sup> Meinrad Piske é natural de Timbó e iniciou seus estudos nesta cidade até sua confirmação. Em março de 1953, ingressou no Instituto Pré-Teológico em São Leopoldo - RS. Em São Leopoldo em 1962, formou-se na Faculdade de Teologia. Em 1964, recebeu uma bolsa de estudos que lhe permitiu estudar por um ano nas Universidades de Barmen e Berlim na Alemanha. Em 1965, ele foi enviado para sua 1ª Paróquia em Ibirama, onde atuou com grande dedicação até 1968. Nesse período, Piske foi ordenado ao ministério pastoral em Timbó.

Pastor Meinrad Piske foi membro do Conselho Diretor da IECLB, onde ocupou por três mandatos as funções de 1º e 2º Vice Presidente da Igreja durante 20 anos, de 1978 a 1998.

Participou de importantes Reuniões Ecumênicas em Jerusalém, Constantinopla e Moscou. Saudou oficialmente em nome da IECLB e do CONIC o Papa em sua visita ao Brasil. Foi responsável pela criação do Jornal O CAMINHO em 1985, que hoje é o maior Jornal da IECLB. Liderou o LAR RODEIO DOZE, da Fundação Praeses Stoer, tornou-se o maior e mais movimentado centro de encontros, retiros e seminários da IECLB. Disponível em: [https://issuu.com/portalluteranos/docs/anu\\_rio\\_evang\\_lico\\_2016\\_-\\_port](https://issuu.com/portalluteranos/docs/anu_rio_evang_lico_2016_-_port). Acesso em 22/02/2017.

Confirma esta atuação moderna de Dom Gregório quando ele propõe a construção da Catedral numa perspectiva modernista. Neste ponto falar de moderno ou de perspectivas modernistas faz-se mister fazer referência ao já citado em relação ao concreto armado, tendência nos projetos da engenharia na busca por ampliação do espaço livre para a assembleia. Bruand (2002) faz fala do espaço livre quando analisa os projetos de Lúcio Costa e também de Niemeyer. Desse último, analisando a arquitetura a Catedral de Brasília. Por outro lado, é moderno também o que se discute no interior da Igreja Católica no antes, durante e depois do Vaticano II conforme visto anteriormente. Na verdade, a estrutura da catedral vai representar a horizontalização da Igreja. Isso porque os fiéis participarão ativamente do processo de evangelização ou ação evangelizadora da Igreja. Aqui se faz referência ao protagonismo dos leigos, inclusive na arrecadação de receitas para a construção da nova Catedral.

Padre Besen (2012) relata a construção da Catedral como um marco na unidade diocesana. A partir desse relato pode-se perceber o movimento que estava acontecendo.

Um ponto que marcou a unidade diocesana foi a construção da Catedral diocesana, um plano que já se arrastava por anos. Após longos estudos, optou-se pelo projeto do Arquiteto curitibano Mathieu que estruturava toda a obra numa ideia-chave: a História da Salvação. Tudo expresso numa simbologia moderna. A finalização da obra demorou 45 anos: a construção teve início em 1960, foi inaugurada em 5 de junho de 1977 e só terminou em 24 de dezembro de 2005, quando foi concluída a torre do campanário de 24 metros de altura. Nomes representativos na direção das obras: os padres Sebastião Scarzello até 1964, Pe. Tito Buss e, depois de 1968, Pe. Bertino Weber, párocos da Catedral, e a obstinada ajuda do Dr. Sadala Amin Ghanem e do engenheiro Felipe Arns, irmão do Cardeal Arns. Os vitrais, de difícil compreensão popular, foram inspirados na teologia de Teilhard de Chardin.

Esta citação é parte de um artigo publicado por Padre José Artulino Besen em 2012, é um relato que ajuda o leitor conhecer e entender quem foi Dom Gregório. O artigo está em anexo na sua íntegra.

Vale então perceber o significado e até mesmo os impactos que esta nova percepção de edificação pode representar para a comunidade local.

Olhar para a Catedral de Joinville e perceber que nela está contida um projeto que retrata a História da Salvação significa que se deve então buscar em Cullmann

(2013) a perspectiva de uma teologia voltada para a análise dos eventos do mundo numa dimensão escatológica. Cullmann redefine a própria escatologia, para ele todos os eventos da história da igreja são eventos escatológicos. Ele faz referência não apenas aos eventos da igreja, mas também aos eventos do Novo Testamento. Com isso o autor desenvolve uma teologia de abertura e que vai apresentar a Igreja como uma comunidade escatológica. Segundo Cullmann o papel da historicidade dos eventos bíblicos é ponto crucial para a mensagem cristã. O Jesus histórico é uma centralidade na vida do cristianismo. O próprio Jesus se considerava o Messias.

No Novo Testamento os que adquirem preponderância são, precisamente, os conceitos e títulos cristológicos judaicos que tem um caráter diferente do de Messias político. Contudo, os primeiros cristãos nem por isso deixaram de adotar o título de “Messias” para designar Jesus (CULLMANN, 2013, p. 150).

Para Cullmann, o Novo Testamento (NT) deve ser visto como chave para compreender a si mesmo. O autor reflete em direção a aceitar a narrativa bíblica como suficiente e base para se construir uma teologia da História da Salvação. Esta por sua vez deve também ter a revelação bíblica como base de sua teologia e Cullmann julga como suficiente.

É neste ponto onde história e fé entrelaçam. Jesus está presente e apresenta uma realidade que ainda não chegou. Por isso a escatologia está diretamente imbricada com a memória. Através da memória os eventos bíblicos são atualizados. A memória coloca a comunidade em comunhão com seu passado e ao mesmo tempo coloca em relação com o futuro, para onde caminha o grupo dos fiéis.

A presença de Jesus no mundo vem iluminar o que o Vaticano II buscou como atuação e evangelização. Jesus veio para o mundo, se fez mundo, assim se fez povo. A partir de sua realidade no mundo garante que os seus seguidores iriam para junto Dele. A escatologia é sinal de esperança. “O Filho do Homem aparece como o próprio povo de Deus” (CULLMANN, 2013, p. 185). Jesus é o Messias e vem para libertar e salvar. Jesus é povo de Deus e forma na igreja o povo de Deus, essa é também uma “boa nova” no Vaticano II. A centralidade das Escrituras permite centralizar a pessoa de Jesus Cristo a opção de evangelização.



No Apocalipse designado com o nome do 4º livro de Esdras, o Filho do Homem surge das ondas do mar e se eleva sobre as nuvens como um salvador. Dele se afirma que o Altíssimo se manteve por muito tempo reservado a fim de salvar a criação por meio dele. Ele aparece também nesta obra com o nome de Messias (CULLMANN, 2013, p. 185).

Cullmann reflete a respeito o termo homem. Esse não pode ser entendido de forma desconecta com a realidade temporal de Jesus. Esse homem é o Jesus histórico e presente nas realidades humanas. Realidades essas que o próprio Jesus experimentou. O Jesus Messias é homem que possui em sua realidade uma dignidade divina particular, “com efeito, a história das religiões nos ensina que existem especulações relativas a um “primeiro homem”, protótipo divino da humanidade” (CULLMANN, 2013, p. 188).

Jesus histórico está presente nas comunidades católicas em memória. A ideia de Jesus povo de Deus leva a humanização da própria igreja.

#### 4.5 UMA REPRESENTAÇÃO ESCATOLÓGICA

O povo que constitui a igreja e o povo que Jesus, o Messias, veio para salvar. Retomar a ideia de “primeiro homem” ajuda a entender a proposta de salvação e a própria História da Salvação. Jesus precisa salvar-se para então salvar todos os povos.

O que importa para a cristologia do Novo Testamento é a identificação deste homem celestial ideal com Adão. Vinculada à concepção escatológica do retorno final da idade do ouro, conduz, com efeito, à esperança de que o primeiro homem tem de voltar no fim dos tempos para salvar a humanidade (CULLMANN, 2013, p.189).

Le Goff (2014) também trabalha o conceito de escatologia. Ele retoma Cullmann e afirma ser este o teórico da escatologia antecipada. Para ele Jesus começou a cumprir o futuro antes do tempo. Ao falar desse tempo que há de vir, percebe-se então que há um Jesus que já veio e ao mesmo tempo há um futuro que é objeto de espera. “A encarnação é o centro da História da Salvação, mas o seu fim ainda não chegou” (LE GOFF, 2014, p. 334). O autor fala que a encarnação dá verdadeiro sentido à história.

Nessa organização do mundo, há dois pontos a serem considerados na visão de Le Goff (2014) ele fala que nesse princípio de organização do mundo há uma certa supervalorização que precisa ser entendido. Nesse ponto ele fala que a escatologia do eterno retorno e da eternidade dão sentido à história. “A escatologia pode tornar-se um dos temas mais interessantes de história geral, para os historiadores contemporâneos e futuros, graças a um novo olhar sobre a escatologia da História, a espera e a sua variante religiosa, a esperança” (LE GOFF, 2014, p. 338).

História e escatologia estão imbricados e já vimos onde os dois termos se cruzam. Um terceiro elemento precisa ser acrescentado. Memória. O próprio Le Goff fala da memória com elemento constitutivo já no século XIX, fazendo referência a uma memória coletiva. Para ele no século XX, de modo especial no início da segunda metade do século houve alguns desenvolvimentos da memória que vai constituir uma verdadeira revolução da memória.

E como fica então a memória da fé? Como fazer memória do passado numa perspectiva escatológica? Em Le Goff (2014) percebe-se que a memória eletrônica é mais eficaz, pois consegue armazenar com precisão mais informações que a memória humana. Porém, a memória humana a partir de sua subjetividade faz experiências e essas podem ser compartilhadas ou passadas para gerações futuras. É nesse sentido que o ser humano faz memória do passado em vista ao futuro. Então a memória coletiva está presente e dela os grupos fazem uso para suas práticas cotidianas em relação ao transcendente. A memória coletiva se perpetua nas gerações seguintes. Neste caso “a memória coletiva é definida como o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” (LE GOFF, 2014, p. 432).

Em se tratando da Catedral e de suas simbologias. O simbólico pode comunicar ou manifestar o passado para gerações futuras? Como se dá essa comunicação? Quais seriam então os parâmetros para que as experiências e a fé de indivíduos do passado possam ser percebidas e experimentadas por indivíduos na contemporaneidade?

Seria a linguagem uma possibilidade para compreensão desse processo de comunicação? Westphal (2012) desenvolveu um trabalho que pode iluminar essas questões. O autor trabalha a linguagem como representação num contexto onde o intérprete faz uso da linguagem para estabelecer relações entre o simbólico que lhe apresentado, as práticas sociais e a dinamicidade da cultura. “Trata-se do encontro entre alteridades. O sujeito de hoje encontra-se com o sujeito de ontem. A alteridade do contemporâneo com a alteridade dos imigrantes no passado” (WESTPHAL, 2012, p. 60). Ao trabalhar o simbólico como linguagem na possibilidade da comunicação o autor ainda salienta que esta linguagem deve servir como mediação. Ele se apoia em Le Goff para falar da memória e a partir daí afirma que “o ser humano constrói a sua existência tanto por meio da memória genética como da memória comunicada pela linguagem entre os seres humanos” (WESTPHAL, 2012, p. 62).

Se para o autor é condição do ser humano criar relações e comunicar-se através da linguagem, seria o mesmo quando se trata da experiência de fé? Para Westphal (2012, p. 64) “as linguagens são processos humanizantes que expressam memórias e, em relação dialética, produzem e evocam memórias que se instalam na imaginação de indivíduos e também em um coletivo”.

Então a discussão acerca do objeto de pesquisa torna-se ainda mais relevante. Os aspectos simbólicos contidos na Catedral suscitam no imaginário das pessoas uma conexão com o passado. É a linguagem simbólica material imbricada com a simbologia imaterial que dá sentido ao indivíduo ou ao coletivo quando entra em contato com o templo – a Catedral de Joinville – seja na amplitude da porta, seja no deslocamento do altar para o meio da assembleia. “A linguagem comunica a compreensão que as pessoas têm de determinado símbolo, expressado por meio de um dado objeto” (WESTPHAL, 2012, p. 64).

A Catedral de Joinville traz em sua estrutura arquitetônica elementos constitutivos que remetem ao passado de fé. Ao relacionar-se com tais elementos o indivíduo já se pergunta qual o significado de elemento. Por exemplo, ao olhar para a catedral logo se percebe sua cobertura em forma de concha. O indivíduo pode ser perguntar qual o significado. Do ponto de vista da ciência, é uma estrutura que valoriza o espaço livre para a assembleia. Faz uso aqui da engenharia moderna, o cimento armado. Agora, do ponto de vista da fé a mesma concha te remete a

grandeza de Deus. A proteção de Deus simbolizada na cobertura em forma de concha ou de mãos protegendo seu povo. Para os visitantes católicos que passam pela catedral, essa memória torna-se ainda mais viva e presente. É uma memória coletiva. A experiência também se dá na coletividade.

Geertz (1989) reflete sobre a força da religião, essa por sua vez, numa característica particular, a de apoiar os valores sociais. O autor fala dessa forma e da capacidade que seus símbolos têm de formularem o mundo no qual esses valores são integrantes fundamentais. “Ela representa o poder da imaginação humana de construir uma imagem da realidade na qual, para citar Max Weber, ‘os acontecimentos não estão apenas lá e acontecem, mas têm um significado e acontecem por causa desse significado’” (GEERTZ, 1989, p. 149).

Como vimos antes se buscou um projeto arquitetônico que pudesse ser toda repleta de símbolos e que esses símbolos fossem uma catequese. De acordo com Weber (2001) a decisão foi tomada. Joinville teria então uma grande Catedral. Ela seria bonita, moderna e que retratasse os novos tempos que haveriam de vir.

Geertz (1989) por sua vez fala da perspectiva do ser humano como animal simbolizante, conceptualizante e pesquisador de significados. É este ser humano que nos referimos ao refletir sobre as simbologias da Catedral. Sendo assim, essa perspectiva abre uma abordagem “totalmente nova não apenas para a análise da religião como tal, mas para a compreensão das relações entre religião e valores” (GEERTZ, 1989, p. 159).

[...] se os símbolos são estratégias para englobar situações, então precisamos dar mais atenção a como as pessoas definem as situações e como fazem para chegar a termos com as mesmas. Tal pressão não implica a remoção das crenças e valores dos seus contextos psicobiológicos e sociais para o reino do "significado puro", mas sim dar maior ênfase à análise de tais crenças e valores em termos de conceitos destinados explicitamente a lidar com o material simbólico (GEERTZ, 1989, p. 159).

Além do contexto das simbologias, faz-se necessário ainda buscar a base teológica para essas simbologias e representações para então compreender a manifestação cultural e religiosa expressas a arquitetura da Catedral. As

representações simbólicas estão em consonância com as tendências teológicas. Leonardo Boff reflete sobre essas tendências teológicas.

Boff (2014) fala das tendências teológicas. Para o autor nenhuma tendência pode monopolizar a teologia e julgar ser esta a teologia. Sendo assim, nenhuma geração de cristão ou de tendência teológica pode expor e resolver todos os problemas ou questões que são apresentadas pela fé. Segundo o autor cada uma das tendências deve conhecer o seu alcance e principalmente seus limites que são decorrentes da sua própria tendência teológica.

Cada tendência teológica está intimamente ligada a realidade histórica daquele grupo naquele tempo. Se a tendência teológica se coloca como humilde, vai então, perceber que poderá falar toda a verdade nesse fragmento do tempo e da história. “Deve também estar aberta para acolher outras formas de sistematizar a fé, embora sempre levantando a questão acerca de quais assuntos são os mais relevantes e até decisivos para a teologia abordar em vista das exigências da Igreja concreta e da história presente (BOFF, 2014, p. 44).

O autor fala em seis tendências teológicas, a saber:

- 1- Teologia como explicitação do *depositum fidei*;
- 2- Teologia como iniciação a vida cristã;
- 3- Teologia como reflexão sobre o *Mysterium salutis*;
- 4- Teologia como antropologia transcendental;
- 5- Teologia dos sinais dos tempos (do político, da secularização e da esperança);
- 6- Teologia do cativo e da libertação;

Dentre essas tendências apresentadas por Boff (2014) torna-se relevante para este estudo aquela em o autor faz referência a iniciação a vida cristã. Para ele o conhecer da fé não é apenas um saber intelectual, mas é também existencial. Através do saber da fé, que uma tendência teológica deve propiciar experiências do mistério cristão com o mistério da autocomunicação do divino ao humano. Aqui se percebe a “Igreja como enucleador, e entende a Igreja como Povo de Deus ou Corpo Místico de Cristo” (BOFF, 2014, p. 47). Assim diz o autor, a tarefa primeira da

teologia está em explicar de forma racional todo o mistério cristão em que envolve as verdades reveladas como os aspectos litúrgicos e a vivência da comunidade.

Essa reflexão apresentada por Boff referente a tendência teológica que deve colocar o ser humano em estreita relação com o divino ilumina o projeto da Catedral, objeto de pesquisa, do ponto de vista teológico e este entendido como patrimônio. Dom Gregório desejou tal projeto por ele ser em si uma catequese por abordar a e retratar a História da Salvação. Sendo assim, as simbologias contidas no projeto arquitetônico da Catedral tornam-se patrimônio. Essas simbologias fazem memória da realidade e encarnação de Jesus na história. Esse Jesus Homem, ou “Primeiro Homem” traz uma realidade que é a antecipação do futuro, a escatologia. Então o ser humano para a ser protagonista de sua vivência e experiência de fé.

O próprio Concílio Vaticano II fez referência ao protagonismo dos cristãos católicos conforme visto anteriormente. Libânio (2002) fala da mudança no próprio catecismo da Igreja Católica. Apresenta essas mudanças como uma verdadeira revolução copernicana. O Vaticano II tira a centralidade das verdades dogmáticas e coloca como guia mestra no coração do sistema teológico a vida humana concreta em movimento para a transcendência. “É, portanto, menos um discurso sobre Deus do que sobre a existência humana na perspectiva da história da salvação” (LIBÂNIO, 2002, p. 83).

Essa abertura do Vaticano II permite que a ação evangelizadora da Igreja Católica seja atualizada e contextualizada na realidade de cada grupo ou comunidade. Dessa abertura nasce o diálogo inter-religioso e ecumênico.

É por isso que a tendência teológica apresentada por Leonardo Boff (2014) faz sentido e ilumina esta análise. A iniciação a vida cristã passa pelo processo catequético. Como essa tendência teológica tem abertura ecumênica, nota-se que está centrada no fenômeno cristão. “A catequese insere experiências humanas como mediadoras para os mistérios cristãos, a moral atende melhor e faz justiça aos condicionamentos concretos em que a liturgia assume melhor seu caráter de celebração” (BOFF, 2014, p. 47).

Esta tendência, diz o autor, revigora a riqueza da grande tradição bíblica de uma teologia mais sapiencial e mistagógica. A mistagogia faz parte do cenário onde faz-se memória do mistério da fé considerando o protagonismo dos fiéis a partir do primeiro anúncio, o Querigma<sup>9</sup>. “Trata-se da comunicação da Boa-Nova de Jesus Cristo pela qual se pode conhecer a Deus e possibilitar a experiência fundamental do cristianismo: o amor ao próximo” (COSTA, 2014, p. 92).

O responsável por todo este movimento foi o próprio Concílio Vaticano II. Inclusive, uma tendência teológica advinda desse Concílio é a Teologia da Libertação. A ideia de libertação norteou e apontou diretrizes para atuação da Igreja Católica nas mais diversas realidades onde o catolicismo estava e continua presente. Essa forma de fazer teologia devolve aos povos o seu protagonismo, isso porque a igreja passa a ser entendida como a Igreja dos pobres. Jesus veio para os pobres é discurso que toma forma no Vaticano II ao ponto de levar a fazer uma opção preferencial pelos pobres e excluídos. Libânio (2002) fala que essa teologia esteve presente na gestação e condução do Concílio. Desenvolve movimentos pós conciliares e vai influenciar a atuação de muitos líderes da e na Igreja Católica. Muda-se a perspectiva, muda o rumo e redireciona o campo da evangelização como novo ardor teológico. “Depois do Concílio, arvora-se em sua teologia. Estende seus ramos por todos os setores da dogmática e invade as livrarias, os institutos teológicos. Enfim, faz a cabeça dos estudantes de teologia e do católico ilustrado” (LIBÂNIO, 2002, p. 84). O autor ainda fala que nesse contexto da Teologia da Libertação advinda do Vaticano II está um novo espírito de abertura diante ao mundo moderno. A Igreja precisa estar em sintonia e conectada com esta nova realidade cultural. Assim procura ir fundo para encontrar no coração humano a fé cristã. Essa tendência rompe com o tradicional, com o barroco presente na Igreja despojando-a dos ornamentos que a vestira ao longo dos dois mil anos. Libânio fala que o Vaticano II explicita a essência cristã e do cristianismo pelo viés daquilo que deve permanecer na fé e dá significado a cada homem e mulher de seu tempo.

---

<sup>9</sup> Querigma significa o primeiro anúncio da Boa-Nova do acontecimento Jesus de Nazaré realizado na força do Espírito Santo, baseado no testemunho pessoal dos apóstolos. O anúncio demonstra a urgência da salvação de forma imperiosa por meio do diálogo e do testemunho. O convite e a decisão da acolhida da fé tornam-se inadiáveis e intransferíveis.  
Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/querigma> acesso em 25/01/2017.

No contexto da Teologia da Libertação Boff (1983) fala que há uma história só, ou seja, da “graça-libertação e da desgraça-opressão”. Para o autor a própria teologia é vista como articulação da fé. Para ele essa concepção se estende desde as origens bíblicas como a história da salvação e da perdição. “A comunidade eclesial se estende como a inauguração de uma nova solidariedade em Cristo do bem contra o mal, da libertação contra todas as formas de opressão” (BOFF, 1983, p. 62).

Na óptica da fé toda a história humana em todas as suas manifestações, desde suas origens até sua consumação escatológica pode ser vista como a história da libertação enquanto o homem acolhe o Mistério de Deus e como história da opressão enquanto o rechaça. Na verdade acolhida e rechaço se interpermeiam e constituem o drama humano diante de Deus (BOFF, 1983, p. 63).

A Teologia da Libertação dá aos membros seculares da Igreja maior autonomia. Os leigos passam a ser protagonistas na ação pastoral e evangelizadora. O conceito de Igreja Povo de Deus passa a fazer mais sentido nesse cenário de Vaticano II e de modo particular no pós-concílio. Os leigos assumem papéis antes não permitidos a eles. Isso porque a estrutura pastoral passou por um processo de horizontalização dentro da própria Igreja em vista a participação dos leigos.

Boff (2014) em sua obra *Igreja: carisma e poder* apresenta a distribuição das competências dentro da Igreja. Segundo o autor, a Igreja está fundamentalmente organizada em três corpos.

A) a hierarquia, que vai do papa aos diáconos;

B) os leigos, que são os batizados que não participam da condução da comunidade cristã;

C) os religiosos, que ficam entre os leigos e os religiosos, trazendo em si algo de ambos. Neste caso os religiosos são contados entre os hierarcas.



#### 4.6 OS LEIGOS NA COMPETÊNCIA EVANGELIZADORA

Dessas competências apresentadas por Leonardo Boff, é relevante neste estudo retomar a segunda competência, aquela onde estão os leigos. Com a proposta de horizontalização apresentada no Vaticano II e levada a frente pelos movimentos pós-conciliares os leigos são considerados como agentes de pastoral e corresponsáveis na evangelização.

Aqui Boff (2014) diz que o leigo não é um secular, ele é um membro da Igreja no mundo secular. Da mesma forma, a ação do leigo não pode ser compreendida como uma prolongação da ação hierárquica. Os leigos possuem um lugar próprio dentro da Igreja e devem agir a partir dessa propriedade, a título próprio.

A *Lumen Gentium (LG)* é que dá base para atuação dos leigos na Igreja. Essa Constituição Dogmática trata da dignidade dos leigos enquanto membros do Povo de Deus. A santa Igreja é constituída, estruturada e regida com admirável variedade. A Igreja é comparada ao corpo que embora tenha vários membros e cada um com sua função específica função estão todos interligados sendo um membro do outro. Um é, pois, o Povo eleito de Deus. “Um só é o Senhor, uma só fé, um só batismo” (Ef 4,5). Por isso a (LG, 32) fala que da mesma forma que a salvação é uma, a esperança também é. Sendo assim, não em Jesus na Igreja nenhuma diferença, todos são iguais e participam igualmente da ação e processo de evangelização.

Os leigos, pois, assim como pela condescendência divina têm como irmão a Cristo que, sendo Senhor de tudo, veio, no entanto, não para ser servido, mas para servir, assim tem como irmãos os que, postos no sagrado ministério, ensinando, santificando e regendo, pela autoridade de Cristo, apascentam a família de Deus de tal modo que seja cumprido por todos o mandato novo da caridade (LG, 32).

A constituição ainda fala que cada leigo deve ser perante o mundo sinal da própria redenção do mundo. O leigo deve ser testemunha da ressurreição e da vida de Jesus Cristo. Essa missão foi confiada aos leigos nesse processo de abertura da Igreja para entender o povo como Povo de Deus. Sendo assim cada leigo, a partir de sua realidade, deve dar testemunho da vida, morte e ressurreição de Jesus de forma que preencha o mundo com os frutos espirituais. Devem difundir no mundo

aquele espírito pelo qual são animados dos pobres, os mansos e os pacíficos que o senhor faz referência quando proclama as bem-aventuranças.

Os leigos são congregados no Povo de Deus e constituídos num só Corpo de Cristo sob uma só cabeça. Quem quer que seja, todos são chamados a empregar todas as forças recebidas por bondade do Criador e graça do redentor, como membros vivos, para o incremento e perece santificação da Igreja. [...] A todos os leigos, portanto, incube o preclaro ônus de trabalhar para que o plano divino de salvação atinja sempre mais a todos os homens de todos os tempos e de todos os lugares da terra. Consequentemente sejam-lhes dadas amplas oportunidades para que também eles participem ativamente da obra salvífica da Igreja, de acordo com suas forças e as necessidades dos tempos (LG, 33).

Assim os leigos foram assumindo seus cargos e suas funções de forma que podem inclusive participar como ministros dentro das comunidades. Essa força está presente nas mais diversas comunidades ao redor do mundo. Algumas realidades mais progressistas como é o caso da Igreja Latino Americana, outras realidades menos, seguindo um perfil mais conservador.

Por fim, afirma Leonardo Boff fazendo referência a competência dos leigos.

Quando leigos se reúnem, fundam um movimento de ação, justiça e paz, por si mesmos, fazem seus trabalhos, suas campanhas, como hoje em tantas comunidades cristãs, estão usando de um direito e exercendo um dever. Pelo próprio ensinamento oficial dos bispos, não precisam do aval de seu bispo ou pároco, sem o qual o seu movimento não teria caráter cristão. Ele possui caráter cristão porque eles são membros vivos da Igreja e, a título próprio de sua dignidade de leigos, atuam em seu campo próprio – o mundo e o campo político (BOFF, 2014, p. 76).

Toda essa reflexão está acontecendo, tendências teológicas ganhando forma, debates a respeito da evangelização, ou da nova evangelização, a papel da Igreja no mundo contemporâneo, o papel do leigo na Igreja e assim por diante. A Teologia da Libertação é uma possibilidade de abertura teológica e dela temos uma atualização que acontece com o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

Frei Betto (1986) define CEB's como sendo pequenos grupos organizados em torno da paróquia. A característica essencial que esta organização se dá por iniciativa dos leigos, dos padres ou dos bispos na Igreja. As primeiras Comunidades Eclesiais de Base surgiram na década de 60. Esta data é relevante nesse contexto porque estamos no cenário do Concílio Vaticano II. Como é latente os debates sobre

a teologia e a evangelização, neste caso a presença do leigo se consolida neste movimento entendido como CEB's.

Frei Betto (1986) ainda diz que são comunidades, porque reúnem pessoas que comungam e partilham da mesma fé e ainda grupos que pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. A partir daí destaca-se o caráter de pertencimento a uma igreja local. Estas pessoas têm em comum os mesmos anseios. A base comum desses anseios é a luta por igualdade, e por isso vem em comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência. Lutam por moradia, melhores condições de vida e acima de tudo anseiam por libertação. Essas são eclesiais porque estão entorno de uma igreja congregados como núcleo de uma comunidade de fé. São de base, porque estão formadas por pessoas do cotidiano da sociedade. Pessoas advindas das mais diversas atividades tais como donas de casa, operários, jovens subempregados e assim por diante. Vale ressaltar que esses núcleos pertencem às periferias das cidades. “É preciso que haja verdadeiras comunidades paroquiais, ou seja, que os fiéis realmente se conheçam, o que só é possível através da organização paroquial em pequenas comunidades de base” (FREI BETTO, 1986, p. 18).

Assim percebe de forma ainda mais ativa a participação do povo de Deus no processo escatológico. Os fiéis são coparticipantes da redenção. A decisão que a Igreja toma em Medellín optando preferencialmente pelos pobres lança todas as suas forças em direção a valorização e centralização do pobre e excluído como causa primeira da evangelização.

A renovação da Igreja, iniciada com o Vaticano II e levada a efeito na América Latina a partir da reunião de Medellín, em 1968, fez com que a hierarquia eclesial se aproximasse sempre mais das classes populares, das quais o Estado se encontrava cada vez mais distanciado. A Igreja passou a ser voz dos que não tem voz, empenhando-se resolutamente na campanha de denúncia às torturas e pela defesa dos direitos humanos (FREI BETTO, 1986, p. 18).

Esta é a razão pela qual Libânio (2002) fala que a Teologia da Libertação deita suas raízes lá onde a Igreja em Medellín faz sua opção pelos pobres. Segundo ele, no contexto da situação de opressão do continente latino americano faz com que a Igreja representada por seus líderes assuma o papel da proposta de libertação. “Este continente padece uma situação de opressão, de exploração de

suas grandes massas populares. Só pela libertação poderá superá-la. A Teologia da Libertação intenta motivar e iluminar a fé do cristão na luta pela libertação” (LIBÂNIO, 2002, p. 136).

Toda essa realidade de abertura da Igreja Católica e da própria teologia poderia então ser entendida como patrimônio? O Concílio Vaticano II marca o início de grandes mudanças. Essas mudanças tomam características diferentes em realidades diferentes. Jugamos ser possível perceber esta realidade como patrimônio. A Catedral de Joinville foi um projeto pensado justamente quando todo este movimento está acontecendo.

Dentre os movimentos populares que surgiram nesse contexto está o florescimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) como visto antes. Aqui está um patrimônio, pois na CEB's encontra-se mais que um jeito novo de ser Igreja, encontra-se fundamentos para um jeito novo de a Igreja ser. A Igreja que agora passa a ser efetivamente povo de Deus. É patrimônio também por conta do sentido de pertencimento que tem. Os chamados agentes pastorais são os leigos que constituem uma nova vocação e um novo carisma dentro da Igreja Católica. Frei Betto (1986) fala que se antes os fiéis católicos buscavam na religião um sedativo para seus sofrimentos, hoje esses fiéis ou mesmo os agentes pastorais buscam e encontram agora um espaço para o discernimento crítico frente a situação da ideologia dominante. Há uma organização popular capaz de resistir à opressão. Toda essa discussão está acontecendo em pequenas comunidades, o que em outros momentos será chamada de igreja doméstica.

Se a CEB's se tornou patrimônio é mister então entender as três etapas que percorreu. Frei Betto (1986) é quem apresenta essas três etapas. A primeira diz ele, faz referência a formação da CEB's em si, centrada no Evangelho e buscando na própria Escritura as pistas para a sua ação pastoral e social. A segunda etapa diz respeito aos movimentos populares que emergem com a participação dos membros das Comunidades de Base. Vale salientar que nesses movimentos estão não apenas católicos, mas também membros protestantes, espíritas, ateus entre outros. A divisão já não está entre aqueles que possuem ou não fé. Mas está entre os que se colocam ou não ao lado dos pequenos e oprimidos. Os movimentos surgem a partir da necessidade específica de seu bairro ou comunidade. Clube de mães,

movimento custo-de-vida, seringueiros, posseiros são exemplos desses movimentos que ganharam notoriedade no Brasil. A terceira última etapa é do movimento operário. Muitos membros das CEB's, na cidade ou no campo, participam em associações e sindicatos. As CEB's não se fecham em si mesmas, as questões levantadas nas reuniões são quase sempre de cunho social e ligadas à sobrevivência das classes populares. "É nessa luta que ela adquire confiança no organização e mobilização popular. As comunidades de base se espalham como uma rede em todo país, oscilando entre níveis mais baixos e mais altos de consciência de seu papel histórico" (FREI BETTO, 1986, p. 25).

Este sentimento de pertença é também o que motiva a comunidade local – Diocese – em seus trabalhos pastorais. O significado das CEB's constrói uma representação religiosa que fortalece a identidade dos fiéis católicos em torno da Catedral que representa a Diocese.

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC) fala que o Bispo deve ser tido como sumo sacerdote donde de algum modo deriva e depende a vida de seus fiéis em Cristo.

Por isso é mister que todos, particularmente na catedral, deem máxima importância à vida litúrgica da diocese em redor do bispo: persuadidos de que a principal manifestação da Igreja se realiza na plena e ativa de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesa Eucarística, numa única oração, junto a um só altar, presidido pelo bispo, cercado de seu presbitério e ministros (SC, 41).

Mas, na prática como entender esse movimento CEB's como patrimônio? Será mais perceptível se observarmos a atuação dos fiéis que fazem a experiência dessa Igreja que veio ao seu encontro no novo jeito de a Igreja ser e partir daí entender a sua representatividade.

#### 4.7 A ARQUITETURA DA CATEDRAL DE JOINVILLE

Então deve-se nesse ponto de análise entender a dimensão da imaterialidade do monumento, a Catedral de Joinville. Podemos tomar como base a UNESCO

(2005), pois o texto fala que as práticas, as representações, conhecimentos técnicos, objetos e lugares são reconhecidos pelos indivíduos como parte integrante de seu patrimônio cultural imaterial.

Assim se percebe as relações existentes entre os símbolos e teologia na perspectiva da História da Salvação. Abaixo algumas referências simbólicas no contexto da teologia. Ghanem (s.d.) apresenta os principais símbolos em mais uma crônica, a de número XVIII.

É preciso notar que todos os detalhes da construção se procurou dar um sentido:

I- Escadaria. Representam a longa caminhada ascensional da humanidade até Cristo. Até a casa do Pai. As lâmpadas que iluminarão as escuridões, representam os nossos predecessores na Fé: Abraão, Moisés, Davi, Salomão, os Profetas, guias espirituais do Povo de Deus.

II- A porta principal tem no alto uma inscrição: A Igreja é Cristo continuado na história. Na soleira se lerão as palavras de Cristo a São Pedro: "Pedro, tu és pedra e sobre esta Pedra edificarei minha Igreja".

III- Presépio: a capela do presépio situada a direita da porta principal, significa: "pelo seu nascimento humano, Cristo participa da vida dos homens".

IV- Batistério: situado a esquerda da porta principal. Significa: "Pelo batismo os homens participam da vida divina da SS. Trindade".

V- Colunas: as 12 colunas juntas representam o magistério permanente da Igreja.

VI- Cúpula: representa a cobertura que Deus deve dar à sua Igreja.

VII- Vitrais: são 20. Trazem luz, vida dentro da Catedral.

A nova meta para este ano é construir a marquise em frente à porta principal, tendo como sustentáculo 8 colunas, sendo 4 à esquerda e 4 a direita. A torre de 50 metros de altura, com sinos e o relógio funcionando eletronicamente, estará terminada logo que seja possível (GHANEM, s.d. p. 26-27).

Sendo assim, a representatividade da arquitetura moderna é também patrimônio teológico imaterial, pois está presente em suas simbologias a História da Salvação.

Ao tratar sobre a imaterialidade é preciso então trazer Westphal (2012) onde reflete sobre os aspectos imateriais da consciência humana na perspectiva dos desdobramentos que são suscitados. O autor busca em Geertz apoio para falar da universalidade dos símbolos. Segundo Westphal essa universalidade é própria do ser humano. É por isso que a imaterialidade contida na apresentação simbólica da Catedral suscita uma aproximação patrimonial teológica pelo viés imaterial.

De qualquer forma, o mundo da materialidade apresenta a sua lógica própria, e o universo da imaterialidade tem seus próprios desdobramentos mentais. Entretanto as realidades do mundo material e imaterial são

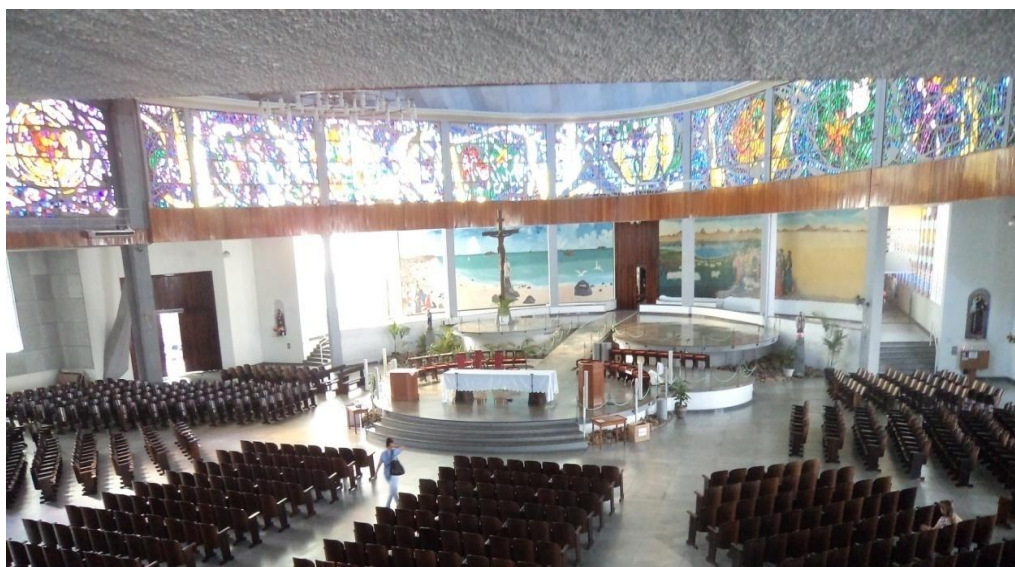
híbridas e o processo de hibridação perpassa o corpo humano, a sociedade, a cultura e o regime de valores e de crenças (WESTPHAL, 2012, p. 65).

O autor segue com suas reflexões a apresenta algo que é importante para nossa análise. Diz Westphal (2012, p. 74) “O simbólico comunica para além das gerações e das diferenças de sujeitos e de culturas. As gerações que não existem mais são alteridades que devem ser ouvidas e compreendidas”. Eis o principal significado contido nos símbolos da Catedral São Francisco Xavier de Joinville. Veremos a seguir mais alguns símbolos.

Dom Gregório queria um projeto que fosse uma catequese por si. A catequese expressa nas simbologias é o que a comunidade tem como patrimônio. Neste caso, um patrimônio que é herança teológica do Concílio Vaticano II. Uma proposta desse Concílio foi a valorização dos leigos no Igreja, com isso pode-se pensar na horizontalização da Igreja, não apenas em questões hierárquicas, mas também na estrutura física.

Ao olhar para a Catedral de Joinville percebe-se que foi trocada a verticalidade pela horizontalidade. A posição do altar retrata essa mudança. Ou seja, o altar foi deslocado para junto da assembleia de forma que os leigos, povo de Deus estejam próximos do altar conforme imagem abaixo.

Figura 11



Fonte: arquivo pessoal. Ferreira, 2013.

Com essa perspectiva horizontal encontra-se de forma ainda mais evidente o sentido de pertencimento de patrimônio. O altar e tudo o que acontece nele está no meio do povo de Deus – assembleia – e por isso pertence a este mesmo povo. Esta simbologia não é da Igreja, mas representa a Igreja Universal na igreja local. Westphal (2012), tratou como visto antes do encontro entre alteridades falando da linguagem como possibilidade da comunicação imaterial. É no contexto de uma celebração eucarística por exemplo que o sujeito de hoje se encontra com o sujeito de ontem. Essa comunicação simbólica se dá ao redor do altar para os fiéis católicos.

Nessa mesma perspectiva, Fonseca (2009) reflete sobre a preservação do patrimônio cultural. Para a autora o que se pretende preservar não é a representação do real, mesmo porque esta não existe. O que se pretende preservar é sim o valor simbólico de determinado bem cultural. Com isso pode-se perceber que a centralidade do processo é o valor simbólico do bem cultural, a essência apropriada pelos indivíduos que constituem a comunidade e não as construções frutos desse processo.

Ao observar esse monumento, o indivíduo, seja ele católico ou não, turista ou simplesmente um transeunte, logo percebe que há algo na estrutura que a difere das demais igrejas. Assim como relata Ghanem (s.d) na crônica XVI.

Centenas de pessoas vindas de todos os recantos, de passagem pela cidade, tem, como ponto obrigatório, uma visita ao monumental arcabouço da Catedral, que se destaca, de longe, aos olhos de todos. Não exagerei quando, repetidas vezes, afirmei ser este o cartão de visita nº 1 de Joinville e motivo de orgulho para todos.

Há poucos dias, no seio da construção, encontrei um senhor muito bem trajado, alto, aparentando aproximadamente 40 anos. Aproximei-me dele e perguntei-lhe a respeito do que estava vendo. O homem olhou para o alto e disse: pela quinta vez aqui estou. É uma maravilha. Conheço o mundo e só encontrei algo mais ou menos parecido em Sidney, na Austrália. Esta, porém, é superior em arrojo e modernismo. Em cem anos, os estudantes de Engenharia aqui poderão vir aprender algo. Digo isto como homenagem à verdade. Meu entusiasmo é tão grande que adquiri, no fato Brasil, mais de 80 cartões postais da Catedral. Tirei muitas fotografias com todos os detalhes. Tudo vai ser levado à Alemanha e se destina a divulgação desta e arrojada obra de arte que é a Catedral de Joinville.

Opiniões como estas nos consolam de muitas agruras e nos dão o alento necessário para continuarmos a caminhada (GHANEM, s.d. p. 25).

É na possibilidade do armazenamento dos significados que podemos analisar a arquitetura da Catedral de Joinville sob um olhar teológico. A comunidade



apropria-se do monumento como patrimônio. Como legado ou herança da uma mudança ocorrida na virada da metade do século XX. A significância dos símbolos está relacionada com a percepção daquele que passa pela Catedral ou contempla sua arquitetura considerando os detalhes presentes e visivelmente percebidos.

Entretanto, os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou uma serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar-se quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade: seu poder peculiar provém de sua suposta capacidade de identificar o fato com o valor no seu nível mais fundamental, de dar um sentido normativo abrangente àquilo que, de outra forma, seria apenas real (GEERTZ, 1989, p. 144).

Mira (2012) fala por exemplo da luz e da cor e como essas interagem com os indivíduos que passam pela Catedral. Essa beleza é também patrimônio e precisa ser preservado. Neste caso independe da religião do indivíduo. Há uma representação simbólica contida. Estes símbolos se comunicam e interagem com os visitantes o tempo todo.

É difícil para o observador notar a beleza que a Catedral encerra em seu interior. Ao primeiro olhar, ela pode parecer sem graça, taciturna. Visão muito diferente das que se encontram nos livros e folhetos sobre a Catedral. Estes descrevem as intenções que este espaço almejava, o que não significa que estas intenções se refletiram no espaço construído. Entretanto, em um determinado momento, quando se entra na Catedral, tem-se uma grata surpresa: ela torna-se visível (MIRA, 2012, p. 62).

Geertz (1989, p. 147) diz que "um conjunto de símbolos sagrados, tecido numa espécie de todo ordenado, é o que forma um sistema religioso". Pode-se até pensar que o conjunto de símbolos presentes da Catedral não sejam sagrados, mas ao analisar a sua representatividade e relação dos mesmos com o ambiente e com as pessoas que ali se colocam para rezar, no caso dos católicos, Geertz então tem razão. O conjunto que forma o todo da Catedral passa a ser percebido como sagrado, é nesse contexto que se faz presente a imaterialidade do espaço. Inclusive como apresentado por Chardin na teoria da evolução expressa nos vitrais, bem como a representação da horizontalidade do monumento apresentada no deslocamento do altar para o meio da assembleia.

Mira (2012) fala da visibilidade e clareza que se tem no interior da Catedral a partir da luz do dia, “esta luz é fundamental para que se tenha conforto e a percepção do ambiente como um todo, do seu significado e a fruição de sua beleza” (MIRA, 2012, p. 62). A autora não se ateve a dimensão teológica contida na Catedral por isso ela restringiu a pesquisa aos aspectos da materialidade.

Não basta passar pela Catedral para perceber e entender as suas simbologias, é preciso parar para ler o que não está escrito. O símbolo comunica, mas o transeunte precisa estar atento, uma vez que a comunicação é a partir da imaterialidade presente nos símbolos teológicos. Daí a necessidade da contextualização feita. É a partir dos pensadores como Teilhard de Chardin, Oscar Cullmann e do próprio Vaticano II que as simbologias teológicas apresentadas na arquitetura da Catedral de Joinville fazem sentido e coloca a pessoa em contato com o passado e o futuro ao mesmo tempo. Isso porque a História da Salvação está presente em suas simbologias.

Dentre todos os símbolos contidos na arquitetura da Catedral diocesana de Joinville e que são constituintes de elementos que compõem o patrimônio religioso o batistério é aquele que assume destaque. Boff (2014) apresentou que uma das tendências teológicas é a teologia como iniciação a experiência cristã. Para uma comunidade católica o batismo é de fato o início desse caminhar na presença do criador.

Ao entrar na Catedral, o visitante encontra no lado esquerdo da porta principal, o batistério. É nesse lugar que, simbolicamente, o homem e a mulher entram na história de Deus. É evidente que cada expressão religiosa tem sua própria forma de marcar essa passagem. Na religião Católica esse lugar é chamado de batistério. Ou ainda capela do batistério. “Pelo batismo todos participam da vida divina, são enxertados em Cristo e incorporados na comunidade eclesial” (WEBER, 2001, p. 64)

Através da encarnação Jesus entra na vida humana e no batismo, simbolizado no batistério significa a entrada da pessoa na vida de Cristo. “Da mesma forma, considerem-se mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Romanos, 6,11). O espaço para o batismo sempre ocupou um lugar de

destaque dentro de uma comunidade católica. Na Catedral de Joinville a capela batismal é visitada todos os dias. Isso porque na tradição católica o batismo é de suma importância. O Sacramentário Católico traz em ritos o significado do batismo e daí a profunda espiritualidade do mesmo.

Os seres humanos, libertos do poder das trevas, graças aos sacramentos da iniciação cristã, mortos com Cristo, com ele sepultados e ressuscitados, recebem o espírito de filhos adotivos, e celebram como o todo o povo de Deus o memorial da morte e da ressurreição do Senhor. O batismo os incorpora a Cristo, tornando-os membros do povo de Deus; perdoa-lhes todos os pecados e os faz passar, livres do poder das trevas, à condição de filhos adotivos, transformando-os em nova criatura pela água e pelo Espírito Santo; por isso são chamados filhos de Deus e realmente os são (SACRAMENTÁRIO, 2008, p. 7).

Figura 12



Fonte: arquivo pessoal. Ferreira, 2013.

E assim afirma o Vaticano II, na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, “todos os homens são chamados a pertencer ao novo Povo de Deus. Por isso este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se a todo o mundo e por todos os tempos para que se cumpra o desígnio da vontade de Deus” (LG, 13).

Nesse sentido, ao tratar da identidade do Povo de Deus, a própria *Lumen Gentium* afirma que é um “povo messiânico”, o qual tem Cristo por cabeça. É Povo que tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus, em cujos

corações habita o Espírito Santo como num templo. É o Povo que tem como lei o mandamento novo de amar o irmão como o próprio Cristo amou (Jo 13,34).

É através do batismo que este povo passa a pertencer e ter sua identidade relacionada à identidade de Jesus Cristo. Toda esta abertura ficou clara no Vaticano II e assumida por teólogos pós-concílio. Mas ainda assim, vale perceber o que Cullmann (2000) falou sobre o batismo, para ele o batismo está diretamente relacionado com morte e ressurreição de Jesus Cristo. O autor fala da diferença entre o batismo de João Batista e o Batismo de Jesus. João disse que ele batizaria com água, mas viria alguém que batizaria com o fogo. Nesse caso o batismo com água é para a conversão, mas o de Jesus é com o fogo. “O fogo faz alusão ao juízo final, o batismo que vem com Cristo não é somente um batismo de preparação, provisório, mas antes definitivo, e fará o batizado entrar diretamente no reino de Deus” (CULLMANN, 2000, p. 118).

Este ponto relevante nessa pesquisa, pois o projeto da Catedral tem como base a História da Salvação, de modo particular assumida com a encarnação do próprio Jesus Cristo. E neste caso o batismo conduz a comunidade para este fim. Cullmann (2000) ainda fala sobre a essência no batismo do Messias. Para ele o batismo conferido pelo Messias é o dom do Espírito Santo, dádiva escatológica que se realiza a partir do momento atual. “A equação ser batizado = morrer em Cristo, tem sua origem no próprio batismo de Jesus, está presente em todo Novo Testamento” (CULLMANN, 2000, p. 122). O autor faz referência aos escritos joaninos para fazer alusão entre a água do batismo e o sangue de Cristo.

Já os teólogos contemporâneos ao Vaticano II, de modo particular os teólogos da Teologia da Libertação, farão referência à Jesus Cristo como o Servo Sofredor.

Por fim, o verbo encarnado passa a ser também o patrimônio imaterial de uma comunidade de fé. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS) aborda o Verbo Encarnado no contexto da solidariedade humana. Diz que Deus não criou os homens para viverem isoladamente, mas para formarem uma união social. “[...] santificar e salvar os homens não individualmente, excluindo qualquer conexão mútua [...] desde o início da história da salvação Deus escolheu os homens não como indivíduos somente, mas como membros de uma comunidade” (GS, 31).

A perspectiva simbólica contida na arquitetura da Catedral, objeto de pesquisa, tem essa amplitude. Ser moderna do ponto de vista técnico com a aplicação do cimento armado, mas tem também uma amplitude de abertura teológica e pastoral. As simbologias presentes refletem uma mudança pensada antes e durante o Concílio Vaticano II. Os pensadores e teólogos pós-conciliares debatem as perspectivas dessa abertura teológica e pastoral. A Catedral é exemplo dessa abertura e dinamicidade da evangelização da Igreja Católica.

A Catedral de Joinville traz em suas simbologias as representatividades teológicas e também da manifestação imaterial da história da Igreja Católica de modo particular na sua relação com o plano salvífico de Deus. Esse espaço arquitetônico transmite, por exemplo, os ensinamentos da Igreja Católica, de modo particular os ensinamentos a partir do magistério permanente da Igreja e esse magistério está intimamente ligado aos sacramentos. É por esse motivo que se fala da simbologia da Catedral como uma catequese.

Na mesma perspectiva do monumento enquanto idealização de uma proposta catequética este trabalho poderá ser usado como uma possibilidade de aproximação dos catequizandos com o este patrimônio.

Surge então a intenção de desenvolver um itinerário catequético para visita na Catedral. Um itinerário que possa servir de subsídio para os catequistas trabalharem a importância desse patrimônio com as crianças e adolescentes em formação. A proposta do itinerário é fazer um resgate da proposta inicial idealizada por Dom Gregório.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi identificar e analisar algumas das simbologias teológicas presentes em um dos monumentos de grande referência na cidade de Joinville, a Catedral. Esta é uma arquitetura que se enquadra no movimento modernista por conta da sua construção em cimento armado, ou seja, na década 50 alguns arquitetos passam a projetar construções com amplo espaço interior livre. A Catedral de Joinville é do final da década de 50 e apresenta tais características modernistas. A importância do cimento armado na catedral fica claro quando percebido a partir do espaço livre para a assembleia. Com esta abertura arquitetônica foi possível, então, dar destaque ao altar conforme referência feita na figura 11.

Quando se fala em catedrais, logo se pensa nas construções em formato retangular, por exemplo. Um estilo europeu. Porém, com a Catedral de Joinville foi diferente. Embora houvesse um projeto para a nova catedral resgatando essa tendência, projeto esse idealizado por Dom Pio, bispo de Joinville de 1927 a 1955, Dom Gregório o seu sucessor a partir de 1957 decide pensar num outro projeto. A construtora Marna Ltda. foi a empresa que apresentou o novo projeto tendo como autor desse projeto o Arquiteto curitibano René Marie Felix Mathieu. Os dois projetos foram expostos em alguns pontos da cidade para apreciação. Depois do período de exposição Dom Gregório convoca uma assembleia para votação, vence o projeto no novo bispo.

A Catedral de Joinville fica pronta, tendo o Dr. Sadalla Amin Ghanem como presidente da comissão pró-construção. Depois de pronta o monumento tornou-se um dos pontos turísticos da cidade de Joinville. Quando um turista visita tal monumento fica encantado com o que vê. Sendo o turista, católico ou não, logo percebe as suas particularidades. Amplitude da porta, espaço livre, entre outros. Já para os visitantes católicos os significados teológicos são muito mais latentes e por isso encanta. Esse encanto foi pensado ainda no projeto, pois Dom Gregório buscava um projeto que pudesse trazer em si uma representação teológica. O projeto foi idealizado para ser todo ele uma catequese. Com isso, percebe-se que

Dom Gregório não queria apenas parede vazia, queria que a simbologia teológica estivesse presente. No todo da Catedral São Francisco Xavier de Joinville é possível perceber tais simbologias, porém não há como negar que a percepção é mais nítida nos vitrais da Catedral.

Há nos vitrais a interpretação da teologia da Teilhard de Chardin. O pensamento do autor voltado para a teoria da evolução está presente nos vitrais. O visitante ao entrar na catedral é conduzido a parar diante daquilo que está exposto a partir das cores apresentadas.

Analisar tais símbolos na perspectiva da sua materialidade e imaterialidade levanta um grande desafio para o pesquisador. Para analisar a Catedral como patrimônio religioso é preciso que o investigador esteja distante do objeto pesquisado. Ainda mais que isso, analisar a Catedral significa também refletir sobre a religião como patrimônio, e neste ponto o desafio torna-se ainda maior. Como distanciar do objeto que está intimamente ligado à história e experiência de fé?

Desenvolver este projeto de pesquisa do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade foi muito positivo pois houve a possibilidade de buscar fundamentação teórica para tudo o que já era apresentado na prática. Outro ponto relevante durante o tempo de estudo e pesquisa foi a presença de mestrandos não católicos, bem como aulas com professores que também não são católicos. A partir dessa experiência interdisciplinar e também inter-religiosa surge uma questão básica: a Catedral com funcionalidade católica pertence também à toda a comunidade enquanto patrimônio cultural?

A partir daí inicia a pesquisa. A Catedral é um espaço católico e por isso traz suas significações, mas é também um espaço coletivo para católicos e não católicos. Para o IPHAN (2012) o patrimônio cultural é o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo e de uma comunidade, essa por sua vez, expresso em ruas, casas, danças e músicas, nas artes, nos museus e escolas, igrejas e praças. Com base nessa afirmação é que foi desenvolvida a pesquisa sobre o patrimônio cultural tanto material quanto imaterial.

Num primeiro momento buscou-se contextualizar o monumento em questão. Na apresentação ficou claro que o processo pelo qual passou a construção da catedral teve diversas etapas. A história da atual Catedral São Francisco Xavier começa na verdade com a vinda de Dom Gregório para a Diocese de Joinville. A construção durou 45 anos, e então pode-se dizer a obra está pronta. Na visão de Dom Gregório, Joinville merecia uma Catedral que estivesse a sua altura como tal. É um monumento imponente apesar de estar sufocada por conta dos prédios comerciais no seu entorno.

Depois de entendido o processo pelo qual passou a construção foi preciso então analisar o patrimônio e suas definição, pois era preciso perceber a cultura na sua materialidade e imaterialidade. Isso fez-se necessário por entender a religião como patrimônio. Na mesma perspectiva foi então analisado a Catedral como representação social, sendo que estas representações constituem a imaterialidade do patrimônio cultural. Na catedral de modo particular essa imaterialidade está presente, pois além do concreto a Catedral São Francisco Xavier é uma construção carregada de simbologias. Estes símbolos se relacionam com a comunidade social através dos significados, e esses por sua vez estão relacionados com a tradição ou com as práticas sociais. Daí a necessidade de um estudo interdisciplinar.

Ao analisar a Catedral enquanto patrimônio cultural ou não é preciso considerar a memória contida nele, e neste caso, o aspecto religioso está presente. Aqui está mais um desafio para a metodologia interdisciplinar. Como conciliar, ou colocar em diálogo cultura e fé. Por conta dessa dificuldade interdisciplinar é que não foram encontradas muitas produções sobre o monumento em questão.

Sendo assim, a partir dessa constatação reforça a importância dessa pesquisa como contribuição literária para a Diocese de Joinville.

Ao dar continuidade a pesquisa tornou-se necessário perceber que as manifestações, rituais, símbolos fazem parte da história e da tradição da Igreja Católica. Sendo assim é preciso que haja uma pesquisa mais aprofundada onde se possa colocar em diálogo a representatividade arquitetônica modernista com a tradição simbólica e teológica. Esses são dois pontos de fundamental importância no



monumento analisado, a Catedral, pois só assim será possível perceber a representatividade religiosa e social do monumento.

A religião como patrimônio cultural neste trabalho foi entendida como uma forma de perpetuação da identidade de grupo. Há uma herança religiosa, se há herança significa que há cultura, havendo cultura então há patrimônio. É evidente que essa tradição ou herança religiosa será passada para outras gerações através de símbolos, ritos, linguagens entre outros. Segundo Eagleton (2005) há uma teologia imbricada na cultura da mesma forma que há história. O próprio autor apresenta uma reflexão a cultura como forma secularizada da história da salvação. Para o autor a perda do religioso na sociedade, da escatologia, da memória e do sentido faz com que a cultura assuma o lugar da dimensão do religioso, assim, a cultura se transforma em uma religião secularizada que quer mudar o ser humano do estado de pecado em estado de um ser humano remido e um homem novo.

Ao observar a catedral de Joinville, o indivíduo precisa se entregar a uma nova experiência. Primeiro, para chegar na Catedral faz-se necessário subir uma escadaria, essa significa a caminhada do povo para Deus. Segundo, para entrar na Catedral o indivíduo passa pela ampla porta principal, esta significa O Cristo como porta por onde todos são acolhidos pelo Pai. Uma vez dentro da Catedral o indivíduo verá o presépio permanente, e nesse momento até mesmo o não cristão ou ainda o mais desinformado saberá onde está. É nesse momento que a experiência começa a fazer parte integrante do visitante. Basta se deixar envolver para perceber tudo o que está presente no monumento. O espaço livre da Catedral coloca o visitante numa situação de reflexão, pois é notório perceber a pequenez de cada um relação à toda a estrutura apresentada. Não podemos afirmar aqui que todos sentirão a sua pequenez diante do criador, mas podemos sim afirmar que todos os indivíduos passarão pela experiência do encontro consigo mesmo diante do vazio que o espaço proporciona. A partir de sua história e da sua visão de mundo é que fará ou acontecerá a experiência.

Por esta razão a contribuição de Meneses foi fundamental nessa pesquisa. O monumento é o mesmo para um turista e para uma velhinha em oração. Cada indivíduo que dá sentido ou apropria-se do bem cultural a partir de sua relação com

o mesmo. A significação e sua representação está diretamente relacionada com a experiência que cada um faz ao entrar em contato com o patrimônio cultural.

Uma vez estando no espaço livre, e se permitir a experiência basta olhar para os vitrais numa perspectiva contemplativa que sentirá o movimento espiritual do ambiente. Os vitrais expressam a teoria da evolução pautada em Teilhard de Chardin conforme apresentado no capítulo 4. Chardin trabalha em sua obra “O Fenômeno Humano” a presença de Cristo como parte do processo evolutivo. Fala do Cristo encarnado na história na perspectiva da evolução humana.

Por fim, pode-se reafirmar que o objetivo dessa dissertação em apresentar os aspectos teológicos contidos na Catedral São Francisco Xavier de Joinville a partir de sua arquitetura moderna numa perspectiva material e imaterial foi alcançado. O monumento tem seu valor enquanto patrimônio cultural material, bem como sua representatividade teológica na perspectiva da memória e espaço sagrado.

A perspectiva da horizontalização da Igreja ficou entendido e presente neste trabalho. A presença de pensadores como Oscar Cullmann e Teilhard de Chardin contribuíram em muito com o debate pré-conciliar e também contribuíram na compreensão de um projeto que estava sendo pensado com uma significativa abertura pastoral. Além desses pensadores pudemos também contar com as reflexões e pesquisas de outros renomados pensadores como Leonardo Boff, Jacques Le Goff, João Batista Libânio, Frei Betto, Terry Eagleton, entre outros.

Fica entendido que ainda existe muito a ser pesquisado sobre esse patrimônio, principalmente sobre as intenções de Dom Gregório. É preciso fazer memória de tudo o que Dom Gregório idealizou numa perspectiva teológica e retomar as leituras e os teólogos que deram sustentação à ação pastoral dele.

Fica aqui minha contribuição para com a comunidade católica de Joinville e demais pesquisadores numa perspectiva interdisciplinar.

## REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Paulo Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes. **Teologia e Sociedade**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BERKENBROCK, Helmuth. **Dom Gregório e a pastoral**. In: WARMELING, Gregório. *Dom Gregório Warmeling: pastor e profeta*. Blumenau: Odorizzi, 2001.
- BESEN, Pe. José Artulino. **Dom Gregório Warmeling – Padre da Igreja**. 04/07/2012. Disponível em: <http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/dom-gregorio-warmeling-%E2%80%93-padre-da-igreja/>. Acesso em 18/09/2013.
- BÍBLIA, Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1985.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- \_\_\_\_\_. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Teologia do cativo e da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BRASIL. **Constituição de 1988**. 24ª Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2006.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Brasília: Loyola, 1998.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. **O Fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CNBB. Documento 40. **Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura**. Número 60. 6ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1988.
- COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante**. Joinville: Univille, 2011.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes, 1971.

CULLMANN, Oscar. **Das origens do evangelho à formação da teologia cristã**. São Paulo: Novo Século, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2013.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. p.15, datado em 14/11/1972.

EGGERT, Marlene. **Catedral, obra feita de símbolos**. Jornal A Notícia – Joinville, 20/02/1981.

EAGLETON, Terry. **A ideia da cultura**. Tradução de Sandra Castelo Branco. São Paulo: Unesp, 2005.

FERRARO, Benedito. **A teologia como produto social e produtora da sociedade: a relevância da teologia**. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho N.; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos*. São Paulo: Paulinas, 2011.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

FUNARI, Pedro P.; Sandra C. A. P. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

FRANCISCO, José Chafi (Monsenhor). **Dom Pio de Freitas Silveira - C.M.: uma vida a serviço da Igreja**. Joinville: Grafil, 2002.

FREI BETTO. **O que é comunidade eclesial de base**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GHANEM, Sadalla Amin. **Catedral de Joinville**. Joinville, s.d.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do;jsessionid=B920AADC293826B112A334C7553E4838?id=15481&retorno=paginalphan>. Acesso em 02 de agosto de 2015.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: Unicamp, 1990.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LIBÂNIO, Batista João. **Igreja contemporânea: encontro com a modernidade**. São Paulo: Loyola, 2002.

MACEDO, Carmen Cinira. **Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

JORNAL DE JOINVILLE. Sábado, p.8, datado em 05/06/1971

MARTINS, Clerton; LEITE, Liliana. **Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial**. In: MARTINS, Clerton (org). *Patrimônio Cultural: Da memória ao sentido de lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

MARTINS, Maria H. Pires. **Preservando o patrimônio e construindo a identidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/4%20-%20MENESES.pdf>. Acesso em 12/04/2017.

MIRA, Fátima Mirany de. **Arquitetura moderna em Joinville: a Catedral Diocesana São Francisco Xavier**. Dissertação de Mestrado. UNIVILLE: Joinville, 2012.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural: Consciência e Preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PISKE, Meinrad. **Dom Gregório: meu amigo**. In: WARMELING, Gregório. *Dom Gregório Warmeling: pastor e profeta*. Blumenau: Odorizzi, 2001.

SACRAMENTÁRIO. Com aprovação eclesiástica. 5ª Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SEGAWA, Hugo. **Arquitetura no Brasil – 1900-1990**. 3ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

SILVA, Fernando Fernandes da. **As cidades brasileiras e o patrimônio cultural da humanidade**. 2ª Ed. São Paulo: Peirópolis, 2012.

SILVEIRA, Luiz Henrique da. **A Era, Dom Gregório**. In: WARMELING, Gregório. *Dom Gregório Warmeling: pastor e profeta*. Blumenau: Odorizzi, 2001.

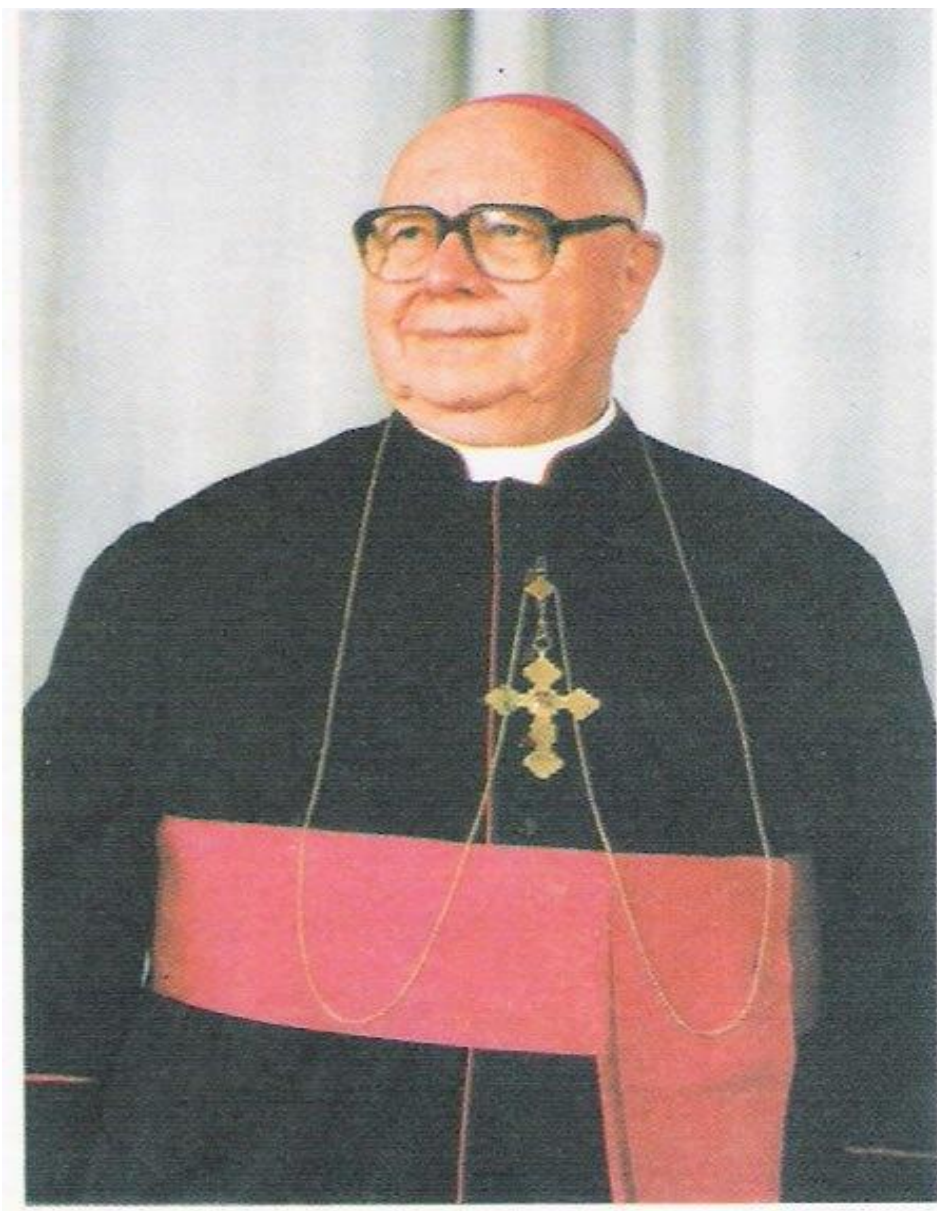
TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**. Joinville: Meyer, 1986.

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. Cultrix, 2014.

WEBER, Padre Bertino. **Dom Gregório e a Catedral**. In: WARMELING, Gregório. Dom Gregório Warmeling: pastor e profeta. Blumenau: Odorizzi, 2001.

WESTPHAL, Euler Renato. **Linguagem como representação**: uma breve aproximação hermenêutica. In: LAMAS, Nadja de Carvalho; JAHN, Alena Rizi Marmo (Orgs). Arte e cultura: passos, espaços e territórios. Joinville: UNIVILLE, 2012.

## ANEXO

**DOM GREGÓRIO WARMELING – PADRE DA IGREJA**

Dom Gregório Warmeling

Externamente, Dom Gregório Warmeling poderia ser descrito como “uma imagem e uma voz”: com seu 1,85 de altura e média de 120kg causava profunda impressão. E essa era aumentada quando soltava a voz: dicção impecável, belo timbre com inflexões seguras que iam do profundo grave ao agudo. Um comunicador nato. Importante, porém, era sua grandeza interior.

Nasceu em São Ludgero, SC em 17 de abril de 1918. Ingressou no Seminário de Azambuja em 1929 e foi ordenado presbítero em 5 de setembro de 1943. De setembro de 1943 a 12 de fevereiro de 1944 foi vigário paroquial do Santíssimo Sacramento, Itajaí.

Nos três anos seguintes, dedicou-os à formação no Seminário de Azambuja: de 1944 a 1946 como professor, em 1944 prefeito de disciplina, nos anos de 1945 e 1946 foi diretor espiritual. Ao mesmo tempo, Pe. Gregório foi mestre de canto na *Scholla* musical do Seminário: era regente e tinha habilidade para arranjos e composições musicais. Criou a Banda de Música em Azambuja.

O início de 1947 foi tumultuado naquela instituição. Por conflitos na linha de formação, falta de unidade no corpo docente, o arcebispo Dom Joaquim transferiu, num decreto só, o reitor Cônego Bernardo Peters, os diretores espirituais Pe. Gregório e Pe. José Locks e o professor Pe. Wilson Laus Schmidt.

Em 18 de janeiro de 1947 foi nomeado vigário paroquial de São José, em Criciúma, acompanhando o pároco, Pe. Wilson Laus Schmidt.

Em 25 de janeiro de 1948 Pe. Gregório Warmeling recebeu a provisão de pároco de Santo Antônio de Laguna onde, por seus dotes humanos e sacerdotais, tornou-se um verdadeiro mito. No plano administrativo foi o responsável pela colocação da imagem de Nossa Senhora da Glória no Morro Pau-do-Sinai, hoje Morro da Glória. O monumento tem 14 metros de altura e foi inaugurado em 1953. É local de turismo e devoção. Durante muitos anos Laguna viveu da lembrança desse grande pároco, de sua oratória, zelo e simpatia. Como que recordava as glórias passadas da comunidade lagunense.

## **Bispo diocesano de Joinville – Viver o Cristo**

No dia 3 de abril de 1957 foi eleito segundo bispo diocesano de Joinville. Como lema episcopal escolheu “*Mihivivere Christus*” (Fl 1,21): *Para mim o viver é Cristo*. Seu longo episcopado foi uma busca séria, pessoal e eclesial, da centralidade de Jesus Cristo. Se pudesse, colocaria em cada igreja somente uma Cruz e a imagem do Ressuscitado. O lema também realizou sua serena busca da santidade pessoal que não o fez perder a esperança mesmo nas horas mais difíceis dos fracassos e incompreensões. Teve sempre clara a serenidade que brota de quem cumpre o dever com justiça, segundo as limitações pessoais, e sabia que os críticos cumprem sua missão.

A ordenação episcopal, grandiosa sobre todos os pontos, foi na secular matriz de Laguna em 29 de junho de 1957, sendo bispo ordenante Dom Joaquim Domingues de Oliveira e co-ordenantes Dom Anselmo Pietrulla, OFM e Dom Inácio Krause, CM.

Assumindo Joinville, Dom Gregório deparou-se com a difícil situação vivida pela renúncia por motivo de saúde do primeiro bispo, o santo Dom Pio de Freitas, CM e pela experiência tumultuada de dois bispos administradores apostólicos que dividiram o clero. Dom Gregório foi recebido com muito entusiasmo e esperança. Parte do clero o tinha conhecido no Seminário de Azambuja.

Para auxiliar o povo no canto e nas orações durante a Missa e como devocionário, elaborou o livro ALELUIA, usado por muitas paróquias do Brasil.



Um ponto que marcou a unidade diocesana foi a construção da Catedral diocesana, um plano que já se arrastava por anos. Após longos estudos, optou-se pelo projeto do Arquiteto curitibano Matié que estruturava toda a obra numa idéia-chave: a História da Salvação. Tudo expresso numa simbologia moderna. A finalização da obra demorou 45 anos: a construção teve início em 1960, foi inaugurada em 5 de junho de 1977 e só terminou em 24 de dezembro de 2005, quando foi concluída a torre do campanário de 24 metros de altura. Nomes representativos na direção das obras: os padres Sebastião Scarzello até 1964, Pe. Tito Buss e, depois de 1968, Pe. Bertino Weber, párocos da Catedral, e a obstinada ajuda do Dr. Sadala Amin Ghanem e do engenheiro Felipe Arns, irmão do Cardeal Arns. Os vitrais, de difícil compreensão popular, foram inspirados na teologia de Teilhard de Chardin.

Acompanhando a expansão demográfica dos polos Joinville e Blumenau, criou 32 paróquias. Devido ao forte crescimento populacional da diocese e à sua grande extensão geográfica, em 1968 teve parte desmembrada para a criação da Diocese de Rio do Sul. Passo seguinte, mas tendo como bispo Dom Orlando Brandes, novo desmembramento no ano de 2000 para a criação da diocese de Blumenau.

## **A formação de padres num tempo de transformações**

A diocese de Joinville contava com um Pré-Seminário no Morro dos Monos, Salete. O estudo clássico era feito no Seminário de Azambuja, por concessão de Dom Joaquim. Em 1958 o Pré-Seminário, pela difícil localização, foi vendido aos Padres Espiritanos. No mesmo ano teve início a construção do Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Taió, inaugurado em 1960.

O Concílio do Vaticano II (1962-1965) despertou em Dom Gregório um entusiasmo incontido. Pode-se resumir isso numa frase pronunciada por ele já no final da existência: “Incendeiem a Diocese!”. Participou de todas as Sessões do Concílio e, ao final, fez parte do grupo de bispos que nas Catacumbas de São Calixto assinaram o “Pacto das Catacumbas”: ao retornarem às suas dioceses renunciariam a toda ostentação, a tudo o que simbolizasse poder e prestígio. Retornando à Diocese, Dom Gregório abandonou vestes e ornamentos episcopais principescos, assumindo as vestimentas dos padres e leigos. Alugou o Palácio episcopal e foi morar num apartamento, mais tarde trocado por uma casa. Evidente que não foi pequeno o escândalo e a revolta dos joinvillenses que, com tanto carinho, tinham edificado o Palácio!

Era claro que a um novo conceito de Igreja, Povo de Deus, estava ligada a formação dos futuros presbíteros e a renovação dos atuais. Dom Gregório se empenhou na promoção de cursos de atualização e sentia grande dor quando não era correspondido em seu entusiasmo ou quando um padre deixava o ministério. Mas, não desanimava: era preciso lutar. E como ficaria o Seminário? Dom Gregório não tinha medo de experiências. Em 1968 foi criada a diocese de Rio do Sul e Joinville ficou sem Seminário. Os seminaristas deixaram Azambuja e foram residir numa casa em Joinville, simbolicamente denominada Casa João XXIII. A experiência durou dois anos. Em 1970 colocou os seminaristas a residirem em Joinville, em casas de família, “para que não perdessem o espírito familiar”. E a experiência não deu certo, mas Dom Gregório concluiu: “Valeu a experiência”.

Houve então uma lacuna severa na formação diocesana. Dom Gregório buscava caminhos que não os tradicionais. Em 1975, Pe. Vertolino José Silveira recebeu na Casa paroquial da Garcia, em Blumenau, alguns vocacionados. Foi denominado Seminário São José. Mas, em 1979, Dom Gregório, contando com o auxílio de dois padres italianos, fundou o Seminário

diocesano em Joinville e que recebeu o nome de “Divino Espírito Santo”. O auxílio foi bem-vindo, pois o número de padres disponíveis para a formação era reduzido.

## Amor e caridade para com os pobres

Era um bispo que amava e respeitava os pobres. Viveu a Igreja pobre do Vaticano II, o compromisso com os pobres de Medellín e Puebla. Não negava esmola a quem lhe pedia pelo caminho. Estimulou e apoiou os religiosos, padres e paróquias que se empenhavam em iniciativas de transformação social. O que não fez foi por falta de pessoas que formatassem suas ideias e intuições. Sofria com a acomodação de alguns padres. Talvez Dom Gregório caminhava muito depressa, sem olhar se todos o estavam acompanhando. Promoveu um Sínodo diocesano, pelo qual lutou, se entusiasmou, pintou faixas no asfalto da BR 101, esperava milagrosas transformações mas, frustrou-se. O Sínodo começou e não terminou. Era sensível às críticas, incompreensões, chegando às lágrimas.

Apoiou o Pe. Luiz Facchini em seu compromisso com as crianças famintas de Joinville, trabalho esse que assumiu caráter institucional em 1994 com a **Fundação Pauli-Madi Pró-Solidariedade e Vida**, cujas **Cozinhas Comunitárias** hoje servem 3.500 refeições diárias e que estende o raio de ação para as populações indígenas.

Acreditava na solidariedade da população para as obras da Igreja e campanhas beneficentes, costumando dizer que “Joinville não falha”.

## O ecumenismo

Além de Joinville ser uma cidade majoritariamente luterana, pulsava em Dom Gregório a preocupação ecumênica, tão afirmada no Concílio. Sempre manteve um relacionamento fraterno com os pastores evangélicos, fugindo a qualquer tipo de agressão confessional.

Desde a década de 1960 o episcopado catarinense discutia a introdução da educação religiosa nos estabelecimentos públicos. Surgia tanto o problema de incluí-la na grade curricular quanto o da manutenção dos professores. Ele sugeriu que cada paróquia pagasse um professor de religião.

Unido com os bispos e pastores evangélicos, especialmente com o discernimento e a amizade de Dom Afonso Niehues, trabalhou com empenho no projeto de educação religiosa ecumênica: as crianças e jovens seriam formadas num espírito novo, de unidade cristã. Fruto disso foi o CIER – Conselho de Igrejas para a Educação Religiosa que fez história entre 1970 e 1997. Devido à Constituição de 1988, que previa a educação religiosa, mas não ecumênica, foi substituído pelo CONER – Conselho do Ensino Religioso no Estado de Santa Catarina.

Dom Gregório era um pastor e não um teólogo refinado: toda a sua atividade ecumênica, sua vida fraterna com pastores evangélicos era consequência de um sonho: que estivessem unidos todos os que creem no Cristo.

## Visão da História

A partir de 1975 a Província do Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs da Divina Providência, viveu dolorosa divisão entre as Irmãs que optavam por viver inseridas em comunidades de

periferia e Irmãs que optavam pela vida conventual tradicional. Crescendo a dificuldade de convivência, houve denúncia à Santa Sé, que nomeou um beneditino, Dom Bernardo Accioli, como Visitador. Não havendo ainda acordo, foi nomeado o bispo auxiliar do Rio de Janeiro Dom Karl Romer, que veio com convicção formada: as Irmãs da periferia eram más religiosas, as outras santas. Concluindo seu processo canônico, exigiu a renúncia do Conselho Provincial, exigência essa não aceita, e em seguida o Conselho foi demitido. Estamos em 1978: a Província perdeu dezenas de Irmãs. Para surpresa de Dom Romer, quase 70 delas optaram por continuar na vida religiosa criando a Associação Fraternidade Esperança, que até hoje se doa em regiões de pobreza. Era necessário que um bispo assumisse a Associação: Dom Gregório aceitou-a prontamente. Não iria deixar de lado uma força tão preciosa na vida da Igreja. Foi muito criticado por isso.

Em 1986, um grupo de oito jovens, oriundos da Renovação Carismática Católica, a convite do coordenador Elias Dimas dos Santos, hoje fundador da **Comunidade Arca da Aliança**, com a bênção do pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Joinville, Pe. Higinio Rohden, veio fixar residência numa pequena chácara nas proximidades da paróquia para aí iniciar uma experiência de vida comunitária e dar continuidade ao trabalho de evangelização que, aproximadamente há três anos, faziam juntos, principalmente entre os jovens das paróquias vizinhas. Assumiram como missão os meios de comunicação e as visitas aos presidiários. Dom Gregório não teve dúvidas de abençoar a iniciativa que hoje é tão preciosa na vida da Igreja. Isso mostra seu espírito aberto: com as Irmãs, a bênção ao carisma social; com a Arca da Aliança, a bênção ao carisma estritamente religioso. Ambos proféticos.

## **A Cruz de quem vive o Cristo**

Dom Gregório foi um homem amado pelo povo cristão e, certamente, muito criticado pelas elites e certas esferas religiosas e clericais. Sua atitude aberta, sua palavra nem sempre refinada e que lembrava um colono de São Ludgero, foram motivos de incompreensão e geraram calúnias diabólicas.

Em plena ditadura, Joinville recebeu a visita do presidente da República, o general Geisel, que iria à Catedral para participar da celebração da santa Missa. O prefeito era Pedro Ivo Campos. Dom Gregório determinara que a leitura bíblica seria feita pelo prefeito. Um assessor militar objetou: “O prefeito é do MDB. Não pode falar!” Sem pestanejar, Dom Gregório retrucou, direto: “No País, manda o presidente. Aqui na Igreja, mando eu! O prefeito vai ler o texto!” E Pedro Ivo leu.

Foi acusado de ser rico, ser proprietário de fazendas, empresa de ônibus, estar envolvido em tráfico de drogas etc.

O que mais lhe doeu foi o presente que recebeu do Vaticano às vésperas de seu Jubileu de Prata episcopal, em 1984: carta do Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos, Cardeal Sebastião Baggio pedia sua renúncia ao ministério episcopal, sem nem oferecer-lhe o direito de defesa. Motivo: suas liberdades com religiosas que com ele vinham se aconselhar. A calúnia vinha de dentro da Igreja, por isso muito mais dolorosa. E, com certeza, até o fim de sua vida Dom Gregório foi fiel ao celibato assumido em sua ordenação. Sua saúde não foi mais a mesma: tinham ferido sua dignidade e responsabilidade.

Dom Gregório era efusivo, afetuoso com todos. Daí a caluniá-lo o caminho era curto.

Não desanimou. Uma cruz foi extremamente dolorosa para ele: a morte inesperada de Mons. Clemente Antônio Muziol em 27 de novembro de 1985, seu amigo, confidente, *alter ego*. Para estar livre para a ação pastoral, o profetismo e, por que não?, as improvisações e experiências, Dom Gregório confiou-lhe o governo da Diocese, de modo particular toda a parte burocrática e administrativa. A morte imprevista desse homem aos 68 anos arrefeceu muito a alegria de Dom Gregório. Foi como perder um braço. Outra perda foi a renúncia de Dom Afonso Niehues à arquidiocese de Florianópolis em 1991 (e falecimento em 30 de setembro de 1993). Dom Afonso e Dom Gregório se completavam: a prudência do primeiro com o entusiasmo do segundo, os passos lentos do primeiro com a agitação do segundo: dois amigos diferentes, e que trabalhavam um olhando para o outro.

## Na paz dos justos

Completados os 75 anos de idade, apresentou o pedido de renúncia em 17 de abril de 1993. No dia 9 de março de 1994 foi publicada a nomeação de seu sucessor, o Pe. Orlando Brandes, professor de Teologia Moral no ITESC de Florianópolis e que assumiu no dia de sua ordenação episcopal, em 5 de junho de 1994. Era o candidato de Dom Gregório e, organizado, deu impulso a muitas intuições do antecessor. Os que fazem leituras históricas ingênuas procuram fazer a diocese começar com Dom Orlando: na Igreja, os grandes homens se sucedem e não se substituem!

Disposto a colaborar com o sucessor, passou a residir em casa própria. Pouco depois foi surpreendido por um câncer maligno de efeitos devastadores. Foi ao ser informado de seu fim próximo que gritou: “Incendeiem a diocese!”.

Na sua primeira Missa em São Ludgero, apenas ordenado bispo de Joinville, confidenciou:

*Devo a minha vocação ao Monsenhor Tombrock. Como acólito, quando criança, ajoelhado nos degraus do altar, observei o venerável celebrante que voltou para o povo, abriu os braços e o saudou, dizendo: Dominus vobiscum. Naquele instante, senti um impulso forte e uma voz interior que me dizia – Gregório, por que tu não podes ser como ele, sacerdote da Igreja, chamado e enviado por Deus? Ouvi e respondi: Aqui estou. Parti para iniciar meus estudos no Seminário. Um caminho que seguiu até a morte. Faleceu em 3 de janeiro de 1997.*

Seus restos mortais repousam na Catedral diocesana de Joinville.

**Pe. José Artulino Besen**

BESEN, Pe. José Artulino. **Dom Gregório Warmeling – Padre da Igreja.** 04/07/2012. Disponível em: <http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/dom-gregorio-warmeling-%E2%80%93-padre-da-igreja/>. Acesso em 18/09/2013.